YOUR DREAMS ARE NOT YOUR OWN

WAKE

LISA McMANN

Traduzido por:

Nelda Mews Farias

Colaboração:

Dany Rocha

Wake (2008)
Fade (2009)
Gone (2010)

Wake - Lisa Mcmann

Sinopse: *Por dezessete anos Janie vem sendo sugada para dentro dos sonhos de outras pessoas, e isso estava ficando cansativo. Especialmente os sonhos sobre quedas, nudismo, e sexo selvagem. Janie já havia visto fantasias o suficiente para o resto de sua vida.*

Ela não poderia contar para ninguém sobre o que ela podia fazer—Eles nunca acreditariam nela, ou pior, eles pensariam que ela era uma aberração. Então Janie vivia no limite, amaldiçoada com uma habilidade que não queria e não podia controlar.

Então ela é sugada para dentro de um pesadelo, que a apavora até os ossos. Pela primeira vez, Janie é mais do que uma espectadora da mente distorcida de outra pessoa. Ela é uma participante...

Seis minutos

9 de dezembro de 2005
12h55min

O livro de matemática de Janie Hannagan escorregou de seus dedos. Ela agarrou a borda da mesa na biblioteca da escola. Tudo ficou escuro e silencioso. Ela suspirou e descansou a cabeça sobre a mesa.

Suas tentativas de escapar daquilo haviam falhado miseravelmente. Hoje ela estava muito cansada e faminta para conseguir. Ela realmente não tinha tempo para aquilo.

E então.

Ela estava sentada na arquibancada do estádio de futebol, piscando sob as luzes, calada em meio ao rugido da platéia.

Ela olhou para as pessoas ao seu redor na arquibancada (companheiros de classe e pais) tentando identificar o sonhador. Ela sabia que o sonho era sobre medo, mas onde ele estaria? Então ela voltou sua atenção para o campo de futebol. E o encontrou. Ela revirou os olhos.

Era Luke Drake. Não havia dúvidas sobre isso. Pois, ele era afinal, o único jogador nu no campo do jogo de retorno ao lar.

Ninguém parecia notar ou se importar. Exceto ele. A bola é jogada e as linhas de jogadores colidem, mas Luke estava se cobrindo com as mãos, pulando de um pé para outro. Ela podia sentir seu pânico aumentando. Os dedos de Janie começaram a formigar e a ficar insensíveis.

Luke olha para Janie, seus olhos imploravam, enquanto a bola vinha em sua direção, como um projétil em câmera lenta. – me ajude. Ele disse.

Ela pensou em ajudá-lo. Se perguntando o que aconteceria se ela mudasse o curso do sonho de Luke. Ela chegou a considerar que uma injeção de confiança na estrela do time, um dia antes do grande jogo, poderia colocar a *Fieldridge High* na corrida para o campeonato da primeira classe.

Mas Luke era um idiota. Ele não saberia apreciar isso. Então ela se resignou a observar o espetáculo. Pensando se ele iria escolher o orgulho ou a gloria.

Ele não era tão grande como ela pensava que ele era.

E isso era uma maldita verdade.

A bola quase havia alcançado Luke quando o sonho recomeçou. *"oh, vamos logo com isso."* Janie pensou. Ela começou a se concentrar em seu banco na arquibancada e lentamente conseguiu ficar em pé. Ela tentou caminhar de um lado para outro sob a arquibancada pelo restante do sonho, para que não tivesse que olhar, e surpreendentemente dessa vez ela conseguiu.

Aquilo havia sido um premio.

13h01min

A mente de Janie se catapultou de volta para seu corpo, ainda sentado em seu lugar na mesa do canto da biblioteca. Ela flexionou os dedos doloridos, e quando a visão retornou levantou a cabeça e olhou pela biblioteca.

Viu o culpado em uma mesa a cerca de quatro metros e meio de distancia. Ele estava acordado agora. Esfregando os olhos e sorrindo sem graça para os outros dois jogadores de futebol que estavam perto dele, rindo. Eles o empurravam e davam tapas em sua cabeça.

Janie balançou a cabeça para clareá-la e levantou seu livro de matemática, que estava virado sobre a mesa onde havia caído. Embaixo dele ela encontra uma barra de Snickers[1]. Ela sorriu e olhou para a esquerda, por entre as fileiras de estantes.

Mas não havia ninguém ali para ela agradecer.

Quando tudo começou

Tarde 23 de dezembro de 1996.

Janie Hannagan tinha oito anos. Ela usava um vestido fino e desbotado, com mangas que estavam muito curtas, meias calças que apertava nas pernas, botas cinza, e casaco marrom, com dois botões faltando. Seu cabelo loiro escuro comprido estava elétrico com a estática. Ela estava em um Amtrak[2] com sua mãe indo de sua casa em Fieldridge em Michigan, para Chicago visitar a avó. A mãe dela estava no banco em frente ao dela, lendo o Globo. A revista tinha uma figura na capa, um homem enorme usando um terno azul. Janie apoiou a cabeça contra a janela, observando sua respiração formar uma nuvem no vidro.

A nuvem embaçava a visão de Janie tão lentamente que ela não percebeu o que estava acontecendo. Ela flutuou na neblina por um momento, e então estava em uma sala ampla, sentada em uma mesa de reuniões, com cinco homens e três mulheres. Na frente da sala estava um homem alto, e careca que segurava uma pasta. Ele estava apenas com suas roupas de baixo, fazendo uma apresentação. E estava nervoso. Ele tenta falar, mas não consegue, nenhuma palavra saia de sua boca. Os outros adultos estavam todos usando ternos. Eles riam e apontavam para o homem careca usando somente roupas de baixo.

O homem careca olhou para Janie.

E então para as pessoas que riam dele.

Seu rosto se torceu em derrota.

---

[1] Snickers é uma barra de chocolate feita pela Mars, Incorporated. Consiste em torrone de manteiga de amendoim coberto com amendoins e caramelo com chocolate ao leite.

[2] Empresa de trens de passageiros.

Ele segurou sua pasta em frente ás partes intima, e isso fazia com que os outros rissem ainda mais.
Ele correu para a porta da sala de conferencias, mas a fechadura estava emperrada. Ele não conseguia abrir a porta. A porta rangia e chacoalhava em suas mãos, e as pessoas na mesa se dobravam de rir. A roupa de baixo do homem era cinza e branca, e folgada. Ele olhou novamente para Janie em pânico e implorou.

Janie não sabia o que fazer.

Ela ficou petrificada.

O freio do trem gritou.

E a cena ficou esfumaçada e se perdeu na neblina.

- Janie! -A mãe de Janie estava inclinada na direção dela. Seu hálito cheirava a *gin*, e seu cabelo amarrotado caia em frente aos olhos. – Janie, eu disse que talvez a vovó leve você até aquela loja de bonecas grande e chique. Pensei que você fosse ficar animada, mas acho que me enganei. -A mãe de Janie bebeu de uma garrafa em sua velha bolsa.
Janie olhou para a mãe e sorriu. – isso parece ser legal. Ela disse, mesmo sabendo que não gostava de bonecas. Ela preferiria ter meias novas. Janie se remexeu no acento tentando ajustar as meia, os fundilhos apertavam suas cochas. Ela pensou sobre o homem careca, e esfregou os olhos. Estranho.

Quando o trem parou, elas pegaram as malas e caminharam para a plataforma. Em frente á mãe de Janie um homem careca e desarrumado emergiu de seu compartimento.

Ele limpou o rosto com um lenço.

Janie olhou para ele. Sua boca se abriu. – Uau. -Ela sussurrou.

O homem olhou para ela de forma indiferente quando a vê, e se vira saindo do trem.

6 de setembro de 1999.
15h05min

Janie correu para pegar o ônibus depois de seu primeiro dia no sexto ano. Melinda Jeffers, uma garota do lado norte de Fieldridge, esticou o pé, fazendo Janie cair deitada no cascalho. Melinda ri por todo o caminho até o brilhante *Jeep Cherokee* da mãe dela. Janie lutou contra a urgência de chorar, e limpou a roupa. Ela entrou no ônibus, se ajeitando no banco da frente, e olha para a sujeira e o sangue na palma das mãos, e para o rasgo no joelho de sua já surrada calça.

A sexta série fazia a garganta de Janie doer.

Ela reclinou a cabeça contra a janela.

Quando chegou a casa, Janie passou por sua mãe, que estava no sofá assistindo Guiding light[3] e bebendo de uma garrafa de vidro transparente. Janie lavou as mãos que latejavam com cuidado, as secou, e sentou ao lado da mãe, esperando que ela notasse. Esperando que ela falasse alguma coisa.

Mas a mãe de Janie estava dormindo.

Sua boca estava aberta.

[3] Guiding Light é um programa de televisão dos Estados Unidos da América, creditado como a mais duradoura série dramática pelo Guianês World Records, estando em atividade desde 1952.

Ela roncava levemente.

A garrafa ainda em suas mãos.

Janie suspirou, colocou a garrafa na desgastada mesinha de café, e começou a fazer a lição de casa.

Na metade do trabalho de matemática, a sala ficou escura.

Janie estava seguindo por um túnel brilhoso, como um caleidoscópio multicolorido. Não havia chão, e Janie estava flutuando enquanto as paredes giravam ao redor dela. Isso a fazia querer vomitar.

No túnel próximo a Janie estava sua mãe, e um homem que parecia como um Jesus cristo loiro. O homem e a mãe de Janie estavam voando de mãos dadas. Eles pareciam felizes. Janie gritou, mas nenhum som saiu. Ela só queria que aquilo terminasse.

Ela sentiu o lápis cair dos dedos.

Sentiu seu corpo escorregar do braço do sofá.

Ela tentou se sentar, mas com o redemoinho de cores ao seu redor, ela não saia dizer qual lado era o certo. Ela puxou seu corpo com força e acabou caindo sobre sua mãe.

As cores se apagaram, e tudo ficou escuro.

Janie escutou a mãe resmungar.

Sentiu um empurrão.

Vagarosamente a sala entrou em foco novamente, e a mãe de Janie lhe deu um tapa em sua cara.

- Saia de cima de mim. A mãe dela disse. – O que á de errado com você?

Janie sentou e olhou para a mãe. Seu estomago se revirava, e ela estava tonta por causa das cores. – Estou me sentindo mal. Ela sussurrou, e então saiu tropeçando em direção do banheiro para vomitar.

Quando ela conseguiu sair, pálida e tremendo, sua mãe havia saído do sofá e entrado no quarto.

Obrigado Deus. Janie pensou. Jogando água fria no rosto.

1 de janeiro de 2001
07h29min

Um caminhão da *U-Haul* parou em frente da casa ao lado. Um homem, uma mulher e uma menina da idade de Janie saíram e se afundaram na neve que cobria a estrada da casa. Janie observava da janela do quarto.

A garota tinha cabelo escuro e era bonita.

Janie se perguntou se ela iria ser pretensiosa, como todas as outras garotas na escola que chamavam Janie de lixo branco. Já que essa garota morava na casa ao lado, no lado errado da cidade, talvez eles também a chamassem de lixo branco.

Mas ela era realmente bonita.
Bonita o suficiente para fazer a diferença.

Janie se vestiu rapidamente, colocando as botas e o casaco, e caminhou para a casa ao lado para ter a chance de conhecer a menina antes que as garotas do lado norte a conhecessem. E Janie estava desesperada por uma amiga.

- Vocês precisam de ajuda? -Janie perguntou com uma voz mais confiante, do que realmente se sentia.

A garota parou em seu caminho. O sorriso aprofundava as covinhas nas bochechas dela, ela inclinou a cabeça. – Olá. - ela disse. – Sou Carrie Brandt.

Os olhos de Carrie brilhavam.

O coração de Janie pulou.

2 de março de 2001
19h34min

Janie tinha treze anos.

Ela não tinha saco de dormir, mas Carrie tinha um sobrando que Janie poderia usar. Janie colocou sua sacola plástica no chão perto do sofá na sala de Carrie.

Dentro da sacola:

Um presente feito a mão para Carrie.

O pijama de Janie.

Uma escova de dente.

Ela estava nervosa. Mas Carrie conversava o suficiente pelas duas, esperando que a outra amiga de Carrie, a Melinda Jeffers chegasse.

Sim, aquela Melinda Jeffers.

Dos Jeffers do lado norte de Fieldridge.

Aparentemente Melinda Jeffers também era a presidente do clube: “fazendo a Janie Hannagan infeliz”. Janie limpou as mãos suadas em seu jeans.

Quando Melinda chegou, Carrie foi fria com ela. Janie acenou um olá.

Melinda sorri. E tanta sussurrar alguma coisa para Carrie, mas Carrie a ignora e diz. – hei! Vamos arrumar o cabelo da Janie.

Melinda jogou um olhar afiado para Carrie.

Carrie sorriu para Janie, perguntando com o olhar se estava tudo bem.

Janie tenta sorrir e Melinda bufou e fingiu que ela afinal de contas ela não ligava.

Mesmo Janie sabendo que aquilo a estava matando.

As três garotas lentamente ficaram mais confortáveis, ou talvez apenas mais resignadas uma com a outra. Elas colocaram maquiagens e assistiram a vídeos de comédias antigas, que eram as preferidas de Carrie. Algumas delas Janie nunca ouvira falar. E então elas brincaram de verdade ou desafio.

Carrie alternava: verdade, desafio, verdade, desafio.

Melinda sempre escolhia verdade.

Janie sempre escolhia desafio.

Ela era a garota dos desafios.

Dessa maneira ninguém via o que havia por dentro.

Ela não podia se permitir deixar ninguém entrar.

Eles poderiam descobrir sobre seu segredo.

As risadas ficaram histéricas quando Melinda desafiou Janie a correr descalça na rua sobre a neve, ao redor do quintal, tirar as roupas e fazer um anjo de neve nua.

Janie não teve problemas para fazer isso.

Por que na verdade, o que ela tinha a perder?

Ela escolheria aquele desafio a qualquer hora, á ter que contar seu segredo.

Melinda observava Janie, os braços cruzados no ar frio da noite, e com uma expressão de zombaria no rosto, enquanto Carrie ria e ajudava Janie a colocar sua camiseta e jeans de volta em seu corpo molhado. Carrie pegou o sutiã de Janie encheu a taça de neve, e jogou bolas de neve em Melinda.

- Eca, nojento. -Melinda zombou. – Onde você arranjou essa coisa velha. Exército da Salvação?

O sorriso de Janie desapareceu. Ela agarrou o sutiã de Carrie e o colocou no bolso de seu jeans, envergonhada. – Não. -Ela disse hostil, então riu novamente. – É da boa ação. Por que, parece familiar?

Carrie bufou.

Até mesmo Melinda riu relutante.

Elas voltaram para dentro, para comer pipoca.

23h34min

O nível do barulho na sala da casa de Carrie diminuiu junto com as luzes depois que o Sr. Brandt, pai de Carrie parou no corredor e mandou que as três meninas calassem a boca, e fossem dormir.

Janie fechou seu saco de dormir que cheirava a mofo e fechou os olhos, mas ela estava muito agitada para dormir depois daquele emocionante anjo na neve. Ela teve uma noite divertida, apesar de Melinda. Ela aprendeu como ser uma menina rica (pareceu legal por cerca de um dia, mas havia muitas lições mal cheirosas), e que Luke Drake é supostamente o cara mais quente da classe (na mente de Carrie), e o que pessoas como Melinda faziam quatro vezes por ano (eles tiravam férias em lugares exóticos). Quem diria?

Agora os risos diminuíam ao redor dela, e Janie abriu os olhos para encarar o teto escuro. Ela estava feliz por estar ali, mesmo sabendo que Melinda implicava com ela, por causa das roupas. Melinda até mesmo tivera a coragem de perguntar para Janie por que ela nunca usava nada novo. Mas Carrie a calou com uma exclamação. – Janie, você ficou incrível com o cabelo para trás desse jeito. Não é mesmo, Melinda?

Pela primeira vez o cabelo de Janie estava preso em uma trança francesa e agora, deitada no saco de dormir, ela sentia o calombo pressionando contra seu escalpo através do travesseiro. Talvez algum dia Carrie pudesse ensinar Janie a fazer aquela trança.

Ela precisava ir ao banheiro, mas estava com medo de levantar, em caso do pai de Carrie pudesse escutá-la e começar a gritar novamente. Ela ficou deitada quieta como as outras garotas, escutando a respiração delas enquanto caiam no sono. Melinda estava no meio, curvada de lado, virada para Carrie, de costas para Janie.

12h14min

O teto nublou e desapareceu. Janie piscou e estava na escola, na aula de educação cívica. Ela olhou ao redor e percebeu que não estava em sua classe do quarto período, mas na classe seguinte. Ela estava em pé no fundo da sala. Não havia assentos vagos. A Sra.Parchelli, a professora, discursava sobre o poder judiciário do governo e o que a suprema corte de justiça usava sob suas vestes. Ninguém parecia surpreso que a Sra.Parchelli os estava ensinando isso. Alguns alunos tomavam notas.

Janie olhou ao redor para os rostos na sala. Na terceira fileira, sentada na classe no centro, estava Melinda. Ela tinha um olhar sonhador em seu rosto. Melinda estava encarando alguém na fileira ao lado, um assento para frente. Enquanto a professora falava, Melinda levantou lentamente e se aproximou da pessoa que ela vinha encarando. Do funda da sala Janie não podia ver quem era.

A professora parecia não notar. Melinda se ajoelhou próximo a mesa e tocou a mão da pessoa. Em câmera lenta, essa pessoa se virou para Melinda, tocou seu rosto, e então se inclinou para frente. Beijando Melinda. E depois de um momento, elas se levantaram ainda se beijando. Quando elas se separam, Janie pode ver o rosto da parceira de beijo de Melinda. Melinda leva sua parceira pela mão até a frente da sala e abre a porta do armário. O sinal toca, e como formigas os estudantes seguiram em direção da saída.

O teto da sala de Carrie Brandt voltou a aparecer quando Melinda suspira e vira de barriga para baixo, em seu saco de dormir. *Aterrorizante*! Janie pensa. Ela olha para o relógio. Era 01h23min.

01h24min

Janie rola deitando de lado e estava caminhando em uma floresta. Estava escuro por casa das sombras, não por que era noite. Alguns raios de uma luz do sol fraca apareciam através da cobertura das arvores. Caminhando na frente de Janie estava Carrie. Elas caminhavam pelo que pareceu ser um quilometro e meio ou mais, e de repente um rio caudaloso apareceu á apenas alguns passos delas. Carrie para, escutando alguma coisa. Ela grita com uma voz desesperada. – Carson! -Carrie grita o nome sem parar, até que a floresta se enche com sua voz. Carrie caminha pela encosta alta do rio tropeçando em uma raiz de arvore. Janie bate contra ela e cai, Carrie a ajuda a levantar. Ela olhou para Janie de uma maneira confusa. – Você nunca esteve aqui antes. Carrie volta a buscar por Carson, seus gritos ficando mais altos.

Então ha um barulho no rio, um garoto pequeno aparece na superfície, se movendo rapidamente na correnteza. Carrie corre pela encosta e grita. – Carson! Saia daí! Carson!

O garoto sorri e se engasga com a água. Carrie estava desesperada. Ela estendeu a mão para o garoto, mas não fazia diferença. A encosta era muito alta, e o rio muito rápido para ela se aproximar para alcançá-lo. Agora Carrie chorava.

Janie assistiu com seu coração aos pulos. O garoto continuava a sorrir e a se engasgar, afundando na água. Ele estava se afogando.

- O ajude! Carrie gritou. – Salve ele.

Janie cai em direção do garoto na água, mas acaba voltando para a encosta no mesmo lugar de onde saíra. Ela tentou novamente quando Carrie gritou, mas o resultado fora o mesmo.

Agora os olhos do garoto estavam fechados. Seu sorriso havia ficado estranho. Na água atrás do garoto, um enorme tubarão apareceu sobre a superfície, sua boca estava aberta, e centenas de dentes afiados brilhavam. Ele fecha a boca ao redor do garoto e desaparece.

Carrie senta em seu saco de dormir e grita.

Janie também grita, mas o grito ficou preso em sua garganta.

Sua voz estava rouca.

Seus dedos adormecidos.

Seu corpo tremia por causa do pesadelo.

As duas garotas olharam uma para outra no escuro, enquanto Melinda se virou, resmungando alguma coisa, e voltando a dormir. – Você esta vem? -Janie sussurra, sentando.

Carrie, assentiu, respirando pesadamente. Ela riu baixinho, envergonhada. Sua voz estava tremida. – Sinto ter te acordado. Pesadelo.

Janie hesita. – Você quer falar a respeito? -Sua mente estava correndo.

- Não. Volte a dormir. -Carrie se virou. Melinda se mexeu, rolando alguns centímetros para mais perto de Carrie, e tudo fica em silencio novamente.

Janie olhou para o relógio. 03h42min. Ela estava exausta, e deslizou para a inconsciência...

03h51min

...Ela é acordada quando cai em um quarto enorme e bonito. Havia pôsteres emoldurados do N'Sync e Sherryl Crow nas paredes. Em uma mesa estava Melinda, rabiscando na beirada de um caderno. Janie tenta forçar a si mesma a sair do quarto. Ela sentiu seu corpo sentar no saco de dormir, mas seus movimentos não afetavam o que ela via. Ela deitou resignada para assistir.

Melinda estava desenhando corações. Janie caminhou na direção dela. Ela tenta dizer "Melinda", mas nenhum som sai. Quando alguém bate na janela do quarto, Melinda olha para trás e sorri. – Você poderia me ajudar a abrir a janela?

Janie encara Melinda. Melinda a olha de volta, então aponta para a janela com um movimento de cabeça. Janie se sentia compelida, e sai tropeçando na direção da janela próxima a Melinda e a abre. Carrie entra.

Ela estava nua da cintura para cima.

E seus seios eram do tamanho de melancias.

Os seios de Carrie balançavam enquanto ela subia a soleira.

Ela passou por Janie e para envergonhada em frente à Melinda.

Janie tenta virar, mas ela não pode. Ela abana a mão em frente ao rosto de Carrie, mas ela não responde. Melinda pisca para Janie e abraça Carrie. Elas se abraçam e beijam. Janie vira os olhos, e então as três estavam de volta à sala da Sra.Parchelli. Mais uma vez Melinda esta abraçando alguém no corredor. É Carrie. Ela leva Carrie para frente da sala. Janie percebe que ninguém mais na sala se importa ou parece notar Carrie nua e seus enormes seios.

Janie se senta em seu saco de dormir novamente e balança a cabeça com força. Ela senta a ponta da trança batendo no lateral de seu rosto, mas é incapaz de sair da sala de aula. Ela é forçada não somente a estar lá, mas também a assistir.

Melinda abre a porta do armário e leva Carrie com ela. Janie, contra a vontade as segue. Melinda fechou a porta quando Carrie e Janie entraram, e começou a beijar Carrie novamente.

Janie se debate no saco de dormir, cegamente.

E chuta Melinda com força.

Janie estava novamente á sala de Carrie.

Melinda senta. Seu cabelo desarrumado, e se vira para olhar Janie. – Por que diabos você fez isso? -Melinda estava furiosa.

Se sentindo sonolenta, Janie abre um dos olhos. – Me desculpe. -Ela balbuciou. – Havia uma aranha subindo em seu saco de dormir. Salvei sua vida.

- O que?

- Não importa, ela já foi.

- Ótimo. Como se eu fosse conseguir voltar a dormir.

Janie sorri na escuridão. Era 05h51min da manhã.

07h45min

Alguma coisa bate na perna de Janie. Ela abre os olhos, se perguntando onde estaria. Estava escuro. Carrie tirou a capa do saco de dormir da cabeça de Janie. – Acorde dorminhoca. -A luz do sol estava cegante.

- Amm. -Janie resmungou. Sentando lentamente.

Carrie estava equilibrada sobre os joelhos, olhando para Janie com uma sobrancelha erguida.

Janie conseguia se lembrar do sonho. Mas será que Carrie conseguia?

-Você dormiu bem? - Carrie perguntou.

O estomago de Janie se revirou. – É sim, -Ela prestou atenção á reação de Carrie. – e você?

Carrie sorriu. – Como um bebê. - Mesmo nesse chão duro.

- Ah, hmm. Bem isso é bom. -Janie levantou desenrolando a camisola em seu corpo. – Onde esta a Melinda?

 - Ela saiu á uns dez minutos atrás. Ela estava estranha. -Disse que esqueceu que tinha aula de piano ás oito. Carrie bufou. – Dã.

Janie abriu um sorriso fraco. Ela estava faminta. As duas garotas arrumaram o café da manhã. Carrie parecia não se lembrar do pesadelo.

Janie não conseguia esquecê-lo.

Enquanto comia uma torrada Janie espiou o peito de Carrie. Seus seios estavam do tamanho de uma maçã cortada pela metade.

Janie foi para casa, caiu na cama pensando sobre a estranha noite. Se perguntando se isso acontecia com mais alguém. Sabendo, bem no fundo, que provavelmente não.

Ela caiu em um sono profundo até tarde.

Decidida que dormir fora de casa não servia para ela.

Aquilo nunca serviria para ela.

7 de junho de 2004

Janie tinha dezessete. Ela agora comprava as próprias roupas. Muitas vezes também comprava comida. Os cheques de doações cobriam apenas o aluguel, a bebida, e pouca coisa mais.

Dois anos antes Janie havia começado a trabalhar em um asilo durante algumas horas depois da escola e nos finais de semana. Agora ela trabalhava em tempo integral durante o verão.

O pessoal do escritório e outros empregados do asilo gostavam de Janie, especialmente durando os feriados da escola, pois ela trabalhava em qualquer turno. Dia ou noite. Então eles podiam pedir a qualquer hora um atestado médico ou uma folga. Janie precisava do dinheiro, e eles sabiam disso.

Ela estava determinada á ir para a faculdade.

Cindo dias por semana ou mais, Janie colocava o uniforme do asilo e pegava um ônibus para o lar de idosos. Ela gostava das pessoas velhas. Elas não dormiam profundamente.

Janie e Carrie ainda eram amigas e vizinhas. Elas passavam a maior parte do tempo na casa de Janie, esperando que a mãe dela desmaiasse no quarto para poderem ver filmes e conversar sobre garotos. Elas conversavam sobre outras coisas também, como por que o pai de Carrie estar sempre tão irritado, e a mãe dela não gostar de companhia. Na maior parte Janie pensava que era por que eles eram pessoas chatas. Pura e simplesmente. Sempre que Carrie perguntava para a mãe se Janie poderia passar a noite, ela falava. – Você já teve uma reunião em seu aniversario. -Carrie não se incomodava em lembrar que havia sido quatro anos atrás.

Janie pensava sobre Carson e imaginava se Carrie realmente era filha única. Mas Carrie parecia não querer falar sobre assuntos que tinham pontas afiadas. Talvez ela tivesse medo de ser pressionada e não agüentar.

Carrie também continuava amiga de Melinda. Os pais de Melinda eram ricos, Melinda jogava tênis.
Era líder de torcida. Os pais tinham um condomínio em Vegas, na ilha Marco, Vail, e em algum lugar na Grécia. Melinda na maior parte do tempo saia com outros garotos ricos. Mas então havia Carrie.

Janie não se importava em estar com Melinda. Ela não suportava a Janie. Janie achava que sabia o verdadeiro motivo, e não tinha nada a ver com o fato dela não ter dinheiro.

25 de junho de 2004
23h15min

Depois de trabalhar o recorde de onze noites seguidas, e ser pega pelo recorrente pesadelo do senhor Reed, sobre a segunda guerra mundial sete das onze noites, Janie caiu no sofá e chutou os sapatos para longe. Pelo número de garrafas vazias na velha mesinha de café, ela presumiu que a mãe estaria no quarto, dormindo depois de tanto beber.

Carrie entrou. – Posso ficar aqui? Os olhos dela estavam injetados de vermelho.

Janie estremeceu por dentro. Ela queria poder dormir. – Claro. – Você ficara bem no sofá?

- Claro. Obrigado.

Janie relaxou. Carrie, no sofá iria funcionar bem.

Carrie cheirou o ar.

- Então o que há de errado? -Janie perguntou, tentando colocar tanta simpatia em sua voz quanto o possível. Fora o suficiente.

- Papai esta gritando novamente. Perguntei se poderia sair. Papai disse que não.

Janie levantou as sobrancelhas. – Quem te convidou para sair?

- Stu, Da oficina.

- Você ta falando daquele cara velho?

Carrie se levantou. – Ele tem vinte e dois.

- E você dezesseis! E ele parece mais velho que isso.

- Não de perto. Ele é bonitinho. E tem uma bunda bonita.

- Talvez ele jogue, Dance Dance Revolution[4] no fliperama.

Carrie riu. Janie sorriu.

-Então. Você tem alguma bebida por aqui? - Carrie perguntou inocente.

Janie riu. – Isso esta subentendido. Quer uma cerveja? -Ela olhou para as garrafas na mesa. – Schanapps? Uísque? Vodka?

---

[4] Dance Dance Revolution, ou DDR. O jogo inclui uma base ou um tapete de dança com quatro setas: Para cima, para baixo, esquerda e direita. Devem-se pressionar as setas com os pés conforme setas correspondentes atingem um ponto na tela. Essas setas são sincronizadas com o ritmo da música, levando o jogador a "dançar" no ritmo desta dança.

- Tem um pouco daquele vinho barato que os sem teto do parque Selby bebem?

- Ao seu serviço. -Janie saiu do sofá e procurou por um como limpo. A conzinha estava uma bagunça. Janie havia estado ali pouco nas ultimas duas semanas. Ela encontrou dois copos pegajosos, na pia e os lavou, então procurou no estoque da mãe pelos vinhos baratos. – Ah! Aqui está. Fazendo Boones, certo? -Ela retirou a tampa e encheu dois copos, sem esperar por uma resposta de Carrie, colocando a garrafa de volta dentro da geladeira.

Carrie olhava os canais da TV. Ela pegou o copo de Janie. – Obrigado.

Janie provou o vinho e fez uma careta. – Então o que você vai fazer sobre o Stu? -Ela achava que havia uma musica country com essa frase em algum lugar.

- Vou sair com ele.

- O teu pai vai te matar se descobrir.

- É, bem. E o que tem de novo nisso? -As duas sentaram no velho sofá e colocaram seus pés sobre a mesinha de café, empurrando a confusão de garrafas para o centro, para poderem se esticar.

A TV continuava ligada. As garotas bebiam vinho ficando alegre. Janie levantou, indo até seu quarto á procura de um lanche.

- Nojento. – Você tem doritos no quarto?

Estoque de emergência. Para noites como essa. Pelo menos, desde que a mãe não fora mais capaz de comprar comida de verdade no mercado em que comprava sua bebida. Janie pensou.

- Ah. -Carrie concordou.

0h30min

Janie dormia no sofá. Ela não sonhava. Ela nunca sonhava.

05h02min

Janie acorda, sendo catapultada para o sonho de Carrie. Era novamente o sonho do rio. Janie havia estado ali mais duas vezes desde a primeira vez, quando elas tinham treze anos.

Janie seguiu as cegas pelo corredor, com seu corpo físico, tentando manter-se em pé. Se ela conseguisse achar o caminho para o quarto e fechar a porta antes de começar a ficar adormecida, talvez ela pudesse colocar distância suficiente para interromper a ligação. Ela sentiu o caminho com os dedos, procurando por garrafas no chão desviando. Ela alcançou a parede e achou o caminho pelo corredor enquanto Carrie e ela caminhavam pela floresta, no sonho de Carrie. Janie alcançou o marco da porta, primeiro a do quarto da mãe, *rápido não bata na porta*, então a do banheiro, e por último a do quarto. Ela conseguiu entrar e vira fechando a porta justamente quando elas se aproximam da margem do rio.

A conexão de perdeu.

Janie respirou aliviada. Olhou ao redor, piscando no escuro quando a visão retornou, deitou na cama e dormiu.

09h06min

Quando ela acordou, tanto sua mãe quanto Carrie já estavam na cozinha. A sala estava livre das garrafas. Carrie estava secando uma pia cheia de louças e a mãe de Janie estava preparando a sua bebida da manha: vodka com suco de laranja e gelo. Sobre o fogão uma frigideira coberta com um prato de papel. Duas torradas com manteiga, dois ovos e uma pequena fortuna em bacon, estavam no segundo prato de papel, próximo á frigideira. A mãe de Janie pegou um pedaço de bacon, sua bebida e desapareceu de volta para o quarto sem dizer uma palavra.

- Obrigado Carrie. Você não precisava fazer isso. Eu estava planejando limpar isso hoje.

Carrie estava animada. – É o mínimo que posso fazer. Você dormiu bem? Quando que você foi para o quarto?

Janie espiou a frigideira, imaginando o que teria e descobriu bolinhos fritos. – Uau! A. Há pouco tempo atrás. Era quase de manhã. Mas eu estava muito cansada.

- Você tem trabalhado demais.

Janie. – Bem, sim. Faculdade. Um dia. Como você dormiu?

- Muito bem... -Ela hesitou como se quisesse falar mais alguma coisa, mas desistiu.

Janie atacou a comida. Ela estava faminta. –você teve bons sonhos?

Carrie encarou Janie, então pegou outra louça e a secou com a toalha. – na verdade não.

Janie estava concentrada na comida, mas o estômago dela se contraiu. Ela esperou ate o silencio ficar estranho. – Você quer conversar sobre isso?

Carrie ficou em silêncio por um longo tempo. – Na verdade não. Não. Ela disse finalmente.

E a velocidade aumenta.

30 de agosto de 2004

Primeiro dia de aula. Janie e Carrie eram juniores. Elas esperavam pelo ônibus na esquina. Uma mão cheia de outros estudantes estava com elas. Alguns ansiosos. Alguns eram incrivelmente baixos. Janie e Carrie ignoraram os calouros.

O ônibus estava atrasado. Para a sorte de Cabel Strumheller, o ônibus estava mais atrasado do que ele. Janie e Carrie conheciam Cabel. Ele havia sido um aluno problema desde a nona serie. Janie não lembrava muito dele depois disso, a história era que ele havia falhado de ano. Ele normalmente estava atrasado. Sempre parecendo drogado. Agora ele parecia pelo menos quinze centímetros mais alto do que na primavera. Seu cabelo preto azulado estava caído em mechas gordurosas em seus olhos, e ele caminhava com os ombros curvados, como se sentisse mais confortável sendo baixo. Ele ficava distante de todos e fumava cigarros.

Janie pegou seu olhar por acidente, então acenou um olá. Ele rapidamente olhou para o chão. Soprando a fumaça por seus lábios. Jogou o cigarro no chão e o esmagou no cascalho.

Carrie cutucou Janie nas costelas. – Olha, é o seu namorado.

Janie revirou os olhos. – Seja gentil.

Carrie o observou com cuidado enquanto ele não estava prestando atenção. – Bem. As espinhas melhoraram durante o verão. Ou talvez a nova cerca as esconda.

- Pare! - Janie falou. Ela estava rindo e se sentindo mal por isso. Mas ela olhava para ele. E ele deveria ser tão pobre quando Janie a julgas pelas roupas. – Ele é apenas um solitário.

- Um drogado, talvez, e ele tem uma queda por você.

Janie serrou os olhos, seu rosto ficando sério.

- Carrie pare com isso. Estou falando sério. Você esta se tornando má como a Melinda.- Janie olhou para Cabel. Seus jeans eram curtos. Ela sabia o que era ser mal tratado por não ter roupas e coisas legais. Ela sentiu vontade de defendê-lo.

- Ele provavelmente tem pais que não dão a mínima para ele, como eu.

Carrie estava calada. – Eu não sou como a Melinda.

- Então por que você é amiga dela?

Ela suspirou e pensou sobre o assunto por um minuto. – Não sei. – por que ela é rica.

Finalmente o ônibus apareceu. A viagem era de quarenta e cinco minutos até a escola, mesmo sendo apenas oito quilômetros de distância, por causa das paradas. Juniores como Janie e Carrie eram considerados pelas regras não escritas do ônibus como estudantes de nível superior. Elas sentaram na parte de trás do ônibus. Cabel passou e caiu no assento atrás delas. Janie podia sentir os joelhos dele empurrando contra as costas dela. Ela espiou através de uma rachadura entre o banco e a janela. O queixo de Cabel estava sobre as mãos. Seus olhos fechados, quase escondidos sob os cachos gordurosos.

- Merda. - Janie resmungou baixinho.

Por sorte Cabel Strumheller não sonhou.

Pelo menos não no ônibus.

E também não durante a aula de química.

Ou inglês.

Mais ninguém sonhou. Janie chegou em casa do primeiro dia de aula aliviada.

16 de outubro.
19h42min

Carrie e Stu bateram na janela do quarto de Janie. Ela abriu uma fresta. Stu estava arrumado, usando uma gravata fina e preta de couro, e Carrie usava um vestido preto liso com uma estola e uma odiosa orquídea presa nela.

- Vi a luz acesa. -Carrie explicou a estranha visita. – Venha conosco para o baile *homecoming dance*, Janers! Não vamos ficar muito tempo. Por favor?

Janie acenou. – Você sabe que não tenho o que usar.

Carrie levantou um vestido justo cor prata para Janie ver. – Aqui. Aposto que esse vai servir. O peguei com a Melinda. Ela irá morrer quando vir você usado ele ao invés de mim, usando ele. E tenho os sapatos que combinam com ele. -Carrie sorriu ansiosa.

- Eu nem ao menos lavei meu cabelo.

- Você parece ótima Janie. -Stu falou. – Vamos. Não me faça sentar lá com um bando de adolescentes sem nada na cabeça a noite toda. Tenha piedade de um homem velho.

Janie sorriu. Carrie deu um tapa no braço de Stu.

Ela os encontrou na porta da frente, pegou o vestido, e seguiu para a casa de Carrie dez minutos depois.

21h12min

Janie bebeu seu terceiro copo de ponche enquanto Stu e Carrie dançavam pela bilionésima vez. Ela estava sentada na mesa sozinha.

21h18min

Um calouro, que Janie conhecia apenas como *"the brainiac"* convidou Janie para dançar.

Ela olhou para ele por algum tempo. – E por que não? - Ela disse. Ela era quase uma cabeça mais alta que ele.

Ele descansou a cabeça nos seios dela agarrando-a na bunda.

Ela o empurrou, resmungando baixinho procurou por Carrie e disse que ela tinha uma carona para casa, e que estava indo embora.

Carrie abanou alegremente nos braços de Stu.

Janie golpeia a porta do ginásio da escola e se vê em meio a uma espessa nuvem de fumaça. Ela percebeu que encontrara o ponto de encontro dos góticos. Quem diria?

- Uff! -Alguém fala. Ela continuou caminhando, e resmungou um "desculpe" para quem quer que ela tenha acertado com a porta.

Depois de um quilometro e meio usando os sapatos de salto da Carrie, os pés a estavam matando. Ela retirou os sapatos e caminhou nos pátios gramados, vendo as casas irem de lindas a horríveis enquanto caminhava. A grama já estava molhada do sereno e os jardins estavam ficando gelados. Fazendo os pés de Janie congelarem.

Alguém começou a caminhar ao lado dela, tão rapidamente que ela não notou até que ele já estava lá. Ele carregava um skate. Um segundo e um terceiro cara os seguiam, eles baixaram em seus skates ganhando velocidade, se mantendo um pouco a frente de Janie.

- Jesus! - Ela disse assustada. – Por que assuntar uma garota até quase a morte?

Cabel Strumheller sorriu. Os outros caras continuaram em frente. – É uma longa caminhada. Cabel falou. – Você, bem... Ele limpou a garganta... – Tudo bem?

- Ótimo. -Ela disse. – Você? Ela não se lembrava de já ter escutado ele falando antes.

- Seguindo. -Ele colocou o skate no chão, e pegou os sapatos de Janie das mãos dela.

- Você vai deixar seus pés em retalhos. Há vidros e todo o tipo de porcarias por aqui.

Janie olhou para o skate, e então para ele. Ele estava usando um gorro furado. – Eu não sei como.

Ele deu um sorriso fraco. Prendendo uma longa mecha do cabelo sob o gorro. – Apenas fique de pé e se equilibre. Vou empurrar você.

Ela piscou. Subiu no skate.

Estranho.

Aquilo não parecia estar acontecendo.

Eles não se falaram.

Os caras passavam de um lado para o outro durante o caminho, e pararam na esquina da casa de Janie. Cabel a empurrou até a área da casa, para que ela pudesse descer. Ele colocou os sapatos dela nos degraus, pegou o skate e sai com os amigos.

- Obrigado Cabel. -Janie disse, mas ele já havia sumido na escuridão. – Isso foi gentil. Ele falou para ninguém.

Eles não voltariam a se ver, ou pensar no que aconteceu naquela noite por muito tempo.

A sério.

1º de fevereiro de 2005

Um garoto chamado Jack Tomlinson caiu no sono durante a classe de inglês. Janie observava a cabeça dele balançar de um lado para outro. Ela começou a suar, mesmo sabendo que a sala estava fria. Era 11h41min. Sete minutos até o sinal tocar para a hora do almoço. Tempo demais.

Ela levantou, pegou os livros e correu para a porta. – Estou me sentindo doente. Ela falou para a professora. A professora mexeu com a cabeça compreensivamente. Melinda Jeffers riu no fundo da sala. Janie saiu fechando a porta. Ela se reconta contra a de azulejos frios, respirando fundo, entra no banheiro feminino, e se esconde em um dos reservados.

Ninguém nunca dormia nos banheiros.

Flashback

9 de Janeiro de 1998

Era o aniversário de dez anos de Janie. Tanya Weersm caiu no sono na escola, sua cabeça apoiada contra o estojo. Ela estava flutuando, deslizando. E então ela estava caindo. Despencando em u precipício. Passando pela face de um desfiladeiro, e por córregos em uma velocidade vertiginosa. Tanya olha para Janie e grita. Janie fecha os olhos e começa a ficar enjoada. Elas acordaram ao mesmo tempo. Todo o quarto ao riu.

Janie decidiu não distribuir suas preciosas delicias de aniversario.
Aquilo havia sido depois da viagem de trem e do homem de roupa de baixo.

Janie somente tivera alguns poucos problemas na escola antes do segundo grau. Mas quando mais velha ela ficava, mais facilmente seus colegas dormiam na escola. E quanto mais eles dormiam, mais problemas traziam para Janie.

Um ano e meio para terminar.

E então.

Faculdade. Uma colega de quarto.

Janie encostou a cabeça nas mãos.

Ela deixou o banheiro depois do almoço e foi para sua próxima aula, pegando uma barra de Snicker no caminho.

Por duas semanas depois daquilo Melinda e seus amigos ricos, faziam barulho de vomito quando passavam por Janie no corredor.

15 de junho de 2005

Janie tinha dezessete. Ela estava trabalhando até a exaustão, assumindo o maior número de turnos que conseguia.

O velho senhor Reed estava morrendo na enfermaria.

Seus sonhos estavam aumentando constantemente e eram terríveis.

Ele não acordava facilmente.

Enquanto seu corpo estava morrendo, os sonhos ficavam casa vez mais forte. Agora, se a porta do quarto estiver aberta, Janie não conseguia entrar naquela ala.

Ela não havia previsto aquilo.

Em todos os turnos ela fazia um estranho pedido. – se você cobrir a ala leste, eu tomo conta do resto.

Os outros empregados pensavam que ela estava com medo de ver o Sr. Reed morrer.

Janie não tinha problemas com isso.

21 de junho de 2005
21h39min

O lar Heather estava com poucos funcionários. Era verão. Três pacientes estavam à beira da morte. Dois com *Alzheimer*[5]. Um sonhava, gritava e chorava.

---

[5] O Mal de Alzheimer, ou Doença de Alzheimer ou simplesmente Alzheimer é a forma mais comum de demência. Esta doença degenerativa, até o momento incurável e terminal foi descrita pela primeira vez em 1906 pelo psiquiatra alemão Alois Alzheimer,

Alguém tinha que esvaziar os penicos. Entregar os medicamentos da noite. Arrumar as salas para o dia seguinte.

Janie se aproximou com cuidado. Ela permaneceu na ala oeste espiando para a ala leste, e a memorizando. O lado direito do corredor possuía cinco portas e seus conjuntos de corrimãos. A última porta da direita era a do Sr Reed. Dez passos depois estava na parede, e a porta de emergência.

Alguns dias, um carrinho ficava entre a porta três e quatro. Alguns dias cadeiras de rodas doadas anonimamente ficavam entre as portas um e dois. Normalmente havia uma maca da ala leste, mas geralmente ficava do lado esquerdo. Janie tinha que dar uma espiada antes de entrar no corredor, não importava o dia. Por que algumas vezes, na maioria dos dias, pessoas caminhavam para cima e para baixo sem perdão. E Janie não queria esbarrar em ninguém no caso de ficar cega.

Essa noite o corredor estava vazio. Janie havia percebido mais cedo, que a família Silva havia aparecido para uma visita no quarto número quatro. Ela verificou o livro de registros e viu que eles já haviam saído. Não havia outros visitantes registrados. Estava ficando tarde, era fazer o trabalho ou ser demitida.

Ela entrou na ala leste, agarrando o corrimão, e quase se dobrou no meio.

21h41min

O barulho da batalha era intenso. Ela se escondeu junto ao velho Sr Reed, em uma trincheira na praia repleta de corpos e ensopada de sangue. A cena era tão familiar, que Janie podia recitar a conversa (até mesmo o barulho dos tiros) de memória. E sempre terminava da mesma maneira. Com braços e pernas espalhados, ossos sendo esmagados no chão, e o corpo do Sr Reed se quebrando em pequenos pedaços, se desprendendo de seu tronco como um queijo sendo ralado, ou como um leproso descoberto.

Janie tentou caminhar normalmente pelo corredor, segurando o corrimão. Ela não conseguia se concentrar o suficiente para lembrar as portas, o sonho era muito intenso. Ela continuou caminhando, segurando, seguindo em frente, até bater contra a parede. Ela havia perdido a sensibilidade dos dedos das mãos e pés. Ela queria fazer aquilo parar. Ela volta oito, dez, doze passos, e cai no chão do lado de fora da porta do Sr.Reed. A cabeça dela latejava enquanto ela acompanhava o Sr Reed para a batalha.

Ela tenta achar a porta para poder fechá-la. Tenta, mas não consegui sentir nada. Ela não sabia se estava tocando alguma coisa. Estava paralisada. Insensível. Desesperada.

Na praia ensangüentada, o Sr Reed olha para ela faz um gesto para que ela o siga. – Aqui atrás! -Ela sabia o que iria acontecer.

Os dedos do Sr Reed foram os primeiros a cair.

Então seu nariz e orelhas.

Ele olhou para Janie.

Como sempre.

Como se ela o tivesse traído.

- Por que você não me disse. Ele sussurrou.

---

de quem herdou o nome. Esta doença afeta geralmente pessoas acima dos 65 anos, embora o seu diagnóstico seja possível também em pessoas mais novas do que esta idade.

Janie não conseguia falar, não conseguia se mover. Novamente ela lutou, sua cabeça parecia que iria explodir a qualquer momento. Apenas morra velho! Ela queria gritar. Não posso mais fazer isso! Ela sabia que estava quase terminando.

E então ouve mais. Algo novo.

O Sr. Reed virou para ela e seus pés se separam dos tornozelos e ele tropeça em suas pernas instáveis. Seus olhos estavam arregalados de terror, e do barulho da batalha ao redor. – Se aproxime. -Ele disse. Sem dedos ele segurou a arma entre os braços. Os braços se desprendem dos ombros quando ele faz isso, e se espalham pela areia como pó. Então ele começa a chorar. – Me ajude. Ajude-me Janie.

Os olhos de Janie se arregalaram. Ela podia ver o inimigo, mas ela sabia que eles não podiam vê-la. Ela estava segura. Ela olha para os olhos apelativos do Sr Reed.

Levanta a arma.

Aponta.

E puxa o gatilho.

22h59min

Janie estava encolhida em uma maca no corredor leste, quando o estrondoso tiroteio no sonho do Sr Reed parou abruptamente. Ela piscou sua visão clareando lentamente, e vê duas enfermeiras do lar Heather a olhando. Ela senta. Sua cabeça latejava.

- Cuidado Janie querida. -Uma voz suave falou. – Você teve uma convulsão ou algo parecido. Vamos esperar pelo doutros, tudo bem?

Janie levantou a cabeça e escutou o distante som de um bip. Um momento depois ela escuta.

- Velho Sr Reed esta morto. -Ela fala com sua voz rouca. Cai de volta na maca e desmaia.

22 de junho de 2005

O doutro disse. – Precisamos fazer alguns testes. Fazer um CAT Scan[6].

- Não obrigado. -Janie disse. Ela fora educada, mas firme.

O médico olhou para a mãe de Janie. – Senhora Hannagan?

A mãe de Janie da de ombros. Olha pela janela. Suas mãos tremiam quando seus dedos abriram a velha bolsa.

O médico suspirou irritado. – Senhora. Ele tentou novamente. – E se ela tiver uma convulsão enquanto estiver dirigindo? Ou atravessando uma rua? Por favor, pense sobre isso.

---

[6] A tomografia computadorizada ou computorizada originalmente apelidada tomografia axial computadorizada/computorizada (TAC), é um exame complementar de diagnóstico por imagem, que consiste numa imagem que representa uma secção ou "fatia" do corpo. É obtida através do processamento por computador de informação recolhida após expor o corpo a uma sucessão de raios X.

A senhora Hannagan fechou os olhos.

Janie limpou a garganta. – Podemos ir?

O médico olhou para Janie por um longo tempo. Ele olhou para a mãe dela, que estava encarando o próprio colo. Então olhou novamente para Janie. – É claro. - Ele disse. – Você poderia me prometer uma coisa? Não apenas pela sua segurança, mas pela segurança das outras pessoas na estrada, por favor, não dirija.

Não vai acontecer enquanto dirijo, ela queria falar para ele, mas para ele não se preocupar muito ela falou. – Claro, eu prometo. De qualquer forma nós não temos um carro.

A senhora Hannagan levantou. Janie a seguiu. O doutor também. – Legue para nossa clinica se acontecer novamente, você fará isso? -ele estendeu a mão e Janie a apertou.

- Sim. -Janie mentiu. Eles caminharam de volta para a sala de espera.

Janie mandou a mãe para parada de ônibus. – Eu já vou.

A mãe deixou o escritório. Janie pagou a conta. Eram cento e vinte dólares tirados de seu fundo para a faculdade. Ela somente poderia imaginar o custo de um *Cat Scam*. E ela não estava disposta a pagar mais um centavo para apenas escutar outra pessoa dizer que ela era maluca.

Ela poderia conseguir essa opinião de graça.

Janie esperou que a mãe perguntasse sobre o que tudo aquilo se tratava. Mas ela poderia muito bem esperar que flores crescessem na lua. A mãe de Janie simplesmente não se importava com nada que tivesse a ver com a filha. Ela nunca havia se importado.

Isso era muito triste.

Era isso o que Janie pensava.

Mas era uma coisa que às vezes vinha a ajudar.

28 de junho de 2005

Existe algo sobre um médico falar para um adolescente para não dirigir, que faz com que isso se torne tão importante de se fazer. Apenas para provar que ele estava errado.

Janie e Carrie foram ver Stu na oficina. Ele as vê chegando. – Aqui esta ela garota. - Stu falou. Ele sempre chamava Janie de “garota”, o que era estranho, já que Janie era dois meses mais velha que Carrie.

Janie assentiu e sorriu. Ela passou a mão pelo capo, sentindo as curvas. Ela era da cor de manteiga. E era mais velha que Janie. E era linda.

Stu entregou as chaves para Janie, e Janie contou mil e quatrocentos e cinqüenta dólares. – Seja boa para ela. -Ele disse pensativo. – Comecei a trabalhar nesse carro quando ela tinha dezessete e eu treze anos. Agora ela ronrona.

- Vou cuidar. Janie sorriu. - Ela entrou no Nova 77, e deu partida.

- O nome dela é Ethel. Stu falou. Ele parecia embaraçado.

Carrie segurou a mão suja de óleo de Stu e a apertou. – Janie é realmente uma boa motorista. -Ela já dirigiu meu carro varias vezes. Ethel vai ficar bem. Ela deu um beijo rápido no rosto de Stu. – Te vejo hoje à noite. Ela disse com um sorriso acanhado.

Stu piscou. Carrie entrou em seu Tracer e Janie deslizou para trás da direção de seu novo carro. Ela acariciou o painel e Ethel ronronou. – Boa garota Ethel. - Ela cantarolou.

29 de Junho de 2005

Depois do acidente com o Sr Reed, a diretora do *lar Header* fez Janie tirar uma semana de folga. Quando Janie reclamou sobre ficar tanto tempo fora, a diretora prometeu para ela turnos em quatro de julho e dia do trabalho, quando Janie receberia o salário dobrado. Ela estava feliz. Janie dirigia seu carro novo em seu primeiro dia de volta ao trabalho. Ela dera banhos de esponja e limpara dúzias de penicos. Para passar o tempo ela cantava uma canção de *Lês Misérables*[7]. Trocando a letra de "panelas vazias" para "bexigas vazias"... -A senhora Stubin uma professora que lecionara por quarenta e sete anos antes de se aposentar, rio pela primeira vez em semanas. Janie fez uma anotação mental para trazer um novo livro para ler para a senhora Stubin.

A senhora Stubin nunca recebia visitas.

E ela era cega.

Talvez fosse o motivo dela ser a favorita de Janie.

4 de Julho de 2005
20h15min

Três residentes do *lar Heather* em suas cadeiras de rodas e Janie em uma cadeira de plástico laranja estavam sentados no estacionamento no escuro. Esperando. Matando mosquitos. Os fogos de artifício estavam prestes a começar no parque Selby, á alguns quarteirões dali.

A senhora Stubin era uma das residentes, suas mãos deformadas estavam enroladas em no colo, o soro pendurado em um suporte próximo á cadeira de rodas. E do nada, ela balançou a cabeça e sorriu pensativamente. – Aqui vêm eles. -Ela disse.

Um momento depois o céu explodiu em cores.

Janie descreveu casa um deles em detalhes para a senhora Stubin.

Um com faíscas de purpurina verde. Ela disse. Como faíscas se elevando da varinha de um mágico.

Um círculo de luz branca, que se desfez em uma poça e desapareceu.

Depois um círculo roxo, Janie levantou. – Vocês três não saiam daqui, logo estarei de volta. -Ela correu para dentro da sala de terapia, pegou um tubo de plástico e correu para fora.

- Aqui. -Ela disse sem fôlego, pegando a mão da senhora Stubin com cuidado, gentilmente esticando os dedos curvados. Ela colocou uma bola de *koosh* nas mãos da mulher.

[7] **Les misérables** (**Os Miseráveis**) é uma das principais obras escritas pelo escritor francês Victor Hugo, publicada em 3 de abril de 1862. O romance narra a situação política e social francesa no período da Insurreição Democrática ou Revolução de 1830, em 5 de junho de 1832, no reinado de Luís Filipe I de França, através da história de Jean Valjean.

- O último parecia exatamente como isso.

O rosto da senhora Stubin se iluminou. – Acho que esse é o meu favorito. -Ela disse.

2 de agosto de 2005
23h11min

Janie saiu do *Lar Heather* e dirigiu os seis quilômetros até sua casa. Estava terrivelmente quente na rua, e ela repreendeu suavemente Ethel por não ter ar condicionado. Ela abre as janelas, amando a sensação do vento quente em seu rosto.

23h18min

Ela parou no sinal de pare da Rua Waverly não muito longe de casa, e prosseguiu na interseção.

23h19min

E então ela estava em uma casa desconhecida. Em uma cozinha suja. Um homem jovem parecendo um monstro com facas no lugar dos dedos se aproximou.

Janie ficou cega para a estrada, pisou no freio levando a alavanca de cambio para neutro. Ela procura pelo freio de emergência e o puxa, antes de ficar paralisada. Mas aquele era o botão errado.

Ele arrastou uma cadeira de vinil pelo chão, pegando e girando sobre sua cabeça.

Mas não era o freio de emergência. Era o botão do trinque do capo.

E então ele joga a cadeira. Ela sai voando na direção de Janie, batendo no ventilador de teto.

Mas Janie não sabia que era o fecho do capo.

Ela olha ao redor freneticamente para ver o que ou quem a cadeira iria atingir.

Janie estava amortecida. Seu pé escorregou para fora do pedal do freio.

O carro rodou para fora da estrada.

Lentamente.

Mas não havia mais ninguém. Ninguém mais além do monstro com dedos como facas, e Janie. Até a porta se abrir, e um homem de meia idade aparecer. Ele passou por Janie. A cadeira navegou em câmera lenta na direção dele, e no lugar de seus pés surgiram facas.

O carro erra uma caixa de correio.

A cadeira atingiu o homem de meia idade o peito e na cabeça. Sua cabeça é arrancada e rola no chão em círculos.

O carro acaba parando em um duto de escoamento, no pátio de uma casa pequena e mal cuidada.

Janie olha para o jovem monstruoso com dedos como facas. Ele caminha em direção á cabeça do homem morto e a chuta como se fosse uma bola. Ela bate contra a janela á quebrando, e então á um flash de luz cegante.

23h31min

Janie gemeu e abriu os olhos. A cabeça doía e estava caída contra a direção. Ela tinha um corte no lábio que estava sangrando. E Ethel decididamente não estava nivelada. Quando ela conseguiu ver com clareza olhou para fora da janela, e quando conseguiu se mover achou o caminho para fora do carro. Ela caminhou ao redor do carro, vendo se ele não estava ferido, e se não estava preso. Ela fecha o capo com delicadeza, entra no carro e da ré lentamente.

Quando ela chega a sua entrada de carros, suspira aliviada, e então memoriza a localização do freio estacionário pelo tato. Ela vê a chave balançando na ignição. Duh, ela pensa.

Da próxima vez ela estaria preparada.

Talvez ela devesse ter comprado um carro automático.

Ela pediu a *Deus* que isso não acontecesse em uma *Highway*.

00h46min

Janie jazia acordada em sua cama. Assustada.

No fundo de sua mente ela escutava o som distinto das facas sendo afiadas. Quanto mais ela tentava não pensar em quem aqueles sonhos poderiam pertencer, mais ela pensava sobre aquilo. Ela nuca mais iria dirigir pela aquela rua novamente.

Ela se perguntava se iria acabar como sua amiga a senhora Stubin do lar de idosos, sozinha.

Ou morta em um acidente de carro, por causa dessa maldição idiota dos sonhos.

25 de agosto de 2005

Carrie entra carregando a correspondência de Janie. Janie estava usando camiseta e bermuda. O dia estava quente e úmido.

- Os horários estão aqui. -Carrie disse. – Último ano, baby! É isso ai!

Entusiasmadas elas abriram os envelopes juntas. Os colocando lado a lado sobre a mesinha de café, os comparando.

Suas expressões iam de entusiasmos, para desapontamento, e para entusiasmos novamente.

- Então primeiro período inglês e quinto na sala de estudos. Isso não é tão ruim. -Janie falou.

- E nós temos o mesmo horário de almoço. -Carrie disse. – Quero saber o que a Melinda pegou.Volto logo. -Carrie levantou para sair.

- Você sabe que pode ligar daqui. -Janie disse, revirando os olhos.

- Eu... Eu ligaria, mas...

Janie esperou Carrie explicar. Então tudo ficou claro para ela.

- Oh. - Ela disse. – Entendi. Identificador de chamadas.Nossa Carrie.

Carrie olhou para os sapatos, então saiu.

Janie olhou no freezer a procura de sorvete. Ela o comeu direto da embalagem. Se sentindo uma idiota.

6 de setembro de 2005
07h35min

Carrie e Janie seguiam em carros separados para a escola, por que Janie precisava ir trabalhar às três horas. Janie acena pela janela quando escuta a buzina do carro de Carrie. Então é isso, ela pensa.

Janie estava somente um pouco feliz por começar o último ano da escola. E não estava nem um pouco feliz em ter um período na aula de estudos logo após o almoço.

Ela escovou os dentes e pegou a mochila, olhando rapidamente no espelho antes de sair pela porta. Ela é parada pela luz vermelha de seu antigo ônibus, e sorri quando vê os alunos entrando nele. A maioria deles estava usando roupas de cinco anos atrás, de doações ou de segunda mão. – Arrumem um emprego e dêem o fora de *South Fieldridge*. -Ela resmungou.

Ethel ronronou.

Janie continuou quando a luz vermelha se apagou. Um quarteirão antes da casa “ruim” na *Waverly Road* ela virou para pegar um atalho. Ela não queria se arriscar. Ela diminuiu quando viu alguém caminhando pela estrada, carregando uma mochila velha. A princípio ela não o reconhece.

Então ela reconhece.

Ele parecia diferente.

Ele não carregava mais um skate.

- Você perdeu o ônibus. -Ela disse através da janela aberta. – Entre, eu te dou uma carona.

Os olhos de Cabel estavam desconfiados. Suas feições haviam amadurecido. Ele estava usando óculos, de um modelo moderno e legal. Sua mandíbula era decidida e angular. Ele parecia mais magro e ao mesmo tempo mais musculoso. Seu cabelo ondulado na altura dos ombros estava cortado em camadas, e não era mais preto azulado e engordurado, mas marrom claro. Sua franja comprida que caia sobre os olhos o ano passado, agora estava presa atrás da orelha. E o cabelo parecia recém lavado. Ela hesitou, e então abriu a porta do passageiro.

- Obrigado. -A voz dele era baixa e grave. – Jesus. -Ele falou enquanto tentava encaixar os joelhos dentro do carro.

Janie colocou a mão entre as pernas e em baixo do banco. – Pegue o seu também. -Ela disse.

Ele ergueu as sobrancelhas.

- O controle de ajuste do banco, seu bundão. Temos que puxá-los ao mesmo tempo. É um banco inteiro. Como pode ver. -Eles puxaram, e o banco se moveu um pouco para trás. Janie checou os pedais para saber se ainda poderia alcançá-los. Ela engatou a primeira assim que Cabel fechou a porta.

- Você esta na rua errada. -Ele falou.

- Eu sei disso.

- Pensei que você estivesse perdida, ou algo assim.

- Oh, por favor. Eu disse. – Estou fazendo um desvio. Não dirijo mais pela *Waverly*. Sou supersticiosa.

Ele olhou para ela e encolheu os ombros. – Tanto faz.

A viagem silenciosa durou cerca de cinco minutos, ate Janie virar os olhos e falar baixinho. – Então. Qual é o teu horário?

- Não faço idéia.

- Okaaay... -A conversa cessou.

Depois de um momento ele abriu a mochila e pegou um envelope ainda fechado. Ele o rasgou abrindo como se fosse uma coisa muito difícil, e olha para sua grade de horários.

- Inglês, matemática, tecnologia industrial, almoço, sala de estudos, educação cívica, educação física. -Ele soava entediado.

Janie se encolheu. – Hmmm. Interessante.

- E o seu? -Ele disse isso educadamente, como se estivesse conversando com a avó por obrigação.

- É bem... Na verdade... Ela suspirou. – muito parecido com o seu.

Ele riu. – Não fique muito animada Hannagan. Não vou deixar você colar em minhas provas.

Ela sorriu ironicamente. – É claro! Como se eu quisesse.

Ele olhou para ela. – e o seu GPA[8] é?

- Três ponto oito. -Ela falou.

- Bem então, é claro que você não precisa de ajuda.

- E o seu?

Ele se mexeu no banco e colocou o horário na mochila. – Não faço a menor idéia.

Aquilo era o máximo de palavras que Cabel Strumheller havia falado com Janie em todos os anos em que ela o conhecia. Combinados, incluindo os cinco quilômetros no skate.

12h45min

[8] GPA - grade point average, é a maneira utilizada pelos professores para avaliar o potencial dos alunos.

Janie encontrou com Carrie na sala de estudos. Os alunos seniores tinham aula de estudos na biblioteca para que pudesse ter acesso aos livros e computadores e com alguma sorte para estudar, e não para dormir. Janie esperava pelo melhor e encontrou uma mesa no fundo da sala.

- Como vão indo as coisas? -Janie pergunta.

- Decente. -Carrie responde. – A classe que tenho com a Melinda é inglês. Hey você viu o cara novo?

- Que cara novo?

- Na aula de inglês.

Janie ficou confusa. – Eu não notei.

Carrie olhou ao redor animada. – Oh merda! - Ela sussurrou. – Ai vem ele.

Janie olhou para cima. Carrie estava a encarando, não se atrevendo a olhar ao redor novamente. Ele acenou na direção delas. Janie balançou os dedos para ele. Para Carrie ela disse. – Oh, você estava falando dele?

- Você Não acabou de acenar para ele.

- Para quem... É o que? Quem?

- O cara novo! Você esta me escutando? -Carrie se remexia na cadeira.

Janie sorriu inocente. – Veja isso. -Ela levantou caminhando para a mesa em que o cara novo estava sentado, puxou uma cadeira em frente a ele, para que ela pudesse ver Carrie os observando.

- Tenho uma pergunta para você. -Janie falou.

- Pensei que não precisasse de minha ajuda. -Ele disse, mexendo na mochila.

- Não é desse tipo.

- Então vá em frente.

- Por acaso as pessoas não estão te olhando de maneira estranha?

Ele pegou um caderno na mochila, tirou a camisa, deixando uma camiseta branca. Ele dobrou a camisa de qualquer maneira, e a colocou sobre a mochila, empurrando a cadeira para trás, deitou a cabeça sobre a camisa. Seus braços musculosos abraçaram o travesseiro improvisado.

- Eu não notei. -Ele falou. Retirando os óculos e os colocando de lado.

Janie concordou pensativamente. – Eu entendo. Então... Você não sabia quais as classes que teria, não sabe qual é seu GPA, e não notou todas as garotas babando por sua nova aparência.

- Isso é besteira. -Ele disse, fechando os olhos.

- Então no que você prestou atenção?

Ele abriu os olhos. Levantando a cabeça do travesseiro. Ele olhou para Janie por um longo momento. Seus olhos eram castanhos. Ela nunca os havia notado antes.

Por um segundo Janie pensou ter visto alguma coisa neles, mas então já havia desaparecido.

- Pfft. Você não acreditaria em mim se eu te contasse. -Ele disse.

Janie abriu um sorriso torto, deu de ombros e balançou levemente a cabeça, se sentindo aquecida. –Tente.

Cabel levantou uma sobrancelha septicamente.

- Você sabe... Algumas vezes. -Ela disse finalmente. Então pegou a camisa dele e a dobrou com os botões para dentro. – Dessa maneira você não vai ficar com a marca dos botões em seu rosto. -Ela disse.

- Obrigado. -Ele disse.,seus olhos não deixavam os dela. Ele a estava estudando. Sua testa estava franzida.

Janie limpou a garganta. – Então, ah, devo contar a novidade para a Carrie, que na verdade você não é o cara novo?

Cabel piscou. – O que?

- Metade das garotas da escola pensam que você é um estudante novo. Vamos Cabel. Você parece completamente diferente do que no ano passado...

Quando ela falou as palavras pareceram soar de maneira errada.

Ele olhou para ela de maneira confusa.

- Do que você me chamou?

O estômago de Janie se revirou. – ah, Cabel?

Ele não sorriu. – Quem você pensa que sou?

Talvez ela estivesse no sonho estranho de outra pessoa, e não soubesse.

Ela entrou em pânico.

- *Oh Deus*, não. -Ela sussurrou. Ela levantou rapidamente tentando passar por ele. Mas ele agarrou o braço dela.

- Ei calma. Ele disse. – Sente-se.

Lágrimas apareceram nos olhos de Janie. Ela cobriu a boca.

- Jesus Janie. Eu estava apenas brincando um pouquinho com a sua mente. Sinto muito. Ei. -Ele disse. Ele continuava a segurar levemente o pulso dela.

Ela se sentia como uma tola.

-Vamos Hannagan. Pode olhar para mim? Escute.

Janie não conseguia olhar para ele. Ela viu Carrie levantando, os observando entre as fileiras de estantes, com um olhar preocupado no rosto. Janie acenou na direção dela. Carrie voltou a sentar.

- Janie.

- O que é agora? -Ela disse, se sentindo quente. – E você pode me soltar antes que eu chame a segurança.

Ele soltou o pulso dela como se fosse um saco de batatas.

Os olhos dela se alargaram.

- Esqueça isso. Ele disse. – Sou um idiota. - Ele olhou para longe.

Janie caminhou de volta a sua mesa e sentou se sentindo miserável.

- O que foi aquilo? -Carrie silvou.

Janie olhou para ela e se esforçou para mostrar um sorriso tranqüilo. Ela sacudiu a cabeça. – Nada. O cara novo só me falou... Que... Ela virou fingindo procurar uma caneta. – Que uh, que fiz os cálculos de matemática avançada totalmente errados. Eu... Você me conhece. Odeio estar errada. Você sabe que matemática é minha matéria favorita. Ela pegou uma folha de papel e abriu o caderno de matemática. – Agora vou ter que recomeçar.

- Nossa Janie. Você parece que acabou de ser ameaçada de morte.

Janie riu. – É como se fosse.

13h30min

Cabel tentou chamar a atenção de Janie na aula de educação cívica. Ela o ignorou.

14h20min

Educação física era mista nesse ano. Estudantes jogavam se revezando em um jogo de cinco contra cinco. Rapazes contra garotas.

Janie cometeu a falta mais agressiva da historia da *escola Fieldridge*. Quando ele fora capaz, o cara novo se levantou e insistiu que havia sido culpa dele.

Os encarregados da Educação física se reunirão e decidiram que garotas contra garotos não parecia ser uma boa idéia em esportes de contato. O treinador Crater olhou para Janie sério. Ela olhou para ele com interesse.

14h45min

Janie se seca rapidamente depois do banho veste seu uniforme do trabalho. O sinal toca. Ela pega suas coisas e pula no carro para não chegar atrasada.

20h01min

A vida estava abençoadamente calma no lar Heather naquela noite. Jamie terminou sua papelada e outras funções mais cedo, então ela foi até a senhora Stubin. Ela arrostou os pés e pigarreou para que a senhora Stubin soubesse que ela estava ali.

- Sou eu Janie. Você se sente bem para lermos mais alguns capítulos de Jane Eyre[9]?- Janie perguntou.

[9] Jane Eyre é a autobiografia ficcional da personagem principal. Conta como Jane, órfã de pai e mãe vive infeliz em casa da tia que a detesta. Após um confronto com esta, Jane é enviada para uma escola, onde conhece os primeiros momentos de felicidade.

A senhora Stubin sorriu calorosamente e virou o rosto na direção da voz de Janie. – Eu adoraria, se você tiver tempo.

Janie puxou uma cadeira para visitantes para mais perto da cama e começou onde haviam parado da última vez. Ela não percebeu quando a senhora Stubin caiu no sono.

20h24min

Janie estava parada em uma rua chamada *Center* em uma cidade pequena. Tudo era em preto e branco, como em um filme antigo. Próximo um casal caminhava de braços dados, olhando vitrines. Janie os seguiu. As vitrines eram repletas de coisas simples. Serras e martelos. Fios. Panelas e folhas de metal. Bens secos.

O casal parou na esquina, e Janie pode ver que a jovem mulher havia chorado. O homem jovem estava usando um uniforme militar.

Ele puxou a jovem gentilmente ao redor do prédio, e eles se beijaram apaixonadamente. Ele tocou o seio dela, e ela balançou a cabeça, dizendo que não. Ele tentou novamente, e ela moveu a mão dele para longe. Ele a puxou de volta. – Por favor, Martha. Deixe-me fazer amor com você antes de partir.

A jovem Martha começou a dizer que não. Mas então ela virou, e olhou para Janie com um olhar de arrependimento. – Nem mesmo em meus sonhos. -Ela diz.

Martha espera pela resposta de Janie.

Janie olhou para o jovem. Ele estava congelado no momento, olhando com adoração para Martha. Martha implorava com os olhos para Janie. – Me ajude Janie.

Janie fica assustada, deu de ombros e mexeu a cabeça, Martha sorriu através das lágrimas. Ela se voltou para o jovem, e tocou seu rosto e lábios, concordando. Eles caminharam pelo beco, indo para longe de Janie. Janie deu um passo para segui-los, mas não queria ver mais nada daquele sonho, era íntimo demais. No quarto da senhora Stubin ela agarrou a cadeira com toda a força, se concentrando, e se arrastou de volta para o asilo.

Era 20h43min. Janie sacudiu a cabeça como que para clareá-la. Surpreendida. Lentamente um sorriso se espalhou em seu rosto. Ela havia conseguido. Ela havia puxado a si mesma para fora de um sonho. E não havia sido sugada de volta para ele. Janie sorriu em silêncio.

A senhora Stubin dormia pacificamente, com um sorriso em seus finos e cansados lábios. Deveria ser bom para a pobre senhora Stubin ter um sonho assim.

Janie deixou o livro sobre a mesa e saiu em silêncio do quarto. Ela apagou a luz e fechou a porta, dando à senhora Stubin um momento de intimidade sozinha com seu soldado.

Antes dele morrer.

E ela nunca mais vê-lo.

9 de setembro de 2005
12h45min

- Por que você não me disse que o cara novo era o Cabel Strumheller? -Carrie falou.

Janie tirou os olhos do livro que estava lendo. Ela estava sentada na biblioteca em sua mesa de sempre. – Por que sou uma idiota? -Ela sorriu docemente.

Carrie lutou para esconder o riso. – Sim, você é. Eu vi você chegando de carro com ele.

- Apenas por que ele perdeu o ônibus. -Janie disse rapidamente.

Carrie deu um sorriso torto. – É, bem, de qualquer maneira, faço parte da equipe do livro do ano, então vou passar muito tempo longe da sala de estudo, tudo bem? Tenho que ir ate lá agora para a primeira reunião.

Janie abanou distraída pela peça que estava lendo para a aula de inglês. – Divirta-se. E brinque direito. -Ela deslizou na cadeira e colocou os pés na cadeira da frente. Ela estava lendo Camelot como preparação para a viagem do próximo mês que a classe sênior de inglês iria fazer para Stratford, no Canadá.

Algumas vezes ela espiava entre as estantes de livros para ver se alguém por perto estava parecendo sonolento. Ela percebeu que conseguia tolerar qualquer sonho fora do alcance de seis metros, a menos que fosse um pesadelo, ai então a distancia pulava dramaticamente. Por sorte, a maioria dos sonhos na escola tendia a ser sobre "quedas", o da "apresentação sem roupa", ou algo sexual. Ela normalmente conseguia lidar com esses sem ter uma reação completa do tipo, cair de cara no chão.

Eram os pesadelos paralisantes, de estremecer e gritar que a matavam.

12h25min

O livro desapareceu da frente dela. Janie piscou e o colocou sobre a mesa. Descansando a cabeça nos braços e fechando os olhos.

Ela estava flutuando. Não o sonho da queda novamente, ela pensou. Ela estava cansada até a morte de sonhos com quedas.

O cenário mudou imediatamente. Agora Janie estava do lado de fora. No escuro. Sozinha atrás de um barracão, mas ela podia escutar vozes abafadas. Ela nunca estivera sozinha antes, e não sabia como pessoas podiam ter sonhos em que não estavam presentes. Ela estava curiosa. Ela observou nervosa, torcendo para que não fosse um sonho de alguém sobre como explodir algo através da parede de um barracão, ou dos arbustos.

Do outro lado aparece uma figura monstruosa e pesada, delineado pelo luar. Ele passa os braços pelos arbustos e levanta as mãos para o céu, soltando um grito terrível. Janie sentiu os dedos ficando adormecidos. Ela tentou sair do sonho. Mas não pode.

Os dedos compridos da criatura brilhavam ao luar.

Janie se encolheu contra o barracão. Ela estava tremendo.

A figura grotesca afiava seus dedos como facas uns nos outros. O som era assustador.

A figura se virou. E viu Janie.

Se aproximando dela.

Ela já o havia visto antes.

Pouco antes dela e Ethel terminarem em uma valeta.

Janie levanta, tentando correr, mas suas pernas não se moviam.

O rosto da criatura demonstrava fúria, mas ele havia parado de afiar as facas. Ele estava há um metro e meio de distância, e Janie fechou os olhos. Nada poderia feri-la, ela tentava falar para si mesma.

Quando ela abriu os olhos, era dia. Ela ainda estava atrás do barracão. E a horrível e ameaçadora criatura havia se tornado humano, um jovem normal.

Era Cabel Strumheller.

Então uma segunda Janie caminhou para fora do corpo de Janie, e caminhou sem medo na direção de Cabel.

Janie permaneceu atrás do barracão.

Cabel tocou o rosto da segunda Janie.

Ele se aproximou.

E a beijou.

Ela o beijou de volta.

Ele se afastou do abraço, para olhar a Janie contra a parede do barracão. Lágrimas escorriam por seu rosto.

- Me ajude. - Ele disse.

13h35min

O sinal toca. Janie sente a neblina se esvaindo, mas não consegue se mover. Ainda não. Ela iria precisar de um minuto.

13h36min

Ou melhor, dois minutos.

13h37min

Quando ela sentiu uma mão sobre seu ombro, ela deu um pulo.

Um quilômetro, um metro, um centímetro... Ela não sabia.

Ela olhou para cima.

- Pronta? -Ele diz. -Você não escutou o sinal?

Ela olhou para ele.

- Você esta bem Hannagan?

Ela diz que sim com a cabeça e pega seus livros. – Sim. -Sua voz ainda não havia voltado completamente. Ela limpou a garganta. – Sim. -Ela fala com mais firmeza. – E você? Você tem uma marca na bochecha. -Ela sorriu meio perturbada.

- Caiu no sono sobre um livro?

- Eu acho que sim.

- Você também, um?

- É, uh, eu deveria estar muito cansada, eu acho.
- Você parece assustada. Teve um sonho ruim?

Ela olhou para ele enquanto caminhavam pelo corredor a caminho da aula de educação cívica. Ele deslizou sua mão nas costas dela para que ficassem juntos enquanto conversavam.

- Não exatamente. -Ela disse lentamente. Com os olhos semi serrados. – E você?

As palavras haviam saído da boca dela como um tiro.

Ele se virou rapidamente na porta da sala quando o sinal tocou, para ver a expressão do rosto dela. Ele parou. Seus olhos se estreitaram enquanto ele olhava para o rosto dela. Ela podia ver a confusão no olhar dele. Seu rosto ficou ligeiramente corado, mas ela não tinha certeza por que.

O professor entrou e os mandou para seus lugares.

Janie olhou sobre o ombro, para duas fileiras atrás e em direção ao centro da sala.

Cabel ainda a estava encarando, parecendo muito confuso. Ele sacudiu a cabeça levemente.

Ela olhou para o quadro negro, sem ver. Apenas pensando. Pensando o que diabos havia de errado com ela. E o que havia de errado com ele, para que tivesse sonhos como aquele. Ele saberia? Será que ele a havia visto durante o sonho?

14h03min

Uma bola de papel aterrissou na mesa de Janie. Ela pulou e olhou na direção de Cabel. Ele estava atirado em sua mesa, rabiscando em um caderno, parecendo inocente demais.

Janie abriu o papel.

O desamassou.

Sim, talvez...?

Era o que estava escrito.

29 de setembro de 2005
14h55min

Reclinado sobre o capo do carro de Janie estava à estranha figura de cabelos compridos que era Cabel Strumheller. Aquele que sonhava com monstros e a beijava no mesmo sonho. Seu cabelo estava molhado.

- Olá. - Janie diz rapidamente. Seu cabelo também estava molhado.

- Por que você esta me evitando?

Ela suspirou. – Eu estou? -Ela sabia que havia soado falso.

Ele não respondeu.

Ela entrou no carro.

Ligou o motor.

Saiu da vaga do estacionamento.

Cabel ficou lá, olhando. Os braços cruzados sobre o peito. Seu rosto parecia preocupado.

Ela parou e abriu a janela. – Entre. Você perdeu o ônibus á uma hora dessas.

Ele não mudou a expressão.

Não se moveu.

Ela hesitou por mais um momento.

Ele se virou e começou a caminhar para casa.

Ela o observou, suspirando exasperada, e pisou fundo no acelerador. Os pneus cantaram na esquina. Idiota.

19 de outubro de 2005
04h57min

Em um pequeno pedaço de papel em seu próprio sonho Janie escreve:

Tenho que manter isso para mim mesma.

Eu tenho.

Por causa do que sei sobre você.

Então ela dobrou o papel, acendeu um fósforo, e o transformou em cinzas. O papel queimado levantou vôo quando o vento o pegou e carregou para rua, através do quintal. Em direção da casa dele. Ele pisou nas cinzas quando se apressava para pegar o ônibus. Elas são mais macias que as folhas secas do *Halloween* que se espalhavam pelo caminho. Sob o peso dele as cinzas se desintegraram. O vento as engoliu. E tudo se foi.

07h15min

Janie acordou atrasada para a escola.

Ela nunca havia sonhado antes, não que lembrasse.

Ela tinha apenas os sonhos das outras pessoas.

Pelo menos durante os próprios sonhos ela podia dormir.

Ela arrumou seu cabelo loiro escuro com um pente molhado, escovou os dentes rapidamente, colocou dois dólares no bolso da frente do jeans, e pegou sua mochila. Ela pega sua chaves, diz tchau para a mãe que ainda estava vestida de camisola, recostada contra a pia comendo *pop – tarts*[10] e olhando pela janela.

- Estou atrasada. Janie disse.

A mãe não respondeu.

Janie deixou a porta bater, mas sem raiva, apenas com pressa. Ela entrou no Nova e voou para a escola. Ela estava a dez logos passos da aula de inglês, como metade da classe, quando o sinal tocou. Correndo para a sala, a última classe da última fileira era a mais próxima da porta, ela se esgueirou entre as mesas sem ser notada, exceto por um sorriso sonolento de Carrie. Janie terminou seu dever de matemática escondido, enquanto o professor falava sobre a viagem do final de semana com a turma sênior para Stratford.

As costas de Cabel estavam viradas para ela. Ela sente uma urgência de tocar o cabelo dele. Se ela pudesse alcançá-lo ela o faria. Mas ela mentalmente sacudiu a cabeça. Ela estava muito confusa com seus sentimentos sobre ele. Era mais assustador do que lisonjeiro saber que ele sonhava com ela. Especialmente depois dele ser aquela criatura, aquele homem monstro terrível. Ela ate mesmo admitia estar com uma pouco de medo dele.

E agora ela sabia onde ele morava.

Apenas duas quadras da casa dela.

Em uma pequena casa na Waverly Road.

- Seus lugares nos quartos. -O senhor Purcell rosnou, balançando papéis amarelos fluorescentes como raios de sol sobre a cabeça, antes de entregar vários para as primeiras pessoas de cada fileira. – Não será permitido mudanças, então nem tentem.

Janie olhou para cima quando risadas e gemidos encheram o ar. O garoto na frente dela não se virou para entregar o papel. Ele o jogou sobre o ombro. O papel flutuou, deslizando para fora da mesa laminada antes que Janie pudesse pegá-lo, e se prendeu sob o sapato de Cabel. Ele o chutou na direção dela sem nem perceber. Seu cabelo balançando suavemente sobre os ombros.

A lista colocava Janie em um quarto com três garotas esnobes e ricas do bairro Ritzy Hill que ficava na seção norte de Fieldridge: Melinda Jeffers, que a odiava, a amiga de Melinda, Shay Wilder, que odiava Janie por tabela, e a capitã do time de futebol feminino da escola Savannah Jackson, que fingia que Janie não existia. Ela suspirou profundamente. Ela teria que aproveitar para dormir no ônibus durante a viagem.

Mas ela estava curiosa para saber se depois de todos aqueles anos, Melinda ainda sonhava com Carrie com seios enormes.

O Canadá

14 de outubro de 2005
03h30min

Janie encontrou Carrie sob o céu escuro na entrada de carros da casa de Carrie. Elas trocaram poucas palavras, além dos sorrisos sonolentos, e Janie entra no lado do passageiro do Tracer de Carrie. Elas

[10] Pop-Tarts é uma torrada retangular com uma camada açucarada, algumas são congeladas e elas não precisam ser aquecidas, ela é fabricada pela Kellogg.

dirigiram em um silêncio pesado em direção a escola. Janie estava apenas feliz por não precisar dirigir naquela hora da manhã.

Elas passaram por Cabel quando estavam se aproximando da escola. Ele estava caminhando. Carrie diminuiu e parou, abaixou o vidro e perguntou se ele queria uma carona, mas ele fez que não com um sorriso. – Estou quase lá. -Ele disse. Mais a frente um ônibus da *Greyhound* brilhava sob as luzes do estacionamento da escola.

Janie olhou para Cabel. Ele a olhou nos olhos e então para baixo. Ela se sentiu uma droga.

A briga que não aconteceu no estacionamento entre Janie e Cabel começou uma série de outras brigas que também não aconteceram. Não apenas eles não brigaram, eles também não se falavam mais.

Mas Janie o via, e o beijava nos sonhos da biblioteca.

Ela também via o maníaco raivoso. Um lunático com um rosto apavorante e facas como dedos, que repetidamente esfaqueava, cortava em pedaços ou decapitava um homem de meia idade, vezes sem fim. Ela se sentia ligeiramente aliviada pelo fato dele não matar a mais ninguém.

Pelo menos ainda não.

E até agora não á ela.

E todas as vezes que ele sonhava aquilo, o sinal tocava antes de Janie conseguir saber como ajudá-lo. Mas o ajudar a fazer o que? Ajudar como?

Ela não fazia idéia. Ela não tinha nenhum poder. Por que todas aquelas pessoas pediam ajuda para ela? Se ela não podia fazer nada.

Apenas.

Não

Podia.

Mas ela tinha certeza que não havia conseguido fazer muito na sala de estudos naqueles dias.

03h55min

Os que dormiram demais, atrasados e os eu não dou a mínima, ou haviam chegado ou sido riscados da lista pelo professor acompanhante. Carrie sentou com Melinda, perto da parte da frente do ônibus.

Janie sentou na última fileira da direita, próxima a janela. O mais distante de todos, o quanto pode. Ela colocou sua mala do compartimento sobre o assento. Ela estava feliz pelo banheiro ser na parte da frente do ônibus. Ela se virou para ficar de costas para o monitor de TV, para que o brilho azulado não a segasse e reclinou o encosto. Ele apenas se moveu alguns centímetros antes de atingir a parede de trás.

Antes de o ônibus estar lotado, Janie já estava sonolenta.

04h35min

Ela é acordada por um jorro de água em seu rosto. Ela estava em um lago, completamente vestida. Ela estava tremendo. Um garoto chamado Kyle estava gritando enquanto caia do céu, repetidas vezes, até que

ele finalmente atingiu a água. Mas ele não conseguia nadar. Janie sente seus dedos ficando adormecidos, e ela chuta o banco da frente na tentativa de fazer com que parasse, tentando sai do sonho.

E então estava terminado.

Janie pisca, sentando assustada. Um rosto aparece na frente dela.

- Que merda? - Kyle reclama. – Você se importa?

- Sinto muito. -Janie sussurra. Seu coração estava disparado. Os sonhos sobre afogamentos eram sempre os piores. Bem quase sempre.

Ela escuta alguém sussurrar em seu ouvido e luta para poder ver com clareza. – Você esta bem Hannagan? -Cabel passou o braço ao redor dela. Ele parecia preocupado. – Você esta tremendo. Você acabou de ter uma convulsão ou algo do tipo? Quer que eu pare o ônibus?

Janie olhou para ele. – Oh, olá. - Sua voz estava rouca. – Eu não sabia que você estava ai. -Ela fechou os olhos. Tentando pensar. Levantando um dedo quase sem forças ela sinalizou que precisava de um momento. Mas ela já sentia o sonho seguinte se aproximando rapidamente. Ela não teria muito tempo. E ela tinha que prepará-lo. Não havia escolha.

- Cabel. Não se apavore se... Quando, eu fizer aquilo de novo, tudo bem? Não pare o ônibus. Não conte para o professor, o *Deus não*. Não importa o que aconteça. -Ela agarrou o descanso de braço e lutou para manter a visão. -Você pode confiar em mim? Acreditar em mim e apenas deixar isso acontecer?

A dor por se manter concentrada era excruciante. Ela se encolheu, segurando a cabeça. – Oh merda! Merda! -Ela gritou em sussurro. – Essa foi uma idéia estúpida, muito estúpida, de vir nessa viagem. Por favor, Cabel. Ajude-me. Não deixe... Ninguém... Ah!... Ver-me.

Cabel encarava Janie. – Tudo bem. -Ele disse. – Tudo bem. *Oh Deus*.

Mas ela já havia entrado no sonho.

Os sonhos a atingiram de todas as direções, sem cessar. Janie estava com uma sobrecarga sensorial. Era seu próprio pesadelo físico, mental e emocional que duraram três horas.

07h48min

Janie abriu os olhos. Alguém estava falando ao microfone.

Quando a nevoa se dissipa ela consegui ver novamente. Cabel estava olhando para ela. Seus olhos estavam arregalados e o cabelo desarrumado. Seu rosto branco. Ele estava com um braço ao redor dos ombros dela, abraçando-a.

Agarrado a ela seria mais correto.

Ela sentiu como se fosse chorar, e chorou um pouco. Ela fechou os olhos e não se moveu. Não podia se mover. As lágrimas escorriam. Cabel secou o rosto dela gentilmente com os dedos.

Isso fez com que ela chorasse anda mais.

08h15min

O ônibus parou. Eles estavam no estacionamento de um *McDonalds*. Todos fizeram fila para descer. Todos exceto Janie e Cabel.

- Vá pegar alguma comida. -Ela falou com um sussurro cansado. Sua voz ainda não havia voltado.

- Não.

- Sério. Vou ficar bem, agora que todos... Saíram.

- Janie.

-Então você poderia pegar para mim um sanduíche para o café da manhã? - Ela ainda estava respirando com dificuldade. – Preciso comer. Alguma coisa. Qualquer coisa. Tem dinheiro no bolso do meu casaco. -O esforço de mover o braço parecia muito grande.

Cabel olhou para ela. Seus olhos mostravam preocupação. Pareciam desfocados. Ele removeu os óculos e apertou o nariz, então massageou os olhos. Ele concordou. – Você tem certeza de que esta bem? Estarei de volta em cinco minutos, ou menos. -Ele parecia em dúvida sobre deixá-la.

Ela sorriu um sorriso cansado. – Estou bem. Por favor. Não acho que posso agüentar se não tiver algo para comer, e logo. Isso é muito, muito pior do que imaginei.

Ele hesitou, então removeu o braço de trás do ombro dela. – Volto logo. -Ele saiu do ônibus. Ela o observou pela janela. Ele correu através do estacionamento vazio e deu um tapa no microfone do *Drive through*. Janie sorriu. Que idiota.

Ele voltou com uma sacola cheia de sanduíches para o café da manhã, vários bolinhos, café, suco de laranja, leite e um *shake* de chocolate. – Eu não tinha certeza do que você queria. -Ele falou.

Janie lutou para sentar. Ela derramou o suco garganta à baixo até que acabasse. E fez o mesmo com o leite.

- Você consegue beber cerveja desse jeito?

Ela sorriu, agradecida por ele não ter feito perguntas sobre seu estranho comportamento. – Nunca tentei com cerveja.

- Isso provavelmente é uma boa idéia.

- Você já tentou? -Ela mordeu um pedaço de sanduíche.

- Eu não bebo.

- Nem mesmo um pouco, de vez em quando?

- Não.

Ela olhou para ele. – Pensei que você fosse festeiro. Drogas?

Ele hesitou por um segundo. – Nada.

- Nossa. Bem você com certeza parecia muito mal á um tempo atrás.

Ele ficou em silêncio. E sorriu politicamente. – Obrigado.

- Sinto muito.

Ele estava encarando o banco em frente á eles enquanto ela comia. Ela entregou para Cabel um sanduíche, que o pegou e comeu lentamente. Eles ficaram sentados em silêncio.

Janie arrotou alto.

Ele olhou para ela e riu. – Nossa Hannagan. Você deveria entrar em uma competição.

Então eles dividiram o *shake* de chocolate.

08h35min

O ônibus começou a andar novamente.

- E agora? -Cabel perguntou. Ele parecia preocupado. Ele passou os dedos pelo cabelo.

- Se isso voltar a acontecer, não se preocupe. -Ela deu de ombros conformada. – Não sei o que dizer, mas prometo explicar tudo assim que puder. Por falar nisso, onde estamos agora?

- Estamos nos aproximando.

Ela procurou no bolso e retirou uma nota de dez dólares. – Pelo café da manhã. -Ela falou.

Ele balançou a cabeça e empurrou a nota. – Vamos pensar nisso como nosso primeiro encontro, tudo bem?

Ela olhou para ele por algum tempo. Sentindo o estomago se revirar. – Tudo bem. -Ela sussurrou.

Ele tocou a bochecha dela. – Você parece exausta. Consegue dormir?

- Se ninguém mais dormir, acho que consigo.

Os olhos dele voltaram a ficar estranhos novamente. – O que isso significa Janie? -Ele colocou o braço ao redor dos ombros dela. Janie descansou a cabeça contra ele e não respondeu. Em minutos ela estava dormindo. Cabel pegou a mão dela com a mão livre dele e entrelaçou seus dedos nos dela. Olhou para as mãos e encostou a cabeça contra a cabeça dela. Depois de algum tempo, ele também estava dormindo.

09h16min

Janie estava do lado de fora e no escuro. Ela olhou para trás e então ele estava lá. Dessa vez ela caminhou ao redor do barracão, para poder ver ele se aproximar.

Ele parecia normal, não um monstro. Cabel estava parado em frente à porta dos fundos da casa. Então ele fechou a porta e caminhou pela grama seca e amarelada. O homem de meia idade saiu pela porta atrás de Cabel, gritando e parando nos degraus. Ele carregava uma lata retangular em uma das mãos, uma cerveja e um cigarro na outra. Ele gritou com Cabel. Cabel virou o rosto. O homem se moveu, mas Cabel continuou parado. Esperando o homem se aproximar.

O homem deu um soco no rosto de Cabel que caiu. Ele se arrastou de costas como um caranguejo assustado tentando fugir. O homem apontou e apertou a lata retangular, e o líquido atingiu a bermuda e a camiseta de Cabel.

Então.

O homem jogou o cigarro em Cabel.

Cabel entrou em combustão.

Se retorcendo em chamas no chão.
Gritando como um pobre coelhinho sendo torturado.

Então Cabel se transformou. Virando o monstro, e então o fogo se apagou. Seus dedos se tornando facas. O corpo crescendo como o do Hulk.

Janie observou a tudo do canto do barracão. Ela não queria ver mais nada. Não queria presenciar mais nada daquilo. Ela se virou rapidamente.

E parado atrás dela, observando-a com horror, estava Cabel.

Um segundo Cabel.

09h43min

Janie esperou uma eternidade para que sua visão e tato voltassem. Ela sentou frenética. Procurando por Cabel.

Ele estava reclinado para frente, com a cabeça sobre as mãos. Tremendo.

Ele virou para ela, furioso.

A voz dele estava rouca. – O que diabos a de errado com você?

Janie não sabia o que falar.

A raiva silenciosa dele fazia com que o banco tremesse.

10h05min

Cabel não voltou a falar até chegarem a Stratford. E tudo o que falou foi um seco. – Boa sorte. – boa sorte. Ele saiu do ônibus e se dirigiu para seu quarto no hotel.

Janie observou ele partir.

Ela fechou os olhos, então os abriu novamente, e seguiu as líderes de torcida na direção do quarto.

Uma vez no quarto, elas passaram a ignorar umas as outras.

Janie estava feliz por isso.

14h00min

Os estudantes se encontraram no saguão. Camelot começaria em trinta minutos. Janie subiu no ônibus exausta e sentou na ultima fileira novamente.

Cabel não apareceu.

14h33min

A peça começou. Janie pediu licença e saiu de seu assento na orquestra e encontrou um lugar vazio no balcão. Ela dormiu profundamente por três horas, acordando na cena final. Ela voltou para seu assento e seguiu os outros de volta para o ônibus.

18h01min

O ônibus parou em uma *Pizza Hut*. Eles teriam uma hora para comer antes de voltarem para a apresentação da noite.

Janie pegou um pedaço de pizza para a viagem, comeu no ônibus e dormiu. Dormiu por toda a peça, em seu assento na última fileira no ônibus. Ninguém pareceu notar que ela não havia saído do ônibus.

23h33min

O ônibus chegou de volta ao hotel, a maioria dos garotos estavam cansados. Janie caiu na cama. Ela estava amortecida, mas não pelo sonho de alguém. Não dessa vez. Ela pensou sobre Cabel. Chorou em silêncio contra seu travesseiro no quarto escuro. O aquecimento roncava alto. Savannah a capitã do time de futebol caiu nos cobertores na cama ao lado. Elas não se falaram. Elas pairavam na borda das camas.

15 de outubro de 2005
01h04min – 06h48min

Janie pulava de um sonho para outro.

Savannah sonhava fazer parte do time de futebol feminino dos EUA, e em conhecer a lendária Mia Hamm[11], mesma sabendo que ela estava aposentada.

Grande surpresa, esse sonho poderia facilmente ser um episódio de Hannah Montana. Quando Janie começou a se perguntar se Savannah teria alguma coisa mais com mais profundidade nela, o sonho se voltou para Kyle, que havia sentado na frente dela no ônibus. Mistura interessante, Janie ficou intrigada.

Até que mudou para o sonho de Melinda.

Melinda, sem surpresa estava em uma festa sexual á três, com Shay Wilder, que estava na cama próxima a dela, e Carrie. O sexo fora normal no inicio, então começou a ficar inacreditavelmente exagerado, na opinião de Janie. Os corpos de Carrie e Shay eram, em uma frase comum, completamente fora de proporção. Pela primeira vez no sonho de alguém Janie consegue olhar para o outro lado.

Janie achou isso uma grande vitória.

E então havia Shay.

Shay sonhou com Cabel Strumheller.

Sonhou muito.

E de muitas maneiras diferentes.

[11] Mariel Margaret Hamm mais conhecida como Mia Hamm (Selma, 17 de março de 1972) é uma jogadora de futebol norte-americana que ganhou por duas vezes o título de "Melhor jogador do ano" do sexo feminino (2001 e 2002).

Pela manhã Janie odiava Shay de todo seu coração. E ela tinha círculos escuros sob os olhos.

08h08min

Shay, Melinda e Savannah seguiram para o café da manhã. A matine iria começar ás dez horas.

- Vejo vocês no ônibus. -Janie disse, mesmo sabendo que estava faminta. As outras garotas não se incomodaram em responder. Janie revirou os olhos.

Ela tomou um banho, colocou uma toalha ao redor da cabeça e caiu de volta na cama. Ela acertou o despertador para o meio dia. O ônibus estaria de volta para pegar a bagagem, e os estudantes que não foram para a terceira peça, há uma hora.

08h34min

Janie sonhou pela segunda vez em sua vida. Ela sonhou que estava sozinha, se afogando em um lago escuro, e Cabel estava na praia com uma corda, mas ele não a jogava para ela. Ela acenava freneticamente, mas ele não podia vê-la. Ela deslizou lentamente para baixo da água. Em baixo ela viu outros como ela. Bebês, crianças, adolescentes e adultos. Todos flutuando logo abaixo da superfície da água, ninguém poderia ajudá-la.

Por que estavam todos mortos.

Seus olhos estavam saltados.

Ela estava gritando quando um alarme tocou. A toalha havia caído de sua cabeça, e o cabelo estava emaranhado. Ela não conseguia ver através deles.

Havia uma batida insistente na porta.

E era ele.

Ele estava segurando uma sacola com comida.

Parecendo triste.

Ele passou por ela na entrada do quarto, fechou a porta, e pegou a mão dela, e a segurou. Ele estava implorando. – Eu não entendo. -Ele disse. – Eu apenas não entendo. Por que você fez aquilo comigo? - Ele estava quebrado.

Ela também estava. – Eu posso explicar. -Janie disse. E ela enterrou o rosto na camisa dele e chorou. – Apenas me leve pra casa.

Eles caíram na cama, e apenas se abraçaram silenciosamente.

Isso foi tudo o que fizeram.

14h00min

Janie e Cabel estavam novamente no banco de trás. Carrie e Melinda estavam sentadas em frente a eles. Do outro lado do corredor Savannah e Kyle estavam namorando. Janie lembrou que deveria começar a fazer apostas sobre essas coisas.

Em frente à Savannah e Kyle estavam Shay, ou pelo menos sua bagagem. Shay parecia estar furiosamente ignorando Janie. Ela estava tentando manter uma conversa com Cabel, sentado no chão do corredor perto dele. Cabel estava frio e desinteressado.

Isso fazia Shay tentar ainda mais.

Carrie e Melinda se viraram em seus bancos para conversar. Cabel conversou um pouco e fez piadas, mas quando Janie olhou para fora da janela. Ele entrelaçou seus dedos nos dela.

As outras garotas notaram.

Carrie piscou.

Melinda olhou para Carrie com os olhos em chamas.

Shay se mexeu no chão e se apoiou contra a perna de Cabel, batendo seus cílios desesperadamente. Apavorada.

Na parte da frente do ônibus, garotos caminhavam e riam, cantavam e conversavam. Acordados e barulhentos. Janie deslizou para um abençoado coma, sua cabeça caída contra a janela.

19h31min

Eles estavam de volta á escola. Cabel acordou Janie, gentilmente. Ela se sentou, perguntando onde estaria. Cabel sorriu para ela. – Você conseguiu. -Ele sussurrou. Ele pegou as malas e seguiu para fora do ônibus. Ele caminhou com ela até o carro de Carrie.

- Vamos Cabel. -Carrie disse. – Pelo menos me deixe te dar uma carona. A menos que você queira que a Shay te leve, hei ali vem ela. -Carrie sorriu seus olhos dançando de um lado para outro.

Os olhos de Cabel se arregalaram. Ele deslizou para o banco traseiro do carro de Carrie. – Me tire daqui. Malditas e assustadoras líderes de torcida.

Carrie riu. Ela saiu do estacionamento e seguiu na estrada em frente ao transito, e virou para Cabel. – Então onde você mora?

- Waverly. Duas quadras a leste da sua casa. Mas vou caminhar da casa da Janie, se você não se importa. A Janie tem uma superstição sobre minha rua.

- O que diabos? -Carrie bufou.

Janie riu. – Nada! Cale a boca Cabel.

Carrie parou na estrada de carros. Estava frio do lado de fora. Congelando. A lua da colheita brilhava laranja refletida no teto de Ethel parada na entrada de carros dos Hannagan. Carrie pega suas coisas e boceja. – Vou entrar. Encontro com vocês depois.- Ela caminhou para a porta da frente e entrou, acenando enquanto fechava a porta de tela.

Janie pegou a mochila e acenou para Carrie. Ela olhou para Cabel. Parecia estranho, agora que estavam no jardim de Janie. Eles caminharam até a porta. – Você pode entrar um pouco? -Janie perguntou, tentando não parecer ansiosa.

- Claro. -Ele disse como uma voz de alivio. – Eu uh, acho que temos algumas coisas para conversar. Os teus pais estão em casa?

- Minha mãe provavelmente esta desmaiada no quarto. Isso é tudo, apenas eu e ela.

- Legal. -Ele disse, mas olhou para ela de uma forma compreensiva.

Eles entraram. Não havia sinal da mãe de Janie, exceto por uma garrafa vazia de vodka no balcão da cozinha e uma pia cheia de louças. Janie jogou as garrafas no lixo. – Me desculpe pela bagunça. A casa estava limpa quando ela saiu na manhã anterior.

- Esqueça sobre isso. Podemos limpar isso depois se você quiser.

Janie balançou a mão na direção da sala. – Bem. Isso é tudo. -Ela disse.

- Você dorme aqui, huh? -Ele a estava provocando.

- Não eu tenho um quarto. Venha. -Ela mostrou seu quarto. Era espartano e limpo.

- Legal. -Ele disse. Ele olhou para cima então abruptamente deu meia volta a caminharam de volta para a sala.

- Com fome?

- Meu estomago esta roncando. -Ele disse.

- Me deixe ver se temos alguma coisa. -Janie procurou pelos balcões da cozinha e na geladeira, mas voltou de mãos vazias. – Boa tentativa. -Ela disse finalmente. – Sinto muito. -Ela voltou. – Não temos nada.

Ela percebeu que ele á estava observando.

- Talvez possamos pedir uma pizza.

- Soa muito bem.

- Você que sair?

Janie suspirou e coçou a cabeça. – Na verdade não.

- Ótimo. Vamos pedir uma tele-entrega.

Janie achou o numero da *Fred's* Pizzas e grelhados. – Trinta minutos.

Cabel colocou uma nota de vinte sobre a mesinha de café e voltou a sentar.

- Cabe.

- Sim.

- O que é isso?

- Uma nota de vinte, Hannagan.

Janie suspirou. – Vamos ser sinceros um com o outro aqui, tudo bem?

- Claro. Todo nosso relacionamento é baseado nisso, certo? -Ele sorriu ironicamente, e olhou para baixo.

Ela estremeceu enquanto as palavras sinistras permaneceram na sala. – Olha, sinto muito. -Ela começou. – Tenho muita coisa pra te explicar. Mas eu sei que você não tem mais dinheiro para gastar do que eu. Então que tal eu pagar dessa vez?

- Não. Próxima pergunta.

Janie se sentou próximo a ele. E balançou a cabeça. – Ótimo. -Ela disse, desistindo. Ela dobrou as pernas sob o corpo e se virou para encará-lo.

- Tudo bem. -Ela continuou. – Como você entrou no sonho duas vezes?

Ele olhou em outra direção, e não voltou a olhar para Janie.

- Bem, então vamos pular direto para o assunto.

- Eu acho.

- Tudo bem... Uh... Eu acho que a resposta é, eu não tenho nenhuma. Maldita. Idéia. Oh e me informe quando for a minha vez de começar a fazer perguntas. Por que eu gostaria de saber como diabos você entrou em meus sonhos?

Janie ficou vermelha. – Alguns dos sonhos são muitos bons.

- Oh sério. -Cabel se inclinou para frente e segurou o queixo dela. Pegando-a de surpresa. Ele a puxou em sua direção e traçou a bochecha dela com o dedo. E então, ele colocou os lábios nos dela.

Janie se deixou levar pelo beijo. Ela fechou os olhos e deslizou sua mão sobre o ombro dele. Eles exploraram o beijo por um doce momento. Cabel afundou os dedos no cabelo de Janie e a puxou para mais perto. Mas antes que ficasse mais forte Janie se afastou. Ela sentia como se seus braços houvessem se tornado borrachas.

- Merda. -Janie falou. – Você... Você...

Ele sorriu preguiçosamente, seus lábios ainda molhados. – Sim?

- Você beija ainda melhor do que eu imaginava. Até mesmo do que nos...

Ele piscou. – Não. - Ele disse. – não, não, não. Não me diga que você esteve lá.

Ela mordeu os lábios. – Bem, talvez se você parasse de dormir na sala de estudos, eu não teria nenhuma pista.

- *Meu Deus!* Ele disse. – Nada é sagrado? Nossa. -Ele virou envergonhado. – Talvez você devesse começar do início.

Janie suspirou e reclinou contra o sofá. Era como estar revivendo os sonhos. Novamente.

- A versão resumida? Sou sugada para dentro dos sonhos das pessoas. Não posso impedir. Não posso parar. E isso esta me levando a loucura.

Ele a olhou por um longo tempo. – Tudo bem, uh, como? Isso é bizarro.

- Eu não sei.

- Isso é uma coisa recente?

- Não. O primeiro que lembro foi quando eu tinha oito anos.

- Então, naquele sonho, meu sonho, quando fiquei atrás de você, assistindo a mim mesmo... No... -Ele apertou as mãos.

- Tudo bem, então é assim que você vê os sonhos, certo? Como vi o meu, enquanto estava sonhando ele. -Cabel massageou as têmporas.

- Isso é estranho. -Janie disse com calma. – Seu que isso é muito estranho. Sinto muito.

Houve uma batida na porta. Janie pulou aliviada. Ela pegou a nota de vinte e foi atender a porta.

Então ela colocou a pizza e a Pepsi de dois litros sobre a mesinha de café e foi para a cozinha pegar uma cerveja, copos, guardanapos e pratos descartáveis. Ela colocou a Pepsi para Cabel e abriu a cerveja. Ela tomou um gole enquanto Cabel pegava um pedaço de pizza.

- Agora. Diga-me o que você viu em meus sonhos, antes que eu fique completamente paranóico.

- Tudo bem. -Ela disse de repente se sentindo um pouco tímida. Ela tomou outro gole e começou. – Estamos atrás daquele barracão ou algum tipo de celeiro.Aquilo é no seu quintal?

Ele assentiu, mastigando.

- Até ontem, eu via você como um monstro, uma coisa. -Ela estremeceu, sem ter certeza como nomear aquela coisa. – O monstro da casa, na cozinha. Com a cadeira. Aquilo foi pura coincidência. Eu nem ao menos sabia que era você que era você que estava sonhando. Não até mais tarde. Eu estava somente passando pelo local.

Ele fechou os olhos, estremeceu e colocou a pizza de volta no prato.

- Aquela era você. -Ele disse lentamente. – Eu sabia que já tinha visto o teu carro antes. Pensei que você fosse... Outra pessoa. -Ele parou perdido em pensamentos. – O quintal... Oh Deus... A tua superstição. Maldição. Então... -Ele levantou com as mãos parados no ar, e os olhos fechados. Pensando. Processando.

Então ele virou para ela. – Você poderia ter sofrido um acidente.

- Acho que ninguém me viu.

- As lanternas traseiras... Eram suas. Foi isso que me acordou. Elas estavam refletindo em minha janela... *Jesus Cristo* Janie.

- A janela do teu quarto devia estar aberta. Se não isso não teria acontecido. Pelo menos eu acho. Eu não fazia idéia que aquela era a tua casa.

Ele voltou a sentar, balançando a cabeça lentamente enquanto juntava os pedaços. – Tudo bem. -Ele disse. – Vamos para a parte boa antes que eu perca meu apetite completamente.

-Atrás do barracão. Você caminha na minha direção. Toca meu rosto. Beija-me. Eu beijo você também.

Ele ficou em silêncio.

-Isso é tudo. Ela disse.

Ele a observou com cuidado. – Isso é tudo?

- Sim eu juro. Quero dizer, é um beijo muito bom, eu acho.

Ele concordou perdido em pensamentos. – O maldito sinal sempre toca, não é?

Ela sorriu. – É. -Ela parou, pensando se deveria mencionar a parte em que ele pede ajuda, mas ele já estava no próximo assunto.

- Então, quando te encontrei na mesa da biblioteca da escola há algumas semanas atrás, e você levou um tempo para sentar... O que foi aquilo? Você não estava dormindo, estava?

- Não.

- Aquele foi um dos ruins?

- Sim. Muito ruim.

Ele colocou as mãos na cabeça, e retirou os óculos. Esfregando os olhos. – *Jesus.* Ele disse. – Eu me lembro daquele sonho. -Ele manteve a cabeça abaixada, e Janie esperou. – Então foi por isso que você disse... Quando perguntei se você tinha tido um pesadelo. - Ele murmurou.

- Eu... eu queria saber se você lembrava que eu estive lá observando. Mesmo quando as pessoas falam comigo durante os sonhos, ninguém parece lembrar. Ninguém nunca falou sobre isso.

- Não me lembro de ter visto você lá, ou de ter falado com você... exceto quando estou realmente sonhando com você. -Ele comentou. – Janie. -Ele disse de repente. – Se eu não quiser que você veja meus sonhos?

Janie pegou um pedaço de pizza. – Estou trabalhando duro nisso, tentando achar um caminho para fora dos sonhos. Eu não quero ser uma voyeur, é verdade. Mas não consigo evitar. É quase impossível. Até agora pelo menos. Mas estou fazendo algum progresso. – lentamente. -Ela parou. -Se você não quiser que eu veja os teus sonhos é melhor não dormir na mesma sala que eu.

Ele olhou para ela com um sorriso. – Mas sou conhecido por dormir na escola. É o meu vício.

- Você pode mudar o seu horário. Ou posso mudar o meu. Faço qualquer coisa que você quiser. -Ela olhou para a pizza e colocou seu prato de lado. Ela se sentia terrível.

- Qualquer coisa que eu quiser? -Ele disse.

- Sim.

- Acho que você ainda não teve acesso a esse sonhos.

Janie olhou para ele. Cabel estava olhando para ela, A fazendo se sentir aquecida. – Talvez eu prefira experimentar isso me primeira mão. -Ela disse baixinho.

Mnn. Ele tomou um gole do refrigerante. – Mas antes que isso sai dos trilhos... O que diabos há de errado com você?

Ela ficou em silêncio. Sem olhar para ele.

- E... -Ele disse. – Nossa. Acabou de me ocorrer o porquê de você ter ficado apavorada quando fingi ser outra pessoa. Você deve estar um trapo Hannagan. -Ele pegou o braço dela, e ela se reclinou no sofá na direção dele. Ele beijou Janie no topo da cabeça. – Não consigo te descrever o quanto estou me sentindo mal por isso.

- Está tudo bem. -Ela disse. – Sinto muito pela falta no jogo. -Ela adicionou.

- Está tudo bem. -Eu estava usando protetor. Ele girava uma mexa do cabelo dela entre os dedos. – Então quando você dorme, é tipo, normal?

Janie sorriu de uma maneira lúgubre. – Normalmente durmo bem se estou sozinha no quarto. Quando eu tinha treze anos, finalmente pedi para minha mãe e ela poderia fazer o favor de desmaiar no quarto ao invés de na sala. Há algo sobre portas fechadas que bloqueia os sonhos. -Ela parou.

- Mas o que acontece exatamente?

Ela fechou os olhos. – Primeiro minha visão some. Não posso ver ao redor. Estou presa. E se for um sonho ruim, um pesadelo, eu acho que começo a tremer e primeiro meus dedos da mão começam a ficar adormecidos, então os dos meus pés, e quanto pior o pesadelo, mais paralisada fico.

Ele olhou para ela. – Janie. -Ele disse suavemente.

- Sim.

Ele acariciou o cabelo dela. – Pensei que você estivesse morrendo. Você tremia, tinha espasmos, os teus olhos viraram. Eu estava pronto para roubar o celular mais próximo, colocar uma carteira na tua boca, e ligar para 911.

Janie ficou em silêncio por um longo tempo. – Não é tão ruim quanto parece.

- Você esta mentindo.

Ela olhou para ele. – Sim. -Ela disse. – Acho que estou.

- Quem mais sabe? A tua mãe?

Ela olhou para o prato com a pizza não comida. Balançou a cabeça. – Ninguém. Nem mesmo ela.

- Você foi á algum medico?

- Não, não realmente. Não por ajuda.

Ele jogou as mãos para o ar. – Por quê? -A voz dele era de incredulidade. E então, rapidamente ele soube por que. – Me desculpe. -Ele disse.

Ela não respondeu. Ela estava pensando. Pensando muito.

- Você sabe que ninguém nunca foi lá comigo, como você fez. -Sua voz era macia, pensativa. Ela olhou para o lado. – Não entendo essa parte. Como você foi para lá também?

- Eu não sei. De repente era como se eu tivesse dois ângulos de visão diferentes para olhar: em um deles eu estava observando, e no outro participando. Como realidade virtual, quadro a quadro ou algo assim.

- Não me diga que você acreditaria nisso se não estivesse lá comigo.

Ele concordou seriamente. – Você está certa Hannagan.

Era 22h21min quando Cabel disse boa noite na porta. Ele se reclinou contra a moldura e Janie o beijou suavemente nos lábio.

Ele desceu os degraus e começou a caminhar para casa, mas ele se virou na entrada de carros. – Posso te ver amanhã à noite? Algo entre nove ou dez?

Ela concordou sorrindo. – Estarei aqui. Apenas entre. Carrie faz isso o tempo todo. É normal.

Verdade ou desafio.

16 de outubro de 2005.
21h30min

Era domingo. A casa estava limpa. Janie tivera o dia de folga. Ela correu para fazer as compras pela manhã, aspirar, tirar o pó, lavar, polir, encerrar e limpar a vapor.

Agora Janie estava dormindo no sofá.

Cabel não apareceu ou ligou.

23h47min

Ela suspira, apaga a luz e vai para a cama, triste.

17 e outubro de 2005
07h35min

Janie pegou a mochila e seguiu em direção da porta. Ela estava furiosa. Achava saber a razão dele não ter aparecido.

No pára-brisa de Ethel havia um bilhete preso no limpador. Estava molhado de sereno.

"sinto muito."

Cabe.

O bilhete dizia.

É bem. Ele não deve sentir tanto quanto eu. Ela pensou.

Ela passou por ele no caminho para a escola.

Ele olhou para cima.

E comeu poeira.

Ele estava atrasado para a escola.

Ela não falou com ele.

23h19min

Ele estava sentado nos degraus da entrada da casa dela.

Ela chegou depois do trabalho.

Saiu do carro, atravessou pela grama, e parou em frente dele.

- Sim? -Ela falou.

- Sinto muito. -Ele disse.

Ela ficou parada, batendo com o pé. Procurando por palavras. Ela as despeja para fora quando aparecem. – Então você ficou assustado. Eu sou uma louca. Um Arquivo X[12]? Eu imaginei que isso iria acontecer.

- Não... -Ele levantou.

- Está tudo bem. -Na verdade não estava. Ela subiu correndo as escadas, passando por ele e procurando as chaves no escuro. – Agora você sabe o porquê de eu não querer contar para ninguém. -As chaves tremiam nas mãos dela, e ela amaldiçoou baixinho. – E ainda mais para você.

Ela deixou a chave cair. – Maldição. -Ela soluçou, as pegando novamente, e procurando pela chave certa.

- E se você contar para alguém. -A voz dela ficou mais alta quando conseguiu abrir a porta. – Você vai conhecer uma nova definição de falta agressiva! Seu grande... Fodido... Idiota!

Ela fechou a porta.

23h22min

O telefone tocou.

- Idiota. -Ela resmungou ao atender.

- Você vai me deixar explicar?

- Não. -Ela desligou.

Esperou.

---

[12] The X-Files (Arquivo X no Brasil), é uma série de televisão de ficção científica muito popular, exibida ao longo dos anos 90 na rede FOX. A série estreou em 1993, Acabou em 2002 e muito do seu sucesso deveu-se aos dois atores principais, David Duchovny e Gillian Anderson que Interpretam Os Agentes do FBI:Fox Mulder e Dana Scully que Investigam Casos Paranormais e Outros Mistérios não explicados pelo Arquivo X..

Encheu um copo com leite.

Bebeu.

Apagou a luz da cozinha e foi para a cama.

Ela amaldiçoava a vida. Ela nunca iria ter um namorado. Muito menos se casar, ela nunca seria capaz de dormir com alguém.

Ela era uma aberração.

Não era justo.

Os soluços sacudiam a cama.

18 de outubro de 2005
07h39min

Janie ligou para a escola, fingindo ser a mãe. – Ela não vai para a escola hoje. Esta gripada.

Ela ligou para o asilo. – Estou doente. -Ela espirrou. – Não posso ir trabalhar hoje à noite.

Todos sentiam muito. A secretaria. A diretora do asilo. – Fique boa logo, querida. -A diretora falou.

Mas Janie sabia que não haveria melhora. Isso era tudo. Isso era sua vida.

Ela caiu de volta na cama.

12h10min

Janie arrastou o traseiro para fora da cama, sentou no chão do quarto, e fez o dever de casa que não havia feito na noite anterior.

Ela não agüentava ficar para trás na escola.

Ela continuou trabalhando.

A mãe dela caminhava pela casa, inconsciente da presença da filha. Aquela vadia nojenta. Era culpa dela por me deixar nascer. Janie pensou. Ela culparia o pai também, se soubesse quem ele era. Momentaneamente, ela pensou no sonho caleidoscópico da mãe. Imaginando se o Jesus hippie era seu pai. Imaginando o que aconteceu para que ele e a mãe dela tenham desistido de tudo. Ela provavelmente nunca saberia.

Talvez fosse melhor assim.

14h55min

O telefone tocou. A mãe de Janie atendeu.

- Ela está na escola. -Ela falou.

Janie não sabia se algum dia a mãe já atendera ao telefone.

16h10min

Janie sentou no sofá, um rolo de papel higiênico perto, assistindo *the price is right*[13] quando Carrie entrou.

- Olá vadia. -Ela disse alegre. – Você perdeu uma boa hoje. Você está doente?

- Olá. Sim. -Janie assuou o nariz em pedaço de papel para provar.

- Você parece mal. - Carrie falou. – O teu nariz ta todo vermelho.

- Obrigado.

Carrie sentou no sofá perto de Janie.

- Engraçado... Cabel também estava parecendo um lixo. -Ela disse alegremente.

- Tem certeza que não tem nada para me falar?

- Muita certeza.

Carrie fechou a cara. Então, ela procurou na mochila e retirou um pedaço de papel. Ela o jogou sobre a mesinha de café. – Isso é dele. Você não esta grávida ou algo assim está?

Janie olhou para Carrie. – Há – Há.

- Tudo bem, nossa. Seja o que for, deve ser uma coisa grande para te manter longe da escola. Você não perde um dia desde a oitava série. E desculpe por dizer, mas você está uma porcaria, mas não acho que esteja doente.

- Pode pensar o que quiser. -Janie falou desanimada. – Eu acho que para ficar grávida é preciso fazer sexo, pelo que ouvi falar.

-Aha, então é algo sobre sexo! -Carrie gritou triunfante.

-Vá para casa Carrie.

Carrie sorriu. – Você sabe onde me encontrar. Dicas e conselhos sobre sexo... Apenas abra a janela.

Janie conteve a urgência de estrangular Carrie. – Adeus. -Ela disse decidida.

- Tudo bem, tudo bem. Eu consigo entender uma indireta. -Ela seguiu em direção da porta e virou para Janie, com uma expressão estranha no rosto.

- Isso por acaso não tem nada a ver com fato de Cabel ter se envolvido com drogas nesse final de semana, tem? -Ela piscou rapidamente sorrindo.

-O que?

- Acho que ele é algum tipo de traficante... Ou você sabe. Um desses caras que trabalham intermediando, ou qualquer nome que dêem pra isso. Então Shay dançou com ele em uma festa no domingo à noite. Ela estava muito alta. Fiquei sabendo que ele foi preso. Isso é verdade?

---

[13] Programa em que os primeiros quatro concorrentes chamados constituem o grupo inicial, em que cada um dos elementos vai tentar acertar, ou aproximar-se sem ultrapassar, no preço de um produto que lhe é apresentado.

O estomago de Janie se retorceu e se despedaçou.

Ela iria ficar doente.

- Não. -Janie falou lentamente. – Não tem nada a ver com isso. -Lágrimas apareceram no canto dos olhos e ela as pressionou de volta com os dedos.

O rosto de Carrie se fechou. – Oh merda Janie. Você não sabia.

Janie sacudiu a cabeça amortecida.

19 de outubro de 2005
02h45min

Janie jazia acordada na cama, olhando para o teto. Discutindo consigo mesma. Ela sabia que não deveria fazer aquilo. Mas ela não tinha nada a perder.

Se sentindo como uma aberração, ela se vestiu e saiu do quarto. Correndo silenciosamente através dos gramados, e evitando casas com cachorros.

Se esgueirando para a casa de Cabel e sentando do lado de fora da janela do quarto, entre os arbustos. Ela se reclinou contra a casa e esperou. Os tijolos prendiam a camiseta. Estava frio. Ela colocou o casaco.

O traseiro dela ficou amortecido.

Então suas pernas.

Ela estava terrivelmente entediada.

05h01min

Ela fugiu enquanto ainda estava escuro, sentindo-se uma criminosa.

Uma criminosa que saíra sem nada.

07h36min

Ela pegou os livros da mesinha da cabeceira. O recado ainda estava onde Carrie havia deixado. Ela hesitou e então o abriu.

Nós realmente precisamos conversar. Por favor. Estou implorando. Cabe.

Era tudo o que falava.

07h55min

Janie esperou pelo sinal para entrar na escola. Entrando na aula de inglês um pouco antes do senhor Purcell fechar a porta. – Se sentindo melhor, eu presumo? Senhorita Hannagan. -Ele entoou.

Janie achou que a pergunta era retórica e o ignorou.

Ela podia sentir os olhos de Cabel nela.

Ela não olhou para ele.

Era uma tortura, isso é o que era.

Toda a maldita aula, todo o maldito dia.

Uma tortura.

12h45min

Ela havia desistido.

Janie temia a sala de estudos. Mas ele havia desistido. Ele sentou no lado oposto da biblioteca, removeu os óculos e descansou a cabeça nos braços.

Ela notou com satisfação que ele realmente parecia um lixo. Justamente como Carrie havia falado.

Carrie sentou na cadeira ao lado dela.

Se Cabel sonhou Janie não soube. Ao invés ela deitou a cabeça nos braços e tentou tirar uma soneca. Mas ela acabou sugada para outro sonho. Dessa vez o dela mesma.

E então ela acordou e Carrie estava lá. Ou melhor, Janie estava junto de Carrie e Stu.

Janie os observou curiosa.

Carrie parecia estar gostando.

Gostando muito.

Quatro vezes.

Uma fora o suficiente para Janie.

E ela realmente não acreditava que o pênis de Stu fosse tão grande. Ele nunca teria entrado atrás do volante da velha Ethel com aquela coisa.

Agora Janie sabia o que mais ela estava perdendo. Ela grunhiu quando Carrie a acordou.

Ela levantou.

Ainda teria mais duas aulas.

Janie estava cansada. E ela ainda teria que trabalhar um turno completo durante a noite.

Aparentemente as coisas ficariam pior antes de melhorar.

Se elas melhorassem.

Janie duvidava.

22h14min

A senhora Stubin estava em coma.

O médico ficara no quarto toda à tarde.

Janie caminhava ansiosa.

E então a senhora Stubin morreu. Bem na frente da Janie.

Janie chorou. Ela não tinha bem certeza por que, ela nunca havia chorado com a morte de um residente antes. Apenas havia alguma coisa especial sobre a senhora Stubin.

Mas ela estava feliz que a senhora Stubin havia conseguido fazer amor com aquele soldado gentil, mesmo que fosse durante um sonho em preto e branco.

A enfermeira chefe mandou Janie para casa mais cedo. Ela disse que Janie ainda não parecia muito bem. Janie estava amortecida. Ela estava acordada desde as duas da manhã.

Ela se despediu da senhora Stubin. Tocou sua mão fria e a apertou.

22h31min

Janie dirigiu para casa lentamente, as janelas abertas, a mão pronta perto do freio estacionário. Ela entrou na *Waverly*. Passando pela casa de Cabel.

Nada aconteceu.

Ela caiu na cama quando chegou em casa.

Não havia nenhum recado, ligação ou visitas. Não que ela estivesse esperando por alguma coisa, é claro. Aquele bastardo.

22 de outubro de 2005

Janie trabalhou no turno do dia. Era sábado. Ela foi designada para a sala de artes e artesanatos. Isso a deixou feliz. A maioria dos residentes no *lar Heather* não dormia durante as aulas.

Em seu intervalo de almoço a diretora aparece. Mesmo sendo final de semana. Ela chamou Janie para seu escritório e fechou a porta.

Janie estava preocupada. Ela teria feito alguma coisa errada? Alguém a teria pego durante um sonho e achara que ela estava dormindo? Ela sentou nervosa na cadeira em frente á diretora.

- Esta tudo bem? -Ela perguntou nervosa.

A diretora sorriu. Ela entregou um envelope para Janie.

- Isso é para você. -Ela disse.

- O que é isso?

- Eu não sei. É algo da senhora Stubin. Nós encontramos em meio aos pertences dela depois que o legista chegou. Abra.

Os olhos de Janie cresceram. Seus dedos tremiam um pouco. Ela abriu o selo e retirou um pedaço de papel. Quando ela o abriu um pequeno pedaço saiu flutuando até o chão. Ela lê. A escrita estava quase ilegível. Torta. Escrita pela mão de uma cega.

Querida Janie.
Obrigado por meus sonhos.
De uma apanhadora de sonhos para outra.
Martha Stubin.
P.S.: Você possui mais poder do que imagina.

O coração de Janie disparou. Ela respirou fundo. Não ela pensou. É impossível.

A diretora pegou o pequeno pedaço de papel retangular do chão e o entregou para Janie. Era um cheque.

Dizia: *para a faculdade*. Na linda de identificação.

Eram cinco mil dólares.

Janie olhou para a diretora, cujo rosto estava tão feliz que parecia a ponto de rachar. Ela olhou para o cheque, e novamente para a carta.

A diretora se levantou e apertou o ombro de Janie. – Bom trabalho querida. -Ela falou. – Estou muito feliz por você.

15h33min

Havia uma ligação para Janie.

Ela correu para a recepção. Aquele estava sendo um dia estranho.

Era a mãe dela.

- Tem um hippie na porta, ele diz que não vai sair até que você fale com ele. Ele quer saber se você vai chegar logo? E eu estou indo para a cama.

Janie suspirou. Ela sempre escrevia no calendário todos seus turnos da semana. Mas ela estava feliz. Talvez por ter ganhado um cheque da senhora Stubin. Talvez por que a mãe dela havia chamado Cabel de hippie.

- Vou chegar em casa um pouco depois da cinco.

- Eu preciso me preocupar com esse sujeito na porta, ou posso ir para a cama?

- Você pode ir para a cama. Ele... Ah... Não é nenhum tipo de estuprador.

Pelos menos que eu saiba.

Ela desligou.

17h21min

Cabel não estava na porta.

Janie entrou. Havia um recado na pia, embaixo de um copo sujo. A letra era da mãe de Janie.

“O Hippie disse que não poderia ficar. E que vai voltar amanha.”

Com amor, mamãe.

O bilhete dizia com amor mamãe!

Aquilo era a coisa mais notável sobre o bilhete.

Janie rasgou o papel em pedaços e o jogou na superlotada lata do lixo.

Ela trocou de roupa, colocou um jantar congelado no forno e pegou os papéis de inscrição para a faculdade.

Cinco mil. Ela sabia que cinco mil eram apenas mais uma gota no balde. Mas já era alguma coisa.

Como o recado da senhora Stubin.

Aquilo era alguma coisa.

Janie ainda não havia conseguido fazer sua mente funcionar ao redor daquele assunto.

Ela olhou para a pilha de papéis. Todos pareciam estranhos para ela. Aplicativos para financiamento estudantil, históricos escolares, escrever um ensaio sobre o pedido? Nossa. Ela precisava começar a fazer algo sobre aquilo.

Ela não fazia idéia do que queria fazer no futuro.

Ciência, matemática... Talvez pesquisas. Pesquisas sobre sonhos.

Ou talvez não.

Ela realmente queria esquecer aquela parte da merda de vida que tinha.

Ela ligou para Carrie. – O que você esta fazendo?

- Sentada em casa. Sozinha. E você?

- Me perguntando se tem alguma festa por ai, na casa de algumas daquelas tuas amigas ricas.

Carrie ficou em silêncio por um momento. – Por quê? -A voz dela estava cheira de suspeita.

- Eu não sei. -Janie mentiu. – Estou entediada. Posso em uma delas com você? Como acompanhante ou qualquer outra coisa assim?

- Janie.

- O que?

- Você não quer ir lá.

- Por quê? Só estou entediada. Eu nunca estivera em uma daquelas festas organizadas no Hill. Você sabe, quando os pais não estão e deixam toda a bebida para as crianças se embebedarem.

Carrie ficou calada novamente. – Você vai procurar por ele, não vai? Estou indo para ai.- ela desligou.

Carrie chegou dez minutos depois com um saco de dormir. – Posso passar a noite? - Ela perguntou. – Não temos uma noite assim á muito tempo.

Janie olhou para Carrie septicamente. – O que esta acontecendo? Ela perguntou. – Apenas me diga.

Carrie jogou suas coisas no sofá. – Você tem comida? Ainda não comi. -Ela cheirou o ar e abriu o forno. – Eca. Podemos comer alguma coisa de verdade?

- Ótimo. -Janie suspirou. Ela caminhou ao redor da cozinha. A geladeira estava surpreendentemente cheia. – Fajitas.[14] Esta bom?

- Perfeito. -Carrie disse alegremente. Ela misturou duas *vodkas tônica*, adicionou um pouco de suco de laranja e entregou uma delas para Janie.

- Você poderia parar com isso, por favor?

- Parar com o que?

- Essa coisa de conversa açucarada. Esta começando a me irritar.

Carrie piscou. – Não sei do que você esta falando. De qualquer maneira me de alguns vegetais para cortar.

Elas trabalharam fazendo a refeição, fazendo guacamole. Janie pegou o jantar congelado, enrolou em um plástico e o colocou no congelador. Sua mãe provavelmente o comeria. Frio. Como café da manhã, ou algo assim.

Quando as *fajitas* estavam prontas, Janie já estava ocupada com sua segunda bebida. E Carrie estava bebendo direto da garrafa.

Elas foram para a sala, mudando o canal para um com vídeos musicais.

- Então, você vai me contar o que esta acontecendo, ou não? - Janie disse.

Carrie suspirou e a olhou de maneira triste. – Oh Janie. Você ainda esta interessada no Cabel?

Janie tomou um gole de sua bebida e mentiu. – Eu... Eu já o superei. Não estou falando com o Cabel.

- Eu o vi aqui nos degraus essa manhã. Você estava no trabalho?

- Sim. Acho que ele ficou aqui o dia todo. Minha mãe o chamou de hippie. -Janie riu.

Carrie bebeu outro gole. – Whoo! -Ela disse quando engoliu. – Nossa. Oh sim. Cabel. Ele esta na casa da Melinda hoje à noite. Com a Shay. - Ela completou.

- Bem, dã ele não poderia estar com a Melinda.

Carrie a olhou curiosa. – Por que não com a Melinda?

---

[14] Fajita é um termo genérico usado na cozinha mexicana, que se refere ao prato com carne grelhada servido com farinha e tortilla de milho.

Janie se sentia atrevida devido ao efeito do álcool. – Carrie! A Melinda é lésbica. Você não sabia?

- O que?

- E ela é completamente apaixonada por você.

- Ela não é.

- É sim.

- Como você sabe?

Janie hesitou.

Ela sabia que não deveria contar.

Mas contou. – Ela sonha com você. Eu posso ver os sonhos dela.

Carrie a olhou confusa.

Janie sentou, com rosto sério.

E então Carrie caiu na gargalhada. – Que merda Janie. Você voltou a ser engraçada.

Janie acompanhou Carrie rindo também. – Te peguei. -Ela disse nervosa.

Carrie deu uma mordida na *fajita*. – Ei, isso esta muito bom, guria.

Janie rolou os olhou. Agora o Stu fez a Carrie a chamar assim também. – De qualquer maneira. -Janie falou.

- Hunn?

- Ohh. Certo. Bem, desde que você deu o foro nele, ele tem estado junto com as garotas ricas.Ele tem a Shay enrolada nos dedos.

- Mesmo que ele tenha sido pego em uma das festas dela?

Carrie riu. – Para quem você acha que ele esta trabalhando? Para o pai dela! Eles têm um pequeno *"entendimento"*. Shay me contou. Isso é hilário. Falando de negócios em família. E não estamos falando somente de "pó".

Janie enfiou a comida na boca.

Carrie continuou. – Shay contou para Melinda que ela dormiu com ele. -Carrie bateu na boca. – *Oh Meu Deus*. Eu não acabei de falar isso.

Janie estava amortecida. E estranhamente implorando por mais. Ela queria odiá-lo. – Que nada, está tudo bem. -Ela disse calmamente. – Estou completamente curada desse cara. Ele é uma grande farsa. Certo? -Ela incentivou Carrie a continuar.

- Ele é uma farsa. -Carrie falou, quase deixando a garrafa cair. Ela encheu o copo de Janie. – Agora está explicado as roupas novas, e o celular que ele finalmente comprou. Nossa. Ele está ganhando dinheiro. Eu acho que é *crack*. Mas isso é só um palpite.

Janie não podia acreditar naquilo.

Ele disse que não bebia. E não usava drogas.

Ela achava que ele não suportava a Shay Wilder.

O mentiroso.

- Todos os traficantes mentem. Eu acho. -Janie disse.

Carrie concordou reanimada pela bebida. – Eles são muito escorregadios. Eu não pude acreditar quando descobri o que Cabel estava fazendo. Mas eu sei que ele estava metido com *maconha* á uns três anos atrás, quando ele começou na nossa classe. Acho que tudo começou ai.

- Ele realmente estava envolvido com maconha?

- Eu comprei dele. -Carrie sussurrou.

- Você comprou?

Carrie concordou novamente. – Muito.

Janie levantou rapidamente, e levou as louças para a pia. Ela começou a lavá-las enquanto a torrente de informações fluía ao redor de seu cérebro. Ele havia feito sexo com a Shay? Todo o corpo de Janie começou a doer.

Quando Janie voltou para a sala, os olhos de Carrie estavam vidrados. Ela encarava a TV.

Janie sentou ao lado dela. – Então se Cabel é louco pela Shay, por que ele sentou em frente á minha porta o dia todo? E por que ele continua tentando falar comigo?

Carrie olhou para Janie. – Talvez ele não queira perder você como futura cliente. Ou uma boa transa. Encare isso querida, você está muito bem.

Janie sentiu o estomago se contrair.

Ela pediu licença e foi para o banheiro.

Quando voltou Carrie estava desmaiada no sofá.

Janie desligou a TV. Limpou a bagunça e tomou um pouco de água.

23 de outubro de 2005
01h34min

Ela deixou Carrie no sofá, correu pelo pátio para se esconder nas árvores próximas a casa de Cabel. Havia luz acesa na casa, então ela esperou. Depois de um tempo, um carro parou na estrada. Ficou lá por uns cinco minutos, talvez mais. Finalmente Cabel saiu do carro e entrou na casa. Quando ela viu todas as luzes se apagarem, foi para os arbustos em baixo da janela dele, desviando das folhas secas que insistiam em cair nos últimos dias.

A sorte estava do lado dela quando ele abriu um pouco a janela. Agora ela podia escutá-lo, e o coração dela se quebrou quando escutou ele suspirar e se mexer no escuro. Ela podia escutar ele na cama quando deitou escutar ele socando o travesseiro se preparando para dormir.

Ela se perguntou o que ele usaria para dormir. Ela se sentia mais do que tentada a olhar.

Mas ela iria esperar.

Ela esperou.

02h15min

Ele não roncava.

03h04min

O cochilo de Janie nos arbustos foi interrompido. De maneira dolorosa. Seu corpo ficou paralisado quase que imediatamente, e ela foi sugada para dentro da mente de Cabel. Para dentro dos medos dele. De seus sonhos.

O sonho durou duas horas.

O homem de meia idade, espalhando fluido de isqueiro e então jogando o cigarro em Cabel. O homem monstro na cozinha, jogando a cadeira com as facas, acertando o ventilador e decapitando o homem. E um sonho novo, Shay, a líder de torcida rica, presa em uma cama com algemas. Sorrindo.

Janie a achava horrível.

Ela estava nua.

Cabel sobe na cama com ela.

E Janie não conseguiu sair do sonho.

Ela se sentiu ficando doente, mas não conseguia se mover.

Ela não podia bater na janela para acordá-lo.

Ela estava congelada. Paralisada.

Foi absolutamente o pior sonho que ela já havia sido sugada. O pior. Ela desmaiou. Inconsciente. Drenada. Logo antes da cena mudar. E acabar.

06h31min

Ela abriu os olhos.

Janie estava deitada de barriga, com o rosto para baixo, nas pedras e arbustos.

Ela mal conseguia se mexer.

Mas ela precisava.

O sol estava nascendo.

07h11min

Janie chegou em casa. Ignorando os latidos dos cães.

07h34min

Janie entrou pela porta, fechando-a, e caiu no carpete próximo a Carrie, que ainda estava no sofá. Dormindo.

08h03min

Oh Deus. Ela estava na floresta. Repetidas vezes. Tão cansada.

Quando elas vêem o garotinho caindo na água, Stu apareceu ao lado de Carrie.

O garotinho sorrindo.

A luta.

O pedido de ajuda.

O qual Janie não podia ajudar.

Stu correu na direção da água, mas ele também não podia ajudar. Stu fez amor com Carrie, enquanto ela chorava pelo garoto chamado Carson.

O garoto estava ensangüentado, perdido, levado pelo tubarão.

Como sempre.

Janie chorou. Por Carson, por Carrie. Mas principalmente por ela mesma. Ela sentia como se tivesse cem anos de idade.

09h16min

Carrie acordou Janie.

- Eu tenho que ir. -Ela disse.

Janie gemeu. Seu corpo doía.

Carrie fechou a porta em silêncio, e Janie voltou a dormir.

O carpete arranhava seu rosto.

11h03min

Houve uma batida na porta, e o barulho de alguém entrando. Janie pensou que estava sonhando.

Ele checou para ter certeza de que ela continuava viva. Então sentou no sofá e esperou.

A mãe de Janie apareceu.

E voltou para o quarto novamente, carregando uma bandeja coberta com um plástico, e uma garrafa de vidro.

12h20min

Ela rola.

Geme.

Se curva como uma bola, segurando a barriga.

- *Oh Deus*. Ela resmungou, de olhos fechados. A cabeça doía. Os músculos gritavam toda vez que ela se movia. Ela estava fraca e vazia. Com a cabeça tonta e exausta.

E ele estava lá, segurando-a. Carregando para a cama. Cobrindo com os cobertores.

Ele fechou a porta.

Sentou no chão, próximo a ela.

12h54min

Ele foi para a cozinha. Preparou um sanduíche de galinha. Um copo de leite. Um com suco de laranja. Colocou o sanduíche em um prato. E o levou para o quarto.

E esperou.

13h02min

Esperou até ficar assustado por ela estar dormindo muito. E então ele a acordou.

Janie gemeu e sentou lentamente.

Ela bebeu o suco e o leite.

Comeu o sanduíche.

Sem olhar para Cabel.

13h27min

- Por que você continua vindo aqui. -Ela falou. Sua voz estava rouca.

Ele mediu as palavras. – Por que me importo com você.

Ela riu ironicamente. – Certo.

Ele a olhou parecendo vulnerável. – Janie, eu...

Ela olhou para ele de uma maneira aguçada. – Você o quê? Esta traficando drogas? Transando com a Shay Wilder? Diga-me alguma coisa que eu ainda não sei.

Ele colocou as mãos na cabeça e gemeu. – Não acredite em tudo o que você escuta.

Ela bufou. – Você esta negando isso?

- Não estou transando com a Shay Wilder. -Ele falou.

- Oh serio. Então é somente nos teus sonhos. -Ela se virou para a parede.

Ele olhou para a parte de trás da cabeça dela.

Por um longo e doloroso tempo.

- Você não fez isso. -Ele disse finalmente.

Ela não respondeu.

Ele se levantou. – *Deus*, Janie. -Ele cuspiu as palavras.

Ficando parado acusatoriamente.

- Talvez você devesse ir embora agora.

Ele caminhou para a porta, a abriu, e então virou para olhá-la. – Sonhos não são memórias Janie. Eles são medos e desejos. Indicações das preocupações das pessoas. Achei que entre todas as pessoas você saberia a diferença. -Ele saiu.

21 de novembro de 2005

Janie e Cabel não se falavam mais.

Janie ia para a escola e para o trabalho mecanicamente, se sentindo mais vazia do que nunca sentira em toda a vida. A única pessoa que sabia sobre os sonhos, a única que ela realmente começara a se importar, parecia ser seu pior inimigo. Janie passava muito tempo pensando sobre ser uma pessoa sozinha para sempre, como à senhora Stubin. Se preparando para uma vida solitária.

Trabalhando no asilo.

Freqüentando a faculdade comunitária.

Morando com a mãe.

Para sempre.

Na escola, o número de alunos dormindo aumentou com a diminuição da luz do dia, e com o tempo frio.

Com a aproximação do dia de ação de graças, em um dia especialmente movimentado na sala de estudos, depois do almoço, uma *geek* de ciências chamada Stacey O’Grady tirou uma soneca. Ela estava dirigindo um carro fora de controle com um estuprador no banco de trás, por quase todo o período. Quinze minutos no sonho e Janie já estava completamente paralisada.

Por sorte Carrie não estava lá para notar quando Janie caiu da cadeira e começou a tremer no carpete da biblioteca.

Por sorte Cabel estava.

Ele a pegou, a colocando sentada novamente na cadeira.

Massageou os dedos de Janie até eles se moverem.

Pegou uma barra de Snickers tamanho gigante e colocou próximo a mão dela antes de sair para a próxima aula.

Distraiu o professor enquanto ela se esgueirava pela sala.

Sem olhar para ela.

Janie engoliu seu orgulho junto com a barra de chocolate. Escreveu alguma coisa em seu caderno com a mão tremula. Arrancando a página.

A esmagou como uma bola.

E acertou a parte de trás da cabeça de Cabel com ela.

Ele pegou a bola e abriu. Lendo.

Sorriu, e colocou o papel na mochila.

Na saída da escola, no pára-brisa de Ethel havia um pedaço de jornal. Classificados. Janie olhou ao redor desconfiada, pensando se seria alguma espécie de piada. Não vendo ninguém ela puxou o papel de baixo do limpador e entrou no carro. Ela olhou com curiosidade para o papel, primeiro de um lado depois do outro. E então ela encontrou. Estava sublinhado em amarelo.

Com problemas para dormir? Pesadelos? Problemas com o sono?

Questão respondida. Problema resolvido.

Era um estudo voluntário sobre o sono. Organizado pela *universidade de Michigan*. Para pesquisas cientificas.

E era de graça.

Quando ela chegou em casa, ligou imediatamente e se inscreveu para a semana do dia de ação de graças, na clinica do sono North Fieldridge que ficava próxima a escola.

25 de novembro de 2005

Era o dia depois da noite de ação de graças. Janie havia trabalhado no dia de ação de graças, e no dia seguinte para receber o dobro do pagamento. Ela teria o próximo dia de folga, antecipando algum problema no estudo do sono durante a noite. Se perguntando se isso seria uma repetição da viagem de ônibus para Stratford. Pensando se aquilo não iria se tornar outra grande confusão.

22h59min

Ela pegou uma mala com as coisas para a noite, do banco de trás do carro e caminhou para a clínica. Ela retirou o casaco e se registrou com um nome falso na recepção. Através do vidro tingido ela podia ver fileiras de camas com máquinas ao redor. Já havia algumas pessoas nas camas.

Isso é uma idéia muito, muito ruim, ela pensou.

A porta do quarto se abriu e uma mulher usando um jaleco branco parou na porta. Olhando uma planilha. Janie perdeu o equilíbrio. Colocou a mão no rosto. Sorriu. Ela procurou cegamente por uma cadeira antes de seu corpo perder os sentidos.

23h01min

Ela estava em uma rua de uma cidade movimentada. Estava chovendo. Ela estava sob um toldo, sem saber ao certo por quem estava procurando. Ela não se sentia compelida a seguir nenhum dos passantes. Então o estomago de Janie se revirou. Ela suspirou e virou os olhos, olhando para cima.

Aqui vem ele. Ela pensou.

Através do toldo.

Era o senhor Abernethy, o diretor da escola.

23h02min

Á visão parou. A mulher de jaleco havia entrado na sala e a estava encarando.

Janie olhou para ela, apenas para assustá-la. Janie olhou ao redor da sala para as pessoas sentadas esperando por seus nomes serem chamados. Todos olhavam para o chão quando ela os encarou. Ela sabia o que eles estariam pensando. De maneira nenhuma que eles irão querer entrar no mesmo quarto que eu, uma aberração.

Janie apertou a mandíbula.

Ela estava cansada de chorar.

Recusando a fazer mais uma cena.

Quando ela voltar a sentir os dedos dos pés, ele levantou, pegou o casaco e a mala, e saiu pela porta.

Sua voz estava rouca quando ela virou para falar com a recepcionista. – Sinto muito. Não vou fazer isso. - Ela saiu para o estacionamento. No ar frio ela respirava fundo sugando o ar nos pulmões.

A mulher de jaleco a seguiu porta a fora. – Senhorita?

Janie continuou caminhando. Jogando a mala dentro do carro.

Por sobre o ombro ela gritou. – Eu disse que não vou fazer isso.

Ela entrou atrás da direção. Deixando a mulher de jaleco parada enquanto ela foi embora. – Tem que haver outra maneira Ethel. -Ela disse. – Você me entende, não é querida.

Ethel ronronou alegremente.

23h23min

Janie parou em sua entrada de carros depois do incidente na sala de espera da clínica. Pensando se ela deveria ter arriscado. Mas não havia nenhum motivo na terra para ela querer saber o que o diretor o senhor Abernethy sonhava.

Eca.

Eca, eca, eca.

Essa não era a forma correta de concertar isso, ela decidiu. Mas qual seria o jeito certo? Por que já estava na hora.

Na hora de parar de chorar, tempo de reagir e fazer alguma coisa. Hora de seguir em frente e sair daquela festa de auto-piedade.

Antes que ela perdesse a cabeça.

Por que não haveria maneira dela conseguir agüentar a faculdade, a menos que criasse algumas paredes ao redor desse desastre de trem.

Ela entrou em casa e mexeu nos papéis em sua mesinha de cabeceira. Ela encontrou o recado da senhora Stubin. E o leu novamente.

Querida Janie.
Obrigado por meus sonhos.
De uma apanhadora de sonhos para outra.
Martha Stubin.
P.S. você possui mais poder do que imagina.

23h36min

O que aquilo significava?

23h39min

Ela ainda não sabia.

23h58min

Nada.

26 de novembro de 2005
09h59min

Janie esperou na porta da biblioteca pública. Quando abriu para os visitantes, ela caminhou através da parte de não ficção. Auto-ajuda. Sonhos.

Ela pegou os seis livros da prateleira, achou uma mesa em um canto, e começou a ler.

Quando um grupo de estudantes com aparência sonolenta sentou em uma mesa próxima, ela mudou para uma seção diferente na biblioteca.

Ela esperou pacientemente pelos computadores começarem a funcionar. Passou uma hora por ali. Ela não podia acreditar no que encontrou com a ajuda do Google.

É claro que não havia informações de pessoas como ela. Mas já era um começo.

17h01min

Com quatro dos seis livros, Janie dirigiu para casa. Ela estava fascinada. Ela fez o jantar com um livro na mão. Leu até meia noite. E então ela respirou fundo e disse a si mesma que estava pronta para ir para cama.

- Eu tenho um problema. -Ela disse baixinho, tentando não se sentir uma idiota. – Eu tenho um problema, e preciso resolver isso. Eu gostaria de ter um sonho sobre como resolver esse problema.

Ela se concentrou. Deitou na cama, fechou os olhos, e continuou com uma voz mais calma. – Eu gostaria de sonhar sobre como bloquear os sonhos das outras pessoas. Eu quero... -Ela hesitou. – Quero dizer, eu gostaria de ajudar as pessoas e também... Gostaria... De viver uma vida normal. Para que os sonhos deles não arruínem minha vida para sempre.

Janie respirou fundo. Ela parou de falar e focou sua mente no problema. Até que lembrou. – E eu gostaria de lembrar do sonho quando acordar. -Ela adicionou em voz alta.

Por varias vezes ela repetiu essas palavras em sua mente.

Ela espiou o relógio e se repreendeu por arruinar o enquanto.

00h33min

Ela se concentrou novamente. Respirando profundamente. Deixando os pensamentos fluir ao redor e se fundirem em sua mente.

Lentamente, ela sentiu os pensamentos enchendo o quarto. Ela os respirava. Eles acariciavam sua pele. Ela deixou a mente se soltar, deixando os músculos relaxarem.

E deixou o sono tomar contar.

No início nada aconteceu.

O que era bom ela descobriu.

A lucidez veio depois.

02h45min

Janie se viu no meio de um lago de águas escuras. Ela nadou pelo que pareceu ser horas. Ela estava cansada. Entrando em pânico. Viu Cabel na margem com uma corda. Ela acenou freneticamente para ele, mas Cabel não a vê. Ela não agüentava mais. A água encheu sua boca e ouvidos.

Ela submergiu.

Havia outras pessoas sob a superfície da água. Homens, mulheres, crianças e bebês. Ela olhou para eles em pânico, seus pulmões queimando. Eles olharam para ela, seus olhos saltados e mortos.

Ela olhou ao redor freneticamente. A pressão nos pulmões era poderosa. Tudo diminuiu e ficou escuro. Ela sentiu seus olhos saltando, e escutou a gargalhada mental dos corpos ao redor dela.

Janie se engasgou e acordou. Era 03h10min

Ela respirava com dificuldade. Escreveu o sonho em um caderno.

Tentou não sentir mal por ter falhado. Ela já esperava por isso.

Ela disse a si mesma que ainda não havia terminado. E deitou novamente.

Eu quero sonhar com isso novamente. Ela pensou calmamente. E dessa vez não vou me afogar. Eu irei respirar dentro da água, por que é o meu sonho e posso fazer o que quiser com ele. Irei nadar como um peixe. Por que seu sei nadar. E... E eu terei guelras. Sim. É isso. Eu tenho guelras.

Ela repetiu isso quando deitou.

03h47min

Ela não tinha guelras.

Ela rolou e gemeu frustrada contra o travesseiro. E repetiu o mantra.

04h55min

Começou novamente.

Quando Janie deslizou para baixo da água, exausta seus pulmões queimando, ela olhou ao redor para os outros que estavam flutuando abaixo da superfície.

Ela começou a entrar em pânico.

Seus olhos saltando.

E então.

A senhora Stubin piscou para ela debaixo da água. Ela sorriu encorajadoramente. Ela não era um dos mortos.

Flutuando próxima a senhora Stubin estava outra Janie, que acenou e sorriu. – É o seu sonho. -Ela diz.

A Janie que se afogava olhou da senhora Stubin para Janie. Sua visão estava começando a diminuir.

Janie entrou em pânico.

- Se concentre. - Janie falou. – Mude isso.

A Janie que se afogava fechou os olhos. Afundando ainda mais na água. Ela chutou seu pé quando perdia a consciência, lutando para se mover, para voltar para a superfície.

- Se concentre. -Janie falou novamente. – Faça isso!

Guelras surgiram no pescoço da Janie que se afogava.

Ela abriu os olhos.

Respirou profundamente e com facilidade na água. Aquilo fazia cócegas. Ela riu sem acreditar, e apareceram bolhas.

Ela olhou para cima, e a senhora Stubin e Janie estavam sorrindo para ela. Dando braçadas silenciosas em câmera lenta na água. Elas se moveram na direção dela.

A Janie que antes se afogava sorriu. – Eu consegui. -Ela disse. Bolhas saíram de sua boca, e as palavras apareciam individualmente sobre sua cabeça como em um desenho animado.

- Você conseguiu. - Janie disse, acenando, seu cabelo boiava como uma ceda.

- Vamos nadar agora. -A senhora Stubin falou. – Há alguém esperando por você do lado de fora.

Janie e a senhora Stubin nadaram junto a Janie que antes estava se afogando, quando elas pararam acenaram para que Janie continuasse.

Ela se aproximou da margem, e quando chegou à superfície e conseguiu nadar, suas guelras desapareceram. Ela saiu da água, com sua calça e camiseta do pijama encharcado.

Cabel estava lá. Ele também estava usando calções. Seus músculos tensos na luz do sol. Seu corpo bronzeado, e brilhante.

Parecia que eles estavam em uma ilha tropical e deserta.

Ele não se moveu.

Ele não tinha mais a corda.

Cabel estava sentado na areia.

Ela esperou que ele fizesse algo, mas ele não se moveu.

- Lembre-se, é o seu sonho. -Ela escutou. Era a outra Janie falando, aquela que estava ciente do sonho.

Janie hesitou e se aproximou de Cabel. – Oi Cabe.

Ele olhou para cima. – Eu me preocupo com você. -Ele disse. Seus olhos estavam marrons e se tornando enlameados.

Janie queria acreditar nele. Então ela acreditou.

- E sobre a Shay? Ela perguntou.

- sonhos não são memórias. -Ele disse. – Por favor, fale comigo.

06h29min

Janie sorriu enquanto dormia. Ela observava a si mesma no sonho, e se apegou a ele, o observando de varias direções, começando novamente em partes diferentes por diversão, ou fazendo o sonho se tornar sexy, ou bonito, ou bobo.

27 de novembro de 2005
08h05min

O alarme tocou. Janie manteve os olhos fechados e desligou o alarme. Ela ficou deitada na cama, repassando o sonho em detalhes, o relembrando. O memorizando.

Quando ela o tinha sólido na mente, ela sentou e escreveu em seu diário.

Ela não podia parar de sorrir.

Era um passo pequeno. Mas dava esperanças para Janie.

Ela estudou os livros durante todo o dia, até chegar a hora de ir trabalhar.

21h58min

O asilo estava calmo, até que a luz de chamada do quarto que a senhora Stubin ocupava se acendeu. Um novo morador estava lá agora. Seu nome era Johnny McVicker.

Janie largou a caneta e foi até o quarto para saber o do que ele precisava.

Mas o senhor McVicker estava dormindo.

Ele estava sonhando.

Janie agarrou a parede quando ficou cega.

21h59min

Eles estavam no porão de uma casa. Estava razoavelmente iluminado, e não estava muito frio lá embaixo. Pela janela de ventilação Janie viu folhas cinza sendo arrastadas pelo vento no lado de fora. Ela percebeu depois de um momento que tudo estava em preto e branco.

O senhor McVicker estava talvez uns vinte anos mais jovem. Ele permaneceu nos degraus da escada com um jovem, a quem ele chamava de Edward.

Eles estavam gritando.

Coisas odiosas.
O senhor McVicker parecia horrorizado, e Edward correu escada acima e para fora da casa, batendo a porta.

O homem mais velho tentou segui-lo, mas ele conseguiu apenas se mover de câmera lenta. Ele tentou falar, mas nenhuma palavra saia. Ele é atrasado pelo peso em seus pés, que afundavam nos degraus.

Ele olhou para Janie, seu rosto rachado e quebrado, marcado por lágrimas. E então ele estava olhando para além de Janie.

Janie se virou.

A senhora Stubin estava parada atrás dela, observando. Esperando, por alguma coisa. Ela sorriu encorajadoramente para o senhor McVicker.

Ele estava afundando nos degraus, e agora não conseguia mais se mover.

A senhora Stubin continuou a observar pacientemente, com compaixão. Ela fechou os olhos e enrugou a testa. Ela se mantinha completamente parada.

- Me ajude. -Ele finalmente chorou, como se aquilo estivesse sendo forçado para fora de seus pulmões.

A senhora Stubin deslizou na direção do senhor McVicker.

Estendeu a mão.

O ajudando a sair da escada, os degraus magicamente se reparavam. Mas ao invés de guiá-lo escada acima, ela o trouxe de volta para o local onde o sonho havia começado.

A senhora Stubin olhou para Janie e acenou, voltando então a olhar para o velho. Ela falou algo para ele que Janie não conseguiu escutar.

Eles ficaram lá. Janie os observou por algum tempo. Então o sonho recomeçou.

O senhor McVicker e Edward estavam gritando.

Coisas odiosas.

O senhor McVicker fica horrorizado, e Edward vai em direção da escada.

A senhora Stubin falou alguma coisa para o senhor McVicker. A cena parou.

O senhor McVicker segurou a manga de Edward.

-Não vá. -Ele diz. – Por favor. Tem uma coisa que preciso falar.

Edward se virou lentamente.

- Filho. -O velho falou. – Você está certo, e eu errado. Eu sinto muito.

Os lábios de Edward tremeram.

Ele abriu os braços para o pai.

O senhor McVicker abraçou o jovem. – Eu te amo. -Ele disse.

A senhora Stubin sussurrou uma terceira vez para o senhor McVicker, e ele concordaram e sorriram. Ele colocou seus braços ao redor do filho, e então eles caminharam em direção da escada juntos.

A senhora Stubin sorriu para Janie e desapareceu. Janie ficou parada por um momento no porão. Ela ficou surpresa por não se sentir compelida em seguir o homem. Ela olhou ao redor e viu grama verde e petúnias crescendo do lado de fora da janela, e as paredes do porão estavam pintadas de amarelo claro.

Estranho.

Janie fechou os olhos se concentrando e saiu facilmente do sonho.

Ela ainda estava de pé. Ela piscou para que o quarto escuro voltasse a entrar em foco novamente. Seus dedos estavam latejando levemente.

Que bizarro.

Mas era muito bom ver a senhora Stubin. Isso era certo.

Ela se virou para partir. Com o canto dos olhos ela viu o botão de emergência.

Ele estava caído do chão.

Longe da cama.

Janie hesitou e então pegou o botão e o colocou de volta no clipe da parede. Ela virou e apagou as luzes.

Ela olhou ao redor no quarto, com seu cabelo do pescoço arrepiado.

Ela fechou a porta depois de sair.

Sacudiu a cabeça confusa.

Na recepção estava à enfermeira chefe Carol. – Você terminou as fichas querida? -Ela disse. – Para onde você desapareceu?

Janie apontou para o fim do corredor. – A luz de emergência do quarto do senhor McVicker estava piscando. Ele esta dormindo agora. Eu apenas a desliguei. -Sua voz estava clara e calma, a pegando de surpresa.

Carol olhou para Janie curiosa. – A luz daquele quarto não estava piscando, Janie. -Ela foi até o painel das luzes, e sacudiu a caixa. – Uum. -Ela disse. – talvez esteja com problemas.

-Isso é estranho. - Janie disse baixinho.

Ela colocou as planilhas de lado, pegou o casaco e caminhou para a saída. O relógio marcava 23h09min.

- Tenho que ir. -Tenho escola amanhã.

Ela dirigiu para casa, com uma nova canção no coração.

29 de novembro de 2005
12h45min

Janie estava obcecada em aprender mais sobre os sonhos. Ela desejava que as pessoas dormissem na aula. E na sala de estudos, como sempre. Ela estava cheia de entusiasmos.

Janie praticou com todos que podia.

Na maioria das vezes ela falhava.

Ela ainda não havia aprendido tudo.

Mas ela iria.

Por Deus, ela iria.

Por que agora ela tinha sua boa amiga senhora Stubin para ajudá-la. Ela reprimia a urgência de correr pelos corredores.

4 de dezembro de 2005
07h35min

Cabel estacionou seu carro novo ao lado do de Janie quando chegou à escola.

Não era um carro novo. Apenas novo para ele.

Mas era uma BMW.

Pessoas do lado sul de *Fieldridge* não dirigiam BMWs. Bem, talvez dos modelos dos anos setenta. Mas definitivamente não os modelos do ano 2000. A boca de Janie se abriu, e ela pressionou os lábios fechados. Ela balançou a cabeça e foi em direção da escola.

Ele estava logo atrás dela. – Vamos Janie. Ele tem seus anos de uso.
Janie encontrou Carrie na porta da aula de inglês. – Qual a história do carro de cafetão lá fora? -Janie perguntou.

- Eu não sei guria. Ele deve esta ganhando muito dinheiro. Eu não acredito que ele ainda não tenha sido expulso.

- Ele realmente foi preso?

- Não. O pai da Shay arranjou tudo com os policiais. Cabel esteve com ela em todas as festas nesse final de semana.

- E agora ele esta dirigindo aquilo.

- É uma 323 Ci conversível. O Stu disse que uma dessas deve custar pelo menos dezessete mil, usada.

O sangue de Janie ferveu. –Isso é tão... Tão... -A raiva tomou conta e ela não podia achar uma palavra. Carrie a estava olhando de maneira estranha.

- Inacreditável? -Soou uma voz atrás dela.

Ela respirou rapidamente, e viu que os olhos de Carrie de arregalaram. – Merda. -Ela se virou para ver Cabel.

- Com licença, por favor. -Ele disse educadamente, e se espremeu passando entre elas para dentro da sala. Janie sentiu o cheiro do perfume que ele estava usando. Seu estomago se revirou contra a vontade.

Os olhos de Carrie brilhavam. Ela riu. – Oops.

Janie virou os olhos e riu relutante. – É.

12h45min

Por vários dias Janie estivera nos sonhos das outras pessoas na sala de estudos, com pouco sucesso em ajudá-los a mudar o curso dos sonhos. Ela estava confusa com uma coisa.

Melhor duas coisas.

Primeiro como à senhora Stubin conseguiu fazer o senhora McVicker pedir ajuda? E segundo o que ela havia dito para que ele mudasse o sonho?

Desculpe. Melhor que seja três. Três coisas.

Como diabos a senhora Stubin podia enxergar nos sonhos se ela era cega? E como ela poderia estar lá, se estava morta? Tudo bem, isso eram quatro coisas. Janie sabia. Provavelmente haveria mais perguntas.

Aquilo era tão frustrante.

Ela sabia que precisava trabalhar ainda mais duro.

E ela estava perdendo peso rapidamente.

Ela já estava magra demais.

Agora suas bochechas estavam fundas, como as de sua mãe. E ela tinha círculos escuros sob os olhos, por acordar tantas vezes durante a noite, trabalhando em seus próprios sonhos.

Ela encontrava barras de chocolate em lugares estranhos, (ela sabia que eram dele, e ela se perguntava se elas não estariam misturadas com alguma droga).

Cabel estava sentando em seu antigo lugar nas últimas semanas. Mas ele não dormia.

Ele lia.

Janie chegou a desejar que ele caísse no sono. Mas ela também se preocupava sobre o que ela pudesse ver.

As provas estavam chegando. Ela abriu o livro de matemática e começou a estudar. De vez em quando ela olhava para Cabel, que estava de costas para ela. Pelo que Carrie havia falado, ele estava novamente em todas as festas no *Hill* durante os finais de semana. Com Shay. E muitas drogas. Janie suspirou. Obrigando-se a sair do sofrimento e a voltar para o livro de matemática. Se recusando ir até lá.

13h01min

A cabeça de Cabel balançou, e caiu para trás. Ele sacudiu a cabeça e olhou por sobre o ombro para Janie. Ela olhou para baixo. Então ele se ajeitou na cadeira, colocou o queixo sobre as mãos. Seu cabelo caiu suavemente ao redor dos ombros e em frente aos olhos. Janie admirou relutante o rosto de Cabel enquanto ele virava uma pagina do livro.

A cabeça dele balançou.

O livro deslizou de seus dedos.

E ele não acordou quando o livro caiu da mesa.

Janie sentiu a energia dele.

Ela se concentrou, e deslizou lentamente para o sonho de Cabel. Outro ponto positivo. Ela estava aprendendo a controlar a velocidade de suas chegadas e saídas. Dessa forma era muito mais fácil.

13h03min

Ele estava sentado em uma cela escura. Sozinho. Sobre sua cabeça havia um sinal que dizia. Traficante de drogas.

Janie observava do lado de fora da cela.

A cabeça dele estava abaixada.

O cenário mudou abruptamente.

Ele estava no quarto de Janie, sentado no chão, escrevendo em um papel. Sozinho. Ele olhou para ela,chamando-a com o olhar. Ela deu alguns passos para frente.

Ele levantou o papel.

Não é o que você esta pensando.

Estava escrito no papel.

Ele gastou a folha. Em baixo havia outra folha com a letra dele.

Eu acho que estou apaixonado por você.

O estomago da Janie se revirou.

Ele olhou para a mesa por um longo tempo. E então se virou para Janie e arrancou a página. Ele observava o rosto dela enquanto ela lia.

O que você acha do meu novo truque?

Ele sorriu e então desapareceu.

O cenário mudou novamente. De volta para a cela. O sinal sobre a cabeça havia desaparecido.

Ele estava sozinho. Ela observava do lado de fora. A cabeça dele abaixada. Então ele olhou para ela.

Um molho de chaves flutuou na frente dela.

- Me deixe sair. -Ele falou. – Me ajude.

Janie estava assustada. Ela se moveu automaticamente abrindo a cela. Ele caminhou na direção dela, e a pegou nos braços. Ele olhou em seus olhos. Entrelaçou os dedos no cabelo dela e a beijou.

Janie saiu de seu corpo enquanto beijava Cabel. Ela caminhou para longe pelo corredor escuro e voltou a acordar na biblioteca.

Ela piscou.

Sentou.

Olhou para ele.

Ele ainda estava dormindo na mesa.

Ela massageou os olhos e pensou:

Como foi que ele conseguiu fazer isso?

E agora?

13h30min

Ele sentou na cadeira em frente à Janie. Seus olhos úmidos pelo sono e de felicidade.

- Bem?

- Bem o que? - Ela resmungou.

- Funcionou certo?

Janie conseguiu sorrir. – Como você conseguiu fazer isso? -Ela perguntou.

O rosto dele ficou sério. – Foi à única maneira que consegui para fazer você falar comigo.

- Tudo bem, entendi. Mas *como você fez isso?*

Ele hesitou. Olhou para o relógio. Deu de ombros. – Parece que não tenho tempo para explicar agora. -Ele disse. – Quando você gostaria de sair comigo para podermos conversar melhor? -Um sorriso apareceu nos lábios dele.

Ele a havia colocado contra a parede.

E ele sabia disso.

Janie sorriu derrotada. – Você é um bastardo.

- Quando. -Ele exigiu. – Eu prometo de todo o meu coração que vou ser seu elfo doméstico pelo resto da minha vida, se eu faltar ao encontro na hora e data marcada. -Ele se inclinou para frente. – Eu prometo. -Ele disse. E levantou a mão.

Eles se levantaram.

Ela não havia respondido.

Ele caminhou ao redor da mesa em direção a ela e a empurrou gentilmente contra a parede. Colando os lábios nos dela.

Ele tinha gosto de menta.

Ela não podia evitar as voltas em seu estomago.

Ele recuou e tocou no rosto e cabelos dela. – Quando? - Ele sussurrou. Desesperado.

Ela limpou a garganta e piscou. – De... Depois da escola está bom para mim. -Ela disse.

Eles pagaram as mochilas e correram. Quando entraram na sala de educação cívica ele colocou uma barra energética na mão dela.

Ela sentou na classe e olhou para ele. Ela levantou as sobrancelhas para ele do outro lado da sala.

- Proteína. -Ele gesticulou. Ele fez gestos como se estivesse levantando pesos.

Ela riu alto.

Abriu o pacote.

E deu mordidas enquanto o professor não estava olhando.

Não era tão bom quanto o chocolate.

Mas servia.

Na educação física eles jogaram Badminton.

- Eu estou de olho. - Ele grunhiu enquanto trocavam de lado. – Não se atreva a sair daqui sem mim.

Ela sorriu e maneira maldosa.

Depois da escola Janie saiu do vestiário e olhou ao redor, então seguiu para o estacionamento. Ele estava parado entre os carros. Seu cabelo estava molhado, e havia gotas de gelo grudadas nele.

- Aha! -Ele disse quando a viu, como se ele tivesse estragado algum plano de fuga.

Ela virou os olhos. – Para onde, garoto dos sonhos?

Cabel hesitou.

- Minha casa. Ele disse. – Você vai na frente.

Ela estava congelando e o estomago estava doendo. – É onde... O homem de meia idade esta... -Ela engoliu com dificuldade.

Ele olhou ao redor, na luz mortiça do sol e entendeu a pergunta na voz de Janie. – Não de preocupe Janie. Ele esta morto.

O que se tornou um longo dia.

Ainda 5 de dezembro de 2005
Três horas.

Janie parou na entrada de carros na casa de Cabel. Ele estacionou logo atrás e saiu do carro, pegando a mochila e fechando a porta de seu carro com cuidado. Ela fechou perfeitamente. – Eu simplesmente adoro esse som. - Ele disse feliz. – Enfim. Siga-me.

Ele puxou a velha porta da garagem. Ela abriu com um rangido. Ele acendeu da garagem e pegou a mão de Janie. A garagem estava arrumada e cheirava bem, como grama velha e gasolina. Próximo a porta que dava acesso a casa, estava o skate de Cabel. Janie sorriu e o tocou.

- Você lembra disso? -Ela disse. – Aquilo que você fez, foi uma coisa doce. Eu não havia exatamente planejado caminhar para casa aquela noite.

- Como posso esquecer. Você bateu com a porta do ginásio na minha barriga.

- Aquele era você?

Ele sorriu para ela de forma paternal. – Sim era.

Eles entraram.

A casa estava arrumada. Limpa. Tênue.

Ela ficou assustada quando viu a cozinha. Ela já havia visto aquele aposento antes. A mesa. As cadeiras.

- *Jesus.* -Ela disse sem fôlego. Ela olhou para cima. O ventilador de teto estava lá. – *Oh Meu Deus*. - Ela virou na direção da porta da frente, onde o homem de meia idade sempre entrava, e aquilo foi demais para ela. Janie largou a mochila no chão, fechou os olhos e cobriu o rosto com as mãos.

Ele tocou o ombro dela.

Envolvendo-a nos braços.

Acariciando seus cabelos.

Sussurrando com os lábios próximos ao ouvido dela. – Ele não esta aqui. Aquilo nunca aconteceu. Nunca aconteceu. -Ela se acalmou com as palavras dele. Ela respirou. Suas mãos deixaram o rosto acharam os ombros e o peito de Cabel. Ela tocou o peito dele levemente, se perguntando se haveria cicatrizes sob a camisa. Pensando se aquele sonho realmente aconteceu. E então ele beijou o pescoço dela e ela desistiu, virando a cabeça para encontrar a boca dele com os lábios. Ela traçou a mandíbula dele com os dedos o beijando com força, suas línguas provando uma à outra loucamente, enquanto ela pressionava contra ele, seus corpos tremendo como se fossem duas crianças assustadas, assustadas, perdidas e famintas. Famintas por ser tocadas e abraçadas por alguém, qualquer um, a primeira pessoa que pudessem achar que fosse familiar, seguro e forte o suficiente para salva-los. Eles respiravam pesadamente. Deus dedos presos nas roupas.

E então eles diminuíram.

Parando. Esperando. Descansando.

Antes que um deles, ou ambos começassem a chorar.

Antes que eles quebrassem outro pedaço do que já precisava ser concertado.

Eles permaneceram juntos por um momento, se acalmando.

E então ele achou os dedos dela e entrelaçou-os nos dele, e a levou para sala.

Na mesinha de centro havia uma pilha de livros.

Ele olhou para Janie. – É assim que eu consegui. -A voz dele estava rouca. – Você deve conhecer esses livros, não é?

- Sim. -Ela disse. Janie se abaixou próximo a mesa e pegou o livro sobre sonhos.

- Eu tenho praticado. -Ele falou. – Com esperança.

Sonhadoramente ela falou. – Me diga.

Ele se sentou ao lado dela com dois refrigerantes e se desculpou. – Eu não tenho nada mais forte. -Ele disse. – Enfim. Eu li esses livros sobre sonhos lúcidos e me instrui a sonhar o que quero.

Ela sorriu. – É. Eu fiz isso também.

- Isso é bom. -Ele parecia profissional. – E sobre a clínica do sono?

- Igh. Ótima idéia, mas acabou não dando certo. Eu fui e acabei ficando presa em um sonho quando a enfermeira abriu a porta do quarto. Decidi ir embora. -Ela parou. – Era o sonho do senhor Abernethy. Eu não quero saber sobre os sonhos daquele caipira.

Cabel engasgou com sua Pepsi. – Boa idéia. -Ele ficou sério por um momento, pensativo. Mas então espantou o pensamento para longe. – Sim. Realmente boa idéia.

- O que?

- Nada. Tudo bem, primeiro tentei sonhar comigo falando coisas especificas para você. Mas eu não conseguia fazer com que funcionasse direito. Muita... -Ele parou olhando para o lado. – Eu acabava falando muita coisa. Mais do que queria falar. Eu não conseguia controlar. Ele se remexeu no assento. – Então pensei que tudo estivesse acabado.

Mas então pensei em escrever as palavras em uma folha. Eu pratiquei isso várias vezes, e nas últimas noites acabou funcionando.

- Mas você não sonhava comigo dentro do sonho. Pelo menos não até o final.

- Certo. Por que eu poderia me controlar melhor se estivesse sozinho, sabendo que se... Quando sonhasse perto, você estaria no sonho.

Janie fechou os olhos, imaginando. – Esperto. - Ela murmurou. – Muito esperto Cabe. -Ela falou abrindo os olhos.

- Então você conseguiu ler o recado? -Ele perguntou. Seu rosto ficando vermelho.

- Sim.

- Todo ele?

Ela olhou no rosto dele. – Sim.

- E?

Ela ficou quieta. – Eu não sei o que falar. Estou realmente confusa.

Ele pegou a mão dela e voltou para o sofá. – Eu tenho muito que explicar. Você vai me escutar?

Ela respirou fundo e exalou lentamente. Todos os motivos para odiá-lo voltaram a inundar a mente de Janie. Sua natureza de auto -preservação começou a funcionar. Ela não queria andar naquela montanha russa novamente. – Bem. - Ela disse finalmente. – Eu não acho que vou acreditar em nenhuma palavra sobre isso. Você tem mentido para mim desde o inicio Cabe. Desde antes, bem, antes de tudo. -A voz dela ficou presa.

Ela olhou para o lado.

Retirando a mão da dele.

Janie levantou rapidamente. – Banheiro? -Ela perguntou.

- Merda. -Ele resmungou. Através da cozinha, primeira porta a direita.

Ela encontrou o banheiro, e chorou silenciosamente sobre a pia por um momento, assoprou o nariz, e se sentou na beirada da banheira até se acalmar novamente. Se dando conta de que já estava na montanha russa novamente, e sentada no carro da frente.

Quando voltou para a sala, ele estava encerrando uma ligação dizendo. – Amanhã. -Ele falou com firmeza, seus cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça sobre as mãos. Ele fechou o telefone.

- Olha. -Ele disse com uma voz monótona, sem olhar para ela.

-Tem algumas coisas que não posso te contar. Ainda não. Talvez não possa te contar por algum tempo. Mas vou responder qualquer pergunta... Todas que posso responder agora. Se eu não puder, ou se você não gostar das respostas, você esta livre para me odiar para sempre. Não vou mais incomodar você.

Ela estava confusa. – Tudo bem. -Ela disse lentamente. E decidiu começar com uma pergunta fácil. – Com quem você estava conversando agora a pouco?

Ele fechou os olhos e gemeu. – Shay.

Janie permaneceu na entrada da sala, titubeante. Lágrimas de raiva apareceram em seus olhos. Mas quando ela falou sua voz estava mortalmente calma. – *Jesus Cristo,* Cabe.- Ele virou, pegou a mochila, e caminhou firmemente pelo mesmo caminho que eles haviam usado para entrar na casa.

Entrando no carro.

Ela se deu conta que não poderia sair da entrada de carros.

Ela pensou em bater no carro de cafetão dele.

Mas aquilo não seria legal com a Ethel.

- Maldição! -Ela gritou, e encostou a cabeça na direção. Ela nem ao menos poderia dirigir através do pátio sem ferir a Ethel, por causa daquela estúpida vala de drenagem.

E então ela escutou a porta da frente bater. Ele correu para retirar o carro. Ele ligou o carro e o colocou na grama próximo ao dela, para ela poder dar ré.

Ela não sabia por que estava esperando.

Ele veio até a janela.

Ela poderia ir embora agora.

Ele bateu no vidro.

Janie hesitou, e então abriu o vidro em alguns centímetros.

- Eu sinto muito Janie. -Ele falou.

Ele estava chorando.

Cabel voltou para dentro da casa.

Janie ficou parada na entrada de carros, congelando durante trinta minutos. Discutindo consigo mesma.

Por que ela também achava que estava apaixonada por ele. E no momento, havia duas maneiras dela ser uma tola apaixonada.

E ela escolheu a mais difícil.

Janie bateu na porta.

Cabel estava ao telefone novamente quando abriu a porta. Seus olhos estavam vermelhos. – Vou tentar. -Ele falou e desligou. Ele parou na porta, parecendo muito mal.

- Vamos tentar isso novamente. -Janie falou com as mãos no quadril. – Com quem você estava falando no telefone agora Cabe? -As palavras dela rasgavam o ar gelado.

- Meu chefe.

Ela pensou por um momento. – Você quer dizer o teu traficante? Cafetão? -O sarcasmo dela rolou pela casa.

Ele fechou os olhos. – Não.

Ela ficou parada. Incerta.

Ele abriu os olhos. Retirou os óculos e limpou o rosto com a manga da camisa. A voz dele havia perdido toda a esperança. – Há alguma chance. -Ele disse. – De você vir comigo para um passeio? Meu chefe está interessado em conversar com você.

Janie piscou nervosa. – Por quê? -Ela perguntou.

- Não posso te contar. Você precisa acreditar em mim.

Janie deu um passo para trás. As palavras soavam familiares em seus ouvidos. Ela pedira a mesma coisa para ele uma vez.

Ela pensou.

- Vamos em carros separados. -Ela disse baixinho.

04h45min

Ela seguiu o carro de Cabel para o centro da cidade. Ele entrou em um grande estacionamento que ficava na entrada dos fundos da biblioteca, correios, departamento de policia, bar e grelhados do Frank, a padaria de *Fieldridge* e um pequeno conjunto de apartamentos e condomínios. Ele parou em uma das vagas. Ela parou próximo.

Cabel caminhou na direção dos prédios, usando uma chave entrou em uma das portas sem identificação.

Ela o seguiu para dentro.

Eles desceram um lance de escadas e um aposento se abriu diante deles. Com uma dúzia de cubículos e um escritório separado com a porta fechada.

Meia dúzia de pessoas olharam para eles quando se aproximaram.

- Cabe. -Alguns deles acenaram. Ele acenou em resposta e bateu de leve na porta do escritório.

Na porta em letras pretas estava escrito. *"Capitã Fran Komisky*".

A porta abriu. Uma mulher de cabelo bronze os apressou para entrarem. Seu cabelo era curto, e contornava sua pele escura. Ela usava uma saia e casaco preto, com uma blusa branca. – Sentem. -Ela disse.

Eles sentaram.

Ela sentou atrás da mesa, que estava lotada de papéis e com três telefones e dois computadores.

A capitã olhou os dois visitantes por um tempo. Ela descansou os cotovelos sobre a mesa, fazendo uma tenda com os dedos, e os pressionando contra a boca. Ela tinha pequenas rugas de idade ao redor dos olhos.

Então ela abaixou as mãos.

- Então, senhorita Hannagan, não é isso? Sou Fran Komisky. Todos me chamam de Capitã. -Ela reclinou sobre a mesa e estendeu a mão para Janie. Janie se moveu para frente e sacudiu a mão da capitã.

- É um prazer conhecê-la, Capitã. -Janie disse mecanicamente. Ela olhou para Cabel. Ele estava olhando para o próprio colo.

- O mesmo. - A Capitã falou para Janie. – Cabe você parece muito mal. Vamos resolver isso de uma vez?

- Sim senhor. - Cabel falou.

Janie olhou para cima, imaginando se Cabe pretendia mesmo chamar a Capitã daquela maneira. Mas não parecia incomodar a mulher.

- Janie. -Ela falou com uma voz dura. – o Cabe aqui, me disse que ele prefere desistir do emprego a perder você. Devo dizer que ele é um jovem incrível, enfim. - Ela continuou. – Já que isso me afeta, eu a convidei para vir aqui para discutirmos esse pequeno problema. E você precisa saber que eu prefiro perder minha perna, á perder Cabe nesse estágio do jogo.

Janie engoliu. Imaginando o que estaria acontecendo.
A capitã olhou para Cabe. – Cabe disse que posso confiar um segredo á você. Isso é verdade?

Janie começou. – Sim senhora... Senhor. -Ela disse.

A capitã sorriu. Quebrando um pouco a tensão.

- Então. Você está aqui por que esse querido garoto tem mentindo para você, e sou eu que tenho obrigado ele a fazer isso. Ele tem medo que você não acreditara em nenhuma palavra que ele disser. Senhorita Hannagan você acha que pode acreditar em mim?

Janie assentiu. O que mais ela poderia fazer?

- Bom. Eu tenho uma lista de coisas que devo lhe contar, e acredito que se você tiver outras perguntas Cabe poderá respondê-las para você. E você ira acreditar nele.

Aquilo soava como uma ordem.

A capitã procurou através dos papéis e colocou os óculos. Seu telefone tocou, e ela levou a mão automaticamente ao botão, o silenciando. – Aqui está: primeiro. -Ela olhou para Cabel, e então novamente para o papel. – Cabe não está envolvido com a Shay Wilder. -Ela olhou para por cima dos óculos. – Eu não posso realmente provar isso, senhorita Hannagan, mas o vi quase desistindo depois de passar uma noite em companhia dela. Você esta satisfeita com isso?

Janie assentiu. Ela sentia como se estivesse no sonho estranho de outra pessoa.

- Eu disse você esta satisfeita com isso? - A voz da Capitã ressoou.

- Sim senhor. -Janie disse. Ela estava sentada rígida na cadeira.

- Bom. Segundo,Cabel não é um traficante de drogas, um aliciador, usuário, ou qualquer nessas coisas. Ele esta apenas interpretando um. -Ela parou, mas dessa vez não esperou por uma resposta.

- Terceiro. -Ela se recostou colocando o papel na mesa e começando a bater com a caneta contra os dentes. – Estamos muito próximos. -Ela levantou seu indicador e dedão alguns centímetros separados. – Muito próximos de desmascarar um chefão do trafego em norte *Fieldridge*, na parte alta da cidade. Se essa tarefa for estragada por que você falou uma palavra para alguém, e eu quero dizer para qualquer pessoa, vou te responsabilizar por isso senhorita Hannagan. Além do mais Cabel e o diretor Abernethy são os únicos que sabem sobre isso. Estamos claros?

Janie assentiu seus olhos arregalados. – Sim... Sim senhora.

- Ótimo. -A capitã virou para Cabel. Seu rosto se suavizando levemente.

- Cabel. -Ela falou. – Meu querido rapaz. Você está comigo ou não? Preciso que você esteja concentrado no jogo. Agora. Ou essa coisa toda vai pro inferno.

Cabel olhou para Janie e esperou. Janie se espantou. Ele estava desistindo por ela. Ela concordou.

Ele se sentou rígido na cadeira, e olhou a capitã nos olhos. – Sim senhor. Estou no jogo.

A capitã concordou, e sorriu aprovadoramente para os dois. – Bom. Terminamos aqui?

Janie se mexeu desconfortável.

E então olhou assustada para Cabel.

- Merda. -Ela sussurrou, e cravou as unhas no descansa braço da cadeira.

05h14min

Janie caiu em um cofre de banco, onde um policial de cabelos pretos estava sentado no chão, amarrado. Ele lutava contra as cordas ao redor dos pulsos e a mordaça na boca.

05h15min

Ela estava de volta a sua cadeira, ao lado de Cabel, exceto que Cabel estava caminhando atrás dela, voltando em direção á cadeira. A porta agora estava fechada. E ele voltou a sentar.

- Obrigado. Ela sussurrou e limpou a garganta. – Não percebi essa chegando.

A capitã a estava encarando com olhos semi serrados. Ela olhou de Janie para Cabel e novamente para Janie. Ela limpou a garganta esperando.

Janie ficou pálida.

Cabel arregalou os olhos.

- Você precisa de ajuda médica senhorita Hannagan? -A capitã finalmente falou.

- Não senhor. Estou bem, muito obrigado.

- Cabe?

- Ela está bem senhor.

A capitã começou a bater com a caneta na mesa, pensando. Ela falou lentamente. – Há mais alguma coisa da qual você queiram me falar. Sobre o que acabou de acontecer?

Cabel olhou para Janie. – A decisão é sua. -Ele disse baixinho.

Ela hesitou.

Olhou a capitã nos olhos.

- Não senhor. - Ela disse. – Apenas... É que... Um de seus oficiais esta dormindo na mesa dele, e esta tendo um sonho ruim. Parece um assalto a banco que deu errado para os policiais. Ele estava amarrado em um cofre. Senhor.

O rosto da capitã ficou branco. Ela batia a caneta contra os lábios, e estava segurando a caneta ao contrario. Tinta azul deixou uma pequena marca em baixo do nariz dela.

- Qual oficial Janie? -A capitã perguntou.

- Eu... Eu não sei o nome. Cabelo preto e curto. Talvez uns quarenta e poucos anos? Encorpado. Ele estava com cordas enroladas ao redor dos tornozelos e punhos, e havia um pano branco em sua boca. Pelo foi como vi no sonho. As coisas mudam.

- Rabinowitz. -A capitã e Cabel falaram juntos.

- Você poderia checar esses fatos para mim Cabel?

- Sim senhor, mas sem ofensa senhor, não é preciso. Acho que o senhor gostaria de perguntar para ele pessoalmente.

A capitã moveu a cabeça lentamente pensando. Ela puxou o cabelo para trás. – Vocês dois não saiam daqui. Ela olhou para ambos de uma maneira dura, antes de partir. Um olhar que dizia. -E melhor vocês não estarem brincando comigo. Quando a capitã abriu a porta e saiu, Janie agarrou a cadeira por antecipação. – Deixe a porta aberta Cabe. -Ela engasgou e ficou cega.

E então ela estava novamente no cofre.

Eles estavam sem ar. O policial lutava para se soltar. Ele tentava tirar o telefone do cinto. Janie sabia que ele queria ligar para a esposa. Ela tentou chamar a atenção dele. Ele olhou nos olhos dela, e ela se concentrou em suas pupilas. Peça ajuda. Ela pensou da maneira mais forte que pode. Mesmo sem saber como ele seria capaz de falar com a mordaça na boca.

Ela escutou um pedido abafado, e percebeu que era o suficiente. – Sim! É isso. Ela soltou a mordaça, e percebeu que havia falado em voz alta. Legal. – Agora. Ela olhou para ele novamente. – Este sonho é seu. Pode mudar ele. Liberte-se.

O policial olhou para Janie, seus olhos estavam arregalados.

- Liberte-se. Ela o encorajou novamente.

Ele lutou e gritou.

E ele conseguiu libertar seus braços e pernas.

Ele pegou o telefone e ligou para 911[15]. Fechou os olhos, e a tranca apareceu como magia pelo lado de dentro do cofre. Um pedaço de papel com as instruções para abrir o cofre apareceu do nada.

O policial abriu o cofre em instantes.

E tudo ficou escuro.

17h19min

Janie estava novamente no escritório com Cabel. Ele estava tocando o braço dela. – Você esta bem Hannagan? Ele saiu e voltou com um copo de papel cheio de água, que ela bebeu avidamente.

Ela não estava tremendo muito, mais da adrenalina do que outra coisa. – Eu consegui. Eu o ajudei. Ela disse. – *Oh Deus*, isso foi legal! A primeira vez em um sonho difícil como esse.

Cabel sorriu cansado. – Você vai ter que explicar isso depois. Ele disse. – Se você ainda estiver falando comigo.

- Oh, Cabe. Eu...

A capitã voltou para sala e fechou a porta.

- Em diga o que você viu, senhorita Hannagan. Por favor, se puder. Rabinowitz disse que esta tudo bem.

Janie piscou. Ela não podia acreditar que a capitã a estava levando a sério. Ela contou tudo o que havia testemunhado no sonho.

Ouve uma longa.

Longa.

Pausa.

- Maldição! -A capitã falou finalmente.

---

[15] Numero de emergência nos Estados Unidos.

A capitã jogou os óculos na mesa. – Como você faz isso? Você... Você...

Ela hesitou.

E continuou quase como se fosse para ela mesma, sua voz estava carregada por algo. Algo que poderia ser temor. – Você é como a Martha Stubin.

18h40min

Cabel e Janie estavam comendo hambúrgueres engordurados e batatas fritas o bar e grelhados do Frank, no prédio vizinho ao departamento de policia. Eles estavam sentados no balcão em bancos vermelhos e redondos, vendo os cozinheiros fritando os hambúrgueres á um metro e meio de distância. Era um daqueles lugares a moda antiga, onde você conseguia um *Milk Shake* maltado.

Eles comeram com vontade, suas mentes dando voltas.

20h04min

Eles estavam de volta á casa de Cabel. Cabel mostrou os dois pequenos aposentos que ela ainda não conhecia: o quarto dele, e a sala do computador. Ele tinha dois computadores, três impressoras, um rádio faixa do cidadão[16], e um da policia.

- Inacreditável. -Ela disse olhando ao redor. – Espere. Espere um minuto... você mora aqui sozinho?

- Agora eu moro.

- Como...

- Eu tenho dezenove anos. Eu estava uma classe a sua frente até a nona série. Você deve estar lembrada.

Janie se lembrava de Cabel faltando ás aulas. – Isso foi antes de eu te conhecer. Ela lembrou.

- Meu irmão aparece de vez em quando, apenas para ver se estou me mantendo longe de problemas. Ele e a esposa moram á alguns quilômetros daqui. Por sorte eles se mudaram quando fiz dezoito.

- Por sorte?

- Essa casa é muito pequena. Com paredes finas. Recém casados.

- Ah. E os teus pais?

Cabel se ajeitou no sofá. Janie sentou em uma cadeira próxima. – Minha mãe mora em algum lugar na Flórida. Eu acho. -Ele resmungou. – Papai nos criou. De alguma maneira. Acho que na verdade meu irmão é que me criou.

Janie se encolheu na cadeira enquanto o observava. Ele estava distante. E ela esperou.

---

[16] CB Radio (faixa do cidadão). É em muitos países um sistema de rádio comunicação de curta distância entre indivíduos, com uma seleção de 40 canais de 27 MHz.

- Papai esteve no Vietnã, já no final da guerra. A mente dele foi prejudicada. -Cabel olhou para ela.
– quando minha mãe foi embora. Ele passou a nos bater muito... Cabel olhou para a mesa. – Ele morreu. Há alguns anos atrás. Está tudo bem. Você entende? Superei isso. Acabou. Cabel saiu do sofá e se espreguiçou.

Janie se levantou. – Me leve de volta para lá. -Ela falou.

- O que?

- Me mostre. O barracão no quintal.

Ele mordeu os lábios. – Tudo bem... Ele hesitou. – Eu não, você sabe. Estive lá atrás há algum tempo. Era... Costumava ser... Meu esconderijo.

Ela assentiu. Pegou o casaco. E jogou um casaco para ele. Eles saíram pela porta dos fundos.

Esmagando a grama congelada.

O ar frio com gosto de neve.

Quando eles se aproximaram, ele diminuiu o passo.

- Você vai em frente. Ele disse. Parando na borda de um pequeno jardim abandonado.

Janie olhou para ele. Ela estava com medo. – Tudo bem. -Ela disse. A grama ficava mais alta e rangia enquanto ela caminhava.

Janie desapareceu na escuridão e da visão de Cabel quando entrou atrás do barracão. Ela parou e olhou para a construção, acostumando os olhos com a escuridão. Ela viu o lugar onde costumava se esconder durante os sonhos. E parou ali.

Olhando para a esquerda.

Á espera do monstro.

Mas agora ela sabia que o monstro havia morrido junto com o pai de Cabel.

Ela passou pelo canto, para ver o lugar de onde ele vinha.

Ela podia ver. Com clareza.

Cabel saindo da casa. Batendo a porta.

O homem nos degraus gritando. O seguindo.

O soco no rosto de Cabel.

O fluido de isqueiro na barriga dele.

O fogo e o grito.

A transformação.

E o monstro, correndo na direção dela, com facas no lugar de dedos. Grunhido.

Ela começou a se apavorar na escuridão.

Janie respirou fundo.

Ela precisava desesperadamente escutar que aquilo havia sido somente um sonho.

Ele estava sentado nos degraus dos fundos. Calado.

Ela caminhou até ele. Pegou sua mão e o guiou para dentro.

A casa estava escura. Ela procurou pelo interruptor e quando o acionou, a lâmpada lançou sombras na parede dos fundos. Ela fechou as cortinas. Pegou o casaco dele, e o dela e os pendurou nas cadeiras da cozinha, e ele ficou parado, observando-a.

-Me mostre. -Ela falou. Com uma voz tremida.

- Mostrar o que? Acho que você já viu tudo. -A risada dele era vazia, incerta. Tentando ler a mente dela.

Ela seguiu em frente, abrindo a camisa dele lentamente. Ele respirou fundo. Fechou os olhos por um minuto. Então os abriu. – Janie. - Ele falou.

A camisa dele já estava no chão.

Ela puxou a camiseta para cima. Apenas um pouco para cima. Observando os olhos dele. Ele implorava para ela com o olhar.

Janie deslizou os dedos por debaixo da camiseta. Tocando a pele quente ao redor da cintura dele. Sentiu a respiração dele ficar mais rápida. E levou ás mãos mais para cima.

Sentiu as cicatrizes.

Ele soltou a respiração e virou a cabeça para o lado. Sua sombra tremeu na parede. Seu pomo de adão pulava. – *Oh Deus*. -Ele falou. Sua voz estava entrecortada. E ele estava tremendo.

Ela levantou a camisa, e puxou por sobre a cabeça dele.

As cicatrizes de queimaduras eram marcadas como cascas de amendoim. Elas se espalhavam por seu estomago e peito.

Ela as tocou.

Seguindo o contorno com os dedos.

Então Janie ás beijou.

Ele ficou parado. Chorando. Com o cabelo arrepiado pela estática do inverno. Seus cílios como aranhas na luz fraca. Ele não podia mais agüentar aquilo.

Ele se curvou para frente.

Como um inseto na neve.

Se protegendo.

Caindo no chão.

- Pare. Ele falou. – Por favor. Apena pare.

Ela parou e alcançou a camisa para ele.

Ele limpou o rosto com ela.

E a colocou de volta.

- Você quer que eu vá embora? -Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça. – Não. Ele disse. E estremeceu com um soluço emocionado.

Ela sentou ao lado dele no chão, se recostando no sofá. Puxou ele na direção dela. Cabel deitou a cabeça no colo de Janie e se encolheu no chão enquanto ela acariciava o cabelo dele. Ele agarrou a perna dela como se fosse um ursinho.

23h13min

Janie acordou Cabel gentilmente, passando os dedos no cabelo dele. Ela caminhou com ele ate o quarto. Deitando ao lado dele na cama, por apenas alguns minutos. Colocou os óculos dele na mesinha de cabeceira.

O abraçou. E beijou seu rosto.

E foi para casa.

Arruinando tudo

6 de dezembro de 2005
12h45min

Janie esperou em sua mesa na biblioteca.

Ele a encontrou lá.

- Eu tenho que trabalhar hoje á noite. - Ela sussurrou.

- Depois? - Ele perguntou.

- Sim. Mas vai ser bem tarde.

- Vou deixar a porta da frente destrancada. -Ele disse.

Ele foi para a própria mesa.
E ele imaginou um sonho novo para ela.

18h48min

Um homem parou na recepção do lar Heather. Ele olhou ao redor se familiarizando. Janie o reconheceu apenas do cabelo grisalho. Ele estava mais velho. Com o rosto mais marcado.

- Vou lhe mostrar. Ela falou, liderando o caminhou para o quarto do senhor McVicker.

Janie bateu levemente na porta e a abriu.

O velho Johnny McVicker virou para a porta.

Viu seu filho.

Pela primeira vez em quase vinte anos.

Sua mão escorregou do andador.

Sua bandeja do jantar e os talheres caíram no chão. Mas ele não notou. Ele estava encarando o filho.

E falou rapidamente. –Eu estava errado, Edward. Você estava certo. Sinto muito. Eu te amo filho.

Edward parou em seu caminho.

Retirou o chapéu. E passou a mão pela cabeça.

Amassando o chapéu nas mãos.

Janie fechou a porta e voltou para a recepção.

23h08min

Ela estacionou o carro em casa, e abriu caminho na neve até a casa de Cabel.

Ela estava animada. Ela falou quando entrou na casa. – Você deveria ter me visto com os penicos.

Ele esperou por ela e a abraçou. Atirando do chão. Ela riu.

- Você pode ficar? -Ele perguntou. Implorando.

- Se eu for para casa pela manha. -Ela disse. – Antes da escola.

- Qualquer coisa. -Ele falou.

Janie terminou o dever de casa, colocou tudo dentro da mochila e foi encontrar Cabel. Ele estava dormindo. E não estava usando camisa. Ela subiu na cama se maravilhou silenciosamente com seu peito e estomago. Ele respirava profundamente. E ela se acomodou.

Pelo menos por algum tempo.

Ele sabia que talvez ela tivesse que ir embora.

Fugir dos sonhos, para poder dormir.

Mas quando ele sonhou o sonho do fogo, e a encontrou atrás do barracão, os beijos o choro e os pedidos de ajuda, ela procurou pelos dedos dele, em seu estado de cegueira e fraqueza e o levou com ela para o sonho. Para que ele pudesse observar a si mesmo.

Ela mostrou para Cabel como ele poderia mudar.

- É o teu sonho. -Ela o lembrou.

E mostrou para ele como transformar o homem nos degraus, aquele homem que carregava a lata de fluido e o cigarro, em um homem na escada cujas mãos estavam vazias e que balançava a cabeça. E falava. – Sinto muito.

Quando ambos acordaram, o sol estava entrando pela janela.

Era 11h21min de uma quarta feira.

Eles riram alto, por muito tempo. Por que não havia nenhum pai para se importar.

Ao invés, eles ficaram em um beanbag[17] gigante na sala do computador, conversando e escutando musica.

Eles brincaram de verdade ou desafio.

Mas era tudo verdade.

Para os dois.

Janie: - Por que você disse que queria me ver no primeiro domingo depois de Stratford, e não apareceu?

Cabel: - Eu sabia que teria que ir naquela festa. Eu iria voltar cedo. Não sabia que iríamos fazer uma prisão de mentira. Fui mandado para a cadeia durante a noite, apenas para parecer real. Fiquei arrasado. A capitã só me deixou sair depois ás seis da manhã. Foi quando deixei o bilhete na Ethel.

Janie: - Você já vendeu drogas?

Cabel: - Sim. Maconha. Na nona e décima serie. Eu estava, uh... Com problemas naquela época.

Janie. – Por que você parou?

Cabel: - Fui pego e a capitã me fez uma proposta melhor.

Janie: - Então você tem sido um informante desde quando?
Cabel: - Eu estremeço com a tua maneira de falar. A maioria dos informantes são policiais jovens colocados em escolas para pegar estudantes. A capitã teve uma idéia diferente. Ela não esta atrás dos estudantes, ela esta atrás do fornecedor. Que é o pai da Shay. E ele pensa que essa é uma boa maneira de... Dede que ele começou a vender drogas nas festas para os garotos, e percebeu que havia encontrado uma mina de ouro naquele lugar. Eu tenho que fazer com ele fale isso próximo á um microfone escondido.

Janie: - Então você é um agente duplo?

Cabel: - Claro. Isso soa sexy.

Janie: - Você é sexy. Hei Cabe?

Cabel: - Sim?

Janie: - você realmente rodou na nona serie?

---

[17] Bean bag são cadeiras feitas de tecido e recheadas com pequenos pedaços de PVC. Eles eram muito populares durante os anos 60.

Cabel: - Não (pausa). Eu fiquei no hospital a maior parte do ano. Janie: (silêncio) – e então, as drogas.

Cabel: - Sim... Elas me ajudavam com a dor. Então acabei me metendo em algumas, bem, algumas situações. E então a capitã entrou na minha vida no momento exato, antes do meu primeiro ano e antes de eu ter problemas maiores. E mesmo soando estranho, ela se tornou uma espécie de mãe que eu precisava tão desesperadamente. Aquela foi a minha época gótica, quando achei que nunca teria a garota dos meus sonhos por causa das cicatrizes. Sem mencionar o estilo do meu cabelo. (pausa).
- Mas ela bateu com a maçaneta da porta em minha barriga. E quando uma garota faz isso em um garoto, significa que ela gosta dele.

Janie: (risos).

Cabel: - Então aquilo fez com que eu me sentisse melhor. Por que ela não se importava com o que as pessoas pensavam se ela falasse comigo. Antes de eu mudar. (pausa).

Janie: (sorrindo) – Por que você mudou? A tua aparência, quero dizer.

Cabel: - Ordens da capitã. Para o trabalho. E aquele carro também não é meu, por falar nisso. Faz parte da imagem. Acho que vou ter que devolver depois de algum tempo. (pausa) – Hei Janie?

Janie: - Sim?

Cabel: - O que você vai fazer depois da escola?

Janie: (suspirando) – Ainda esta no ar, eu acho. Em dois anos eu mal juntei dinheiro suficiente para o primeiro semestre na Universidade de Michigan. *Deus* isso é loucura... Então a menos que consiga uma bolsa de estudos decente, vou ter que ir à universidade comunitária.

Cabel: - Então você vai ficar por aqui?

Janie: - Sim... Eu, uh, preciso estar perto o suficiente para poder manter os olhos em minha mãe, você sabe. E... Acho que com o meu "problema", vou ter que continuar morando em casa. Ou nunca vou conseguir dormir.
Cabel: - Janie?

Janie: - sim?

Cabel: - Eu vou para a universidade de Michigan.

Janie: Não vai não.

Cabe: - Justiça Criminal. Então vou poder manter meu emprego aqui.
Janie: - Como você sabe? Recebeu alguma carta de aceitação antecipada? Como você vai pagar por isso?

Cabel: - Hum, Janie?

Janie: - Simm, Cabel?

Cabel: - eu tenho outras mentiras para confessar.

Janie: - *Oh Meu Deus*. O que é?

Cabel: Na verdade eu sei o meu GPA.

Janie: - E?

Cabel: - E, eu tenho uma bolsa de estudos completa.

Cabel foi empurrado violentamente para fora do assento. E levou um tapa. Ele fica repetindo para si mesmo que era um bastardo.

Ela fala para Janie que ela provavelmente também ganhará uma bolsa de estudos, com as notas que ela tem. A menos que se envolva com traficantes.

E então ouve alguns beijos.

10 de dezembro de 2005

O final de semana estava arruinado. Cabel estaria cortejando Shay novamente e Janie teria que trabalhar na sexta à noite. E nos primeiros turnos no sábado e domingo.

Mas Carrie encontrou Janie. E Janie estava preocupada que a batida à procura de drogas fosse acontecer naquele final de semana. Ela não queria Carrie misturada com aquilo. Janie perguntou se Carrie queria estudar para as provas. Ela concordou relutante a ir para a casa de Janie no sábado à noite.

Carrie apareceu ás dezesseis horas, e já estava bêbada. Janie revisou suas anotações de qualquer maneira. – Você que ir para a faculdade ou não? - Ela perguntou com raiva.

- Bem, claro. - Carrie disse. – Eu acho. A menos que o Stu queira casa.

- Ele quer?

- Eu acho. Talvez. Algum dia.

- E você quer? -Janie perguntou depois de um momento.

- Claro, por que não. Isso iria me levar para longe dos meus pais.

- Os teus pais não são tão ruins assim. – São?

Carrie estremeceu. – Você deveria ter visto eles antes.

- Antes do que?

- Antes de nos mudarmos para a casa ao lado.

Janie hesitou. Tentando decidir se aquela seria a hora certa para perguntar. – Hei Carrie?

- O que?

- Quem é Carson?

Carrie encarou Janie. – O que você acabou de falar?

- Eu disse quem é Carson?

O rosto de Carrie ficou alarmado. – Como você sabe sobre o Carson?

- Eu não sei. Se não eu não estaria perguntando. -Janie estava caminhando em uma linha muito fina. Uma que ela não podia ver.

Carrie estava obviamente chateada, ela caminhou pela cozinha. –Mas como você sabe para perguntar isso para mim?

- Você disse o nome dele uma vez. Janie falou com cuidado. – enquanto dormia. Eu só estou curiosa.

Carrie colocou um pouco de vodka em um copo. E começou a chorar.

Oh merda. Janie pensou.

E então Carrie despejou a historia.

- Carson... Tinha quatro anos.

O estomago de Janie se revirou.

- Ele se afogou. Nós estávamos acampando perto de um lago... Era... -Carrie parou e bebeu um gole da vodka. – ele era meu irmão menor. Eu tinha dez. Eu estava ajudando meus pais a arrumar o acampamento.

Janie fechou os olhos que ardiam. – Oh merda. Carrie.

- Ele caminhou até o lago... Nós não notamos. E ele caiu da doca. Nós tentamos... Nós tentamos... -Carrie colocou as mãos no rosto. E respirou profundamente. – nós mudamos um ano depois, -Sua voz ficou mais baixa. – para recomeçar. Não falamos sobre ele.

Janie colocou um braço ao redor de Carrie e a abraçou. Sem saber o que falar. – Eu sinto muito.

Carrie assentiu, e então sussurrou em uma voz quebrada. – Eu deveria ter cuidado melhor dele.

- Oh querida. -Janie sussurrou. Ela abraçou Carrie mais apertado por um momento, até que Carrie se afastou com cuidado.

- Esta tudo bem. -Carrie fungou.

Janie se sentia completamente inútil, e foi pegar um rolo de papel higiênico no banheiro. – Eu não tenho lenço... Carrie? Por que você não me contou?

Carrie torceu as mãos. Assuou o nariz. Espirrou. – Eu não sei Janie. Eu pensei que isso fosse ir embora. Eu estava tão cansada... Tão cansada de estar triste. Eu não podia agüentar o silêncio, e os olhares de pena.

- o Stu sabe?

Carrie balançou a cabeça. – Eu provavelmente deveria contar para ele.

Elas ficaram em silêncio por um longo tempo.

- Eu acho que talvez. - Janie murmurou depois de um tempo. – As coisas ruins nunca vão embora. E isso não é culpa de ninguém.

Carrie respirou estremecendo e soltou o ar lentamente. – Ah, bem. Veremos. Hum? - Ela sorriu através das lagrimas. – Obrigado Janie. Você é uma verdadeira amiga. Ela parou, e completou com uma voz suave. – Apenas continue sendo normal agora, tudo bem? Um olhar triste e estou fora daqui, eu juro por *Deus*.

Janie sorriu. – Você terá isso garota.

11 de Dezembro de 2005
02h41min

Quando Carrie sonhou, dessa vez Janie sabia o que fazer.

A floresta, o rio, o garoto se afogando, e sorrindo.

Carrie olhou para Janie. Apenas alguns minutos antes do tubarão aparecer.

Carrie gritou. – O ajude. Salve ele!

Janie se concentrou olhando para Carrie. – Você tem que pedir ajuda. Carrie peça ajuda.

Ele estava se debatendo e afundando, e havia aquele estranho sorriso em seu rosto.

- O ajude. - Carrie chorou para Janie novamente.

Carrie! Janie pensou com toda a vontade. Eu não posso ajudar ele. Peça para mim. Peça-me para ajudar... Você.

Na manhã, Carrie relembrou durante o café da manhã. – Eu tive um sonho estranho. Era um desses pesadelos que sempre tenho com o Carson, mas dessa vez tudo mudou, e se transformou, em algo... Estranho. Foi surreal.

- É? -Janie falou. – Legal. Deve ser o Feng Shui[18] daqui, ou algo assim.

- Você acha?

- Eu não sei. Tente arrumar o teu quarto, e então a noite diga para você mesma que vai mudar o teu sonho de agora em diante, para funcionar melhor com as coisas harmoniosas ao teu redor.

Carrie olhou para ela desconfiada. – Você esta brincando comigo?

- Claro que não.

12 de dezembro de 2005
17h16min

Janie dirigia lentamente para casa, depois de uma longa tarde no lar Heather. Com as festas se aproximando as assistentes tentavam encaixar algum tempo para as decorações, além de seus deveres regulares. E Janie conseguiu ajudar três residentes encontrar paz em seus sonhos. Havia sido um dia decente.

Por capricho ela passou em frente à casa de Cabel, e se surpreendeu quando viu o carro dele na entrada da casa. Ela diminuiu e entrou no pátio, deixando Ethel funcionando.

Ela caminhou para a porta da frente e bateu.

---

[18] Feng Shui ou (Pinyin: fēngshuǐ) é um termo de origem chinesa, cuja tradução literal é vento e água. Segundo esta corrente de pensamento, estabelecendo uma relação yin/yang, os ideogramas Feng e Shui (respectivamente Vento - yang - e Água - yin -) representariam o conhecimento das forças necessárias para conservar as influências positivas que supostamente estariam presentes em um espaço e redirecionar as negativas de modo a beneficiar seus usuários.

A porta se abriu e Cabel a olhou. – Hei Janie, o que há? Ele fazia sinais com os olhos quando Shay apareceu por trás dele e espiou sobre o ombro de Cabel. Ela passou os braços ao redor da cintura dele possessivamente.

- Oi Janie. Shay falou, com um olhar de triunfo.

Janie sorriu, pensando rápido. – Oh olá Shay. Sinto incomodar. Cabel eu estava pensando se você teria aquelas anotações que você disse que poderia me empresar para o exame de amanhã?

Os olhos de Cabel enviaram uma mensagem de gratidão. – Sim. Ele falou. – Já volto. Você gostaria de entrar?

- Não, meus sapatos estão molhados de neve.

Cabel reapareceu e entregou um punhado de papéis enrolados e presos com um elástico. – Nós estamos de saída para uma festa, - Ele desse. – mas eu meio que preciso dos papéis de volta ainda hoje à noite, já que o teste é amanhã. Até que hora posso passar para pegá-los?

Shay se mexia atrás dos ombros de Cabel, com intenção de ver e ser vista. Janie notou que Cabel havia lentamente mudado sua postura e estava parado em sua altura máxima, e Shay precisava pular para ver por sobre os ombros dele. Janie escondeu um sorriso. – Vou ficar acordada até tarde, mas posso colocar os papéis na caixa de correio antes de ir dormir. Obrigado Cabel. Divirtam-se na festa! Estou com tanta inveja.

Janie caminhou de volta para Ethel e foi para casa, apenas um pouco mais triste pela cena que havia acabado de testemunhar. Ela levou os papéis para dentro, trocou de roupas, e pagou seus livros.

Ela folheou os papéis que Cabel a havia dado, torcendo para não fosse nada importante, já que ela na verdade não precisava daquilo. No meio da pilha, uma nota:

Sinto sua falta como louco.

Amor Cabe.

Ela sorriu sentindo falta dele. Querendo que aquela confusão estivesse acabada. Ela pensou em como ele estivera disposto a desistir do trabalho, destruindo meses de progresso que os detetives haviam conseguido apenas para fazer as coisas funcionarem entre eles.

A capitã estava certa. Ele era um cara legal.

Janie estudou até depois da meia noite, em parte esperando que Cabel aparecesse. Perto da uma da manhã ela estava cochilando sobre seu trabalho. Ela encerrou a noite, pegou os papéis de Cabel e os colocou na caixa de correio. Em caso dele realmente parecesse para pega-los. E em caso Shay estivesse com ele, e ele precisasse fingir.

Ela escreveu um recado e escondeu no meio dos papéis, então os enrolou e colocou na caixa de correio.

Ela estava feliz por poder dormir, mas olhou seu despertador duas vezes para ter certeza de que iria disparar. O primeiro teste começaria ás 10h30min da manhã.

E ela precisava tirar dez.

Para conseguir uma bolsa de estudos.

Por que sem isso, a Universidade de Michigan será apenas um sonho inalcançável.

13 de dezembro de 2005
02h45min

Quando o telefone tocou Janie deu um pulo. Durante um momento de confusão, ela pensou ser o despertador, mas pelo quarto toque ela estava correndo para o telefone.

Esperando que fosse Cabel.

Querendo que ele estivesse do lado de fora, esperando para vê-la.

- Alô. -Ela falou, e limpou o sono da voz.

Ela escutou fungadas. – Janieee. -Uma voz chorou.

- Quem é?

- Janieee, sou eu.

- Carrie? O que aconteceu? Onde você esta?

- Oh merda Janie. -Carrie choramingou. – Eu estou em uma enrascada.

- Onde você esta? Você precisa de uma carona? Carrie fique calma, garota. Você esta bêbada?

- Meus pais vão me matar.

Janie suspirou.

Esperou.

Escutou os soluços.

- Carrie onde você esta?

- Estou na cadeia. -Ela finalmente falou, e os soluços recomeçaram.

- O que? Aqui em Fiendridge? O que diabos você fez?

- Você poderia apenas vir aqui me pegar?

Janie suspirou? – Quanto Carrie?

- Quinhentos dólares. Ela falou. – Vou te pagar. Cada centavo, mais juros. Eu prometo. - Ela parou. – Oh e Janie?

- Simm?

- o Stu também esta aqui. -Janie podia sentir Carrie fazendo uma careta ao telefone.

Janie fechou os olhos e passou os dedos pelo cabelo. Ela suspirou novamente. – Vou estar ai em trinta minutos. Pare de chorar.

Carrie murmurou os agradecimentos e Janie a cortou desligando o telefone.

Janie procurou em suas roupas pelo esconderijo do dinheiro que estava esperando para ser depositado no fundo para a faculdade. Ela tinha vinte dólares a menos. – merda. Ela resmungou. Ela saiu do quarto e entrou no quarto da mãe, entre todas as pessoas.

- Aquilo foi o telefone? -A mãe dela estava com os olhos opacos.

- Sim... Janie hesitou. –Eu tenho que ir pegar a Carrie. Ela foi presa. Alguma chance... Alguma chance de você ter vinte dólares sobrando, mãe? Eu te pago amanhã.

A mãe de Janie olhou para ela. – É claro. Ela falou. Ela pegou uma nota de vinte. – Você não precisa me devolver querida.

Se Janie tivesse uma hora para pensar sobre aquela troca, ela talvez chagasse a conclusão de que haveria uma ou duas coisas mais estranhas do que entrar nos sonhos dos outros.

03h28min

Janie subiu os degraus da entrada da frente da delegacia de policia, e é empurrada para dentro pelo vento. Estava ventando furiosamente. Ela olhou ao redor e o oficial sinalizou para ela passar no detector de metais e pela checagem de segurança. O policial era Rabinowitz. Ela sorriu, sabendo que ele não sabia quem ela era.

- Através da porta. Pagamentos apenas com dinheiro ou cartão. Nada de cheques. Ele falou como havia falado milhares de vezes antes.

Janie os escutou antes mesmo de empurrar a porta. Havia uma pequena fila de pais sonolentos na frente dela. Alguns deles estavam agindo mais pateticamente que Carrie ao telefone. Ela olhou o corredor e viu as barras das celas.

Ela se perguntava se ele estaria ali. E então ela viu Melinda sendo levada por um policial e pelo pai. Seu rosto estava manchado de rímel e lágrimas, e ela parecia terrível. O pai a segurava pelo braço parecendo zangado, a levando para fora. Janie olhou para o chão quando Melinda passou. Ela sentia pena dela.

Os próximos três estudantes ela também conhecia, e pode ver a humilhação deles. Finalmente Janie era a única pessoa junto á mesa. Ela pegou os mil dólares em dinheiro e os contou.

- Por quem você esta aqui? -Perguntou o guarda.

- Carrie Brandt e Stu, ah... -Ela revirou sua memória á procura do sobrenome de Stu. – Gardner.

- Identidade, por favor.

Janie pegou sua carteira de motorista e a entregou ao guarda, que a olhou de perto.

Pela primeira vez ele prestou atenção nela.

- Você não tem dezoito anos.

O estomago de Janie se apertou. – não... Ao menos não até o próximo mês. Ela falou.

- Sinto muito garota. Tem que ter dezoito anos.

- Mas...

Merda.

O guarda a ignorou. Ela ficou lá, pensando em todas as coisas que ela sabia, mas não podia revelar. Janie suspirou e sentou em uma das cadeiras para pensar. Ela encostou a cabeça nas mãos. Ela se atreveria tentar se aproximar de Rabinowitz e ver se ele poderia ajudá-la? Mas não... A capitã falou para não falar nenhuma palavra para ninguém. Isso não excluía outros policiais.

- Posso pelo menos ir ate lá atrás, para que ela saiba que eu pelo menos tentei? -Janie pediu.

O guarda olhou para cima. – Você ainda esta aqui? Tudo bem, ótimo. Ele disse. – Dois minutos. -Janie sorriu agradecida e caminhou em direção ás celas.

Ela os vê sentados e deitados nos bancos.

Carrie e Stu estavam juntos.

Shay Wilder e seu irmão. Parecendo irritados, bêbados, drogados, casados, ou qualquer coisa assim.

O senhor Wilder parecendo fodido em mais de uma maneira.

E Cabe. Ele estava deitado no banco como se morasse ali. E Shay, Janie notou feliz, estava o mais distante de Cabel que podia.

Ela mordeu os lábios.

Carrie correu para as barras.

Janie olhou para Carrie. – Querida. -Ela sussurrou. – Eles não me deixaram pagar a fiança. Não tenho dezoito ainda. Estou vendo o que posso fazer tudo bem? -Ela prometeu. – Vou pensar em algo, mesmo se eu tiver que arrastar minha mãe até aqui.

Carrie começou a choramingar. – Oh, é tão terrível ficar aqui trancada. -Ela reclamou.

Janie que havia ficado sem simpatia por Carrie depois de um minuto do telefone ter tocado, apenas olhou para Carrie. – Nossa Carrie. Cale a boca de uma vez. Ou sou capaz de te deixar aqui.

- Não! Falaram as vozes bêbadas de Shay, o irmão, e Stu. Stu e Carrie começaram a discutir.

Janie olhou rapidamente para Cabel que a observava com um leve sorriso no rosto. Ele piscou e acenou discretamente, na direção do senhor Wilder.

Janie olhou.

Ele estava balançando.

Caindo.

Adormecendo.

Ela sentiu uma onda de adrenalina. – Eu, uh, tenho que voltar para as cadeiras, mas vou tirar vocês daqui assim que puder tudo bem? - Janie não olhou outra vez para Cabe.

Ela sentou na cadeira mais próxima as celas, fora da visão do policial na mesa da frente. Ela mal conseguia ver os pés de Cabel no banco. Suas pernas estavam cruzadas nos tornozelos. E ela se lembrou da época em que os jeans dele eram muito curtos, ele parado sozinho esperando o ônibus, á menos de dois anos atrás.

Ela podia escutar Carrie e Stu discutindo, e Shay e o irmão falando ainda mais alto, dizendo para ela superar aquilo e calar a boca.

Então ela estava girando, cega. Ela se agarrou á cadeira e torceu para que ninguém passasse por ali. Ela não pode ver Cabel levantando, usando a distração de Carrie para chegar mais perto das barras, tentando olhar para ela. Tentando falar algo.

Ela só conseguia ver o que estava nos medos e esperanças do senhor Wilder. Ou seriam memórias?

O sonho se intensificou e se transformou em pesadelo. Janie estava sendo jogado de um lado para outro.

Jogada e soprada.

E ela estava tentando ver tudo, através dos olhos e mente de um criminoso.

Ela não viu Cabel durante aquelas duas horas em que o sonho durou, ele caminhou afundando as mãos nos cabelos. Ela não o viu observando, aterrorizado enquanto ela caia de lado para fora da cadeira, como se estivesse morta. Batendo o rosto contra o canto de um carrinho de café.

06h01min

A cabeça dela estava latejando. Pegajosa e fria.

Filetes de sangue desciam por seu rosto até o piso frio.

Ela achava que tinha os olhos abertos, mas sua visão estava demorando muito para voltar.

Ela não conseguia se mover.

Distante ela escuta Cabel chamar por ela, gritando para o guarda.

Carrie estava gritando.

Para Janie tudo estava escuro como a noite.

06h08min

Janie estava sendo levada para uma maca. Ela se concentrou, tentando acordar. Sua cabeça latejava.

Eles a levaram para o saguão da delegacia.

- Pare. -Ela grasnou.

Limpou a garganta e falou novamente.

- Parem.

Dois paramédicos olharam para ela. Ela abriu os olhos, mas apenas um se abriu. Ela conseguia ver sombras.

- Estou bem. Ela disse, e lutou para sentar. – eu às vezes tenho convulsões. Estou bem. Estão vendo?

Ela levantou uma das mãos para provar que estava bem.

E viu sangue.

Seus olhos se arregalaram quando ela se esforçou para ver melhor.

Ela sentiu o rosto. O sangue estava gotejando, fluindo de sua sobrancelha para os cílios.

- Oh merda. Ela falou. – Olha vocês não teriam algumas gazes esterilizadas?

Os paramédicos se entreolharam, e então olharam para ela.

Ela tentou uma tática diferente. – Eu não tenho nenhum seguro, rapazes. Não posso pagar por isso, por favor.

Um dos médicos acenou. – Janie certo? Escute, você estava tendo espasmos no chão. Estava rígida e inconsciente. Você bateu a cabeça no canto de um carrinho de metal enferrujado.

Janie mentiu. – Estou em dia com minha vacina antitetânica, e tenho um teste de matemática daqui a pouco. Meu futuro acadêmico depende disso. Estou falando, que recuso atendimento. Agora me deixem aqui.

Lentamente os paramédicos se afastaram para ela poder levantar. Ela balançou as pernas ainda adormecidas e pesadas pela lateral da cama, justamente quando a capitã Komisky passou pela segurança.

- O que diabos esta acontecendo aqui? -Ela perguntou alto. – O que – ola senhorita Hannagan. Você esta chegando ou saindo?

Janie olhou ao redor, e pegou um punhado de gaze, tentando achar a fonte do sangramento. – Estarei saindo dessa coisa a qualquer momento. - Janie resmungou.

Ela respirou fundo.

Pulou para fora da maca.

E ficou em pé como se fosse em uma prova olímpica.

A capitã observava com um olhar divertido. Ela ofereceu o braço para Janie. – Venha querida. Ela disse. – Parece que você andou ocupada hoje à noite. -Ela acenou para os paramédicos os mandando embora. E eles foram como um raio.

Janie sorriu agradecida e segurou a gaze sobre o olho. Sua camiseta estava manchada de sangue. Parecia que ela estava usando sapatos de cimento, e a cabeça parecia um balão.

- Liguei do caminho e fui informada. -Ela explicou enquanto os paramédicos saiam. – acho que precisamos ter uma conversa no meu escritório.

- Eu... Claro. Que horas são? -Janie havia esquecido de colocar o relógio quando saiu de casa, e ela ficava perdida sem ele.

- Seis e quinze, ou perto disso. -A capitã falou. – Imagino que o senhor Strumheller já teve o suficiente por agora, não acha?

Janie estava tendo problemas para se concentrar. Ela sabia que precisava comer. Ela deu uma risada estremecida. – Acho que isso depende da senhora. -Ela murmurou.

E então ela lembrou.

Carrie e Stu.

- Capitã. Ela falou nervosa. – vim até aqui á algumas horas para tentar libertar minha amiga e o namorado. Eu tenho o dinheiro da fiança, mas só vou completar dezoito anos no mês que vem. Á alguma chance de você...

- É claro.

Janie suspirou aliviada. – Obrigado.

- Antes de entrarmos. -A capitã falou. – vamos lembrar de que você não me conhece. Certo?

- Sim senhora. -Ela disse.

- Boa garota. Vá pegar seus amigos.

06h30min

Carrie correu para fora da cela como se ela estivesse cheia de gás venenoso. Stu a seguiu. Carrie viu Janie coberta de sangue e quase desmaiou, mas Stu e Janie a ignoraram.

- Vocês terão que ir andando. Sinto muito. Janie falou com firmeza. – Tenho que preencher alguns papéis idiotas, por causa do acidente ou algo do tipo. -Ela apontou para o olho e fingiu estar irritada. – Policiais estúpidos.

Stu apertou o ombro de Janie. – Obrigado Janie. -Ele a olhou agradecido. – Você é uma boa amiga. Para nós dois.

Janie sorriu, e Carrie parecendo envergonhada. –Obrigado Janie. Ela falou.

- Estou feliz por você ter me ligado. Janie falou. – Agora vão embora.

06h34min

Janie foi ao banheiro, mantendo a gaze ensangüentada pressionada contra a sobrancelha inchada. Ela olhou no espelho. Era um corte bonito. Estava bem acima da sobrancelha, do arco até onde ela desaparecia, e era reto e limpo. Um dia ela vai desejar ter levado pontos. Mas se ficasse alguma cicatriz seria em um lugar bem sexy.

Ela virou a camiseta do avesso para esconder a ridícula quantidade se sangue que havia saído daquele pequeno corte, e lavou o rosto e as mãos. Ela pegou um punhado de toalhas de papel, as umedeceu e voltou a fazer preção sobre o corte. Então voltou a lavar.

06h47min

Janie saiu do banheiro e Cabel estava lá. Há puxando para o armário. Ele parecia cansado. E aliviado em vê-la.

- Me deixe ver. -Ele disse.

Ela tirou o papel toalha e mostrou para ele o ferimento.

- É bem impressionante. -Ele falou e então ficou serio, seus olhos de um castanho profundo estavam preocupados. – Quando vi que você iria cair eu... -Ele parou e suspirou. – Eu te observei. A maior parte daquelas duas horas, toda vez que eu podia olhar sem parecer suspeito. Fiquei maluco por não poder te ajudar.

Janie que agora estava tremando e ficando tonta, apenas se recostou contra ele.

Ele acariciou as costas dela, descansando o queixo na cabeça dela. – Você tem certeza que esta pronta para uma conversa com o chefe? -Ele perguntou.

Janie assentiu contra o peito dele.

- Vou providenciar algo para você comer, assim que sairmos daqui. Tudo bem?

Ela sorriu. – Obrigado Cabel.

- Me encontre na entrada dos fundos, tudo bem? Você lembra qual é a porta? Vamos precisar nos separar.

- Sim, tudo bem, bem pensado. -Ela murmurou. Cabel caminhou casualmente para a escada e desceu. Janie caminhou em direção da entrada da frente e depois de metade de um quarteirão ela chegou atrás das lojas e prédios. Quando parou na porta sem nome, ela estava suando frio. Ela bateu levemente. A porta se abriu, e ela seguiu Cabel pelas escadas.

O lugar estava animado, e Cabel recebeu alguns tapas nas costas e na cabeça, pelo trabalho da noite passada. – Ainda não chegamos lá. -Ele disse modestamente.

Ele bateu na porta da sala e a capitã ordenou. – Entrem. -Cabel e Janie entraram.

- Vocês dois tem testes hoje, não é? Temos tempo para isso?

- Dez e trinta. Temos tempo de sobra.

A capitã olhou de perto para Janie. – Jesus, Maria e Jose. Ela disse. – Você vai ter uma droga de hematoma até o fim do dia. Você desmaiou?
- Eu... É... Janie deu de ombros. – Eu não faço idéia.

- Sim, eu acho que ela desmaiou. Cabel cortou. – Vou precisar cuidar dela o dia todo. E provavelmente a noite toda também. -Ele completou sério.

A capitã jogou uma borracha nele e o mandou buscar café. – E traga algo para essa pobre garota comer, enquanto você estiver fora, antes que ela se quebre em duas. -Ela abriu a gaveta da mesa e procurou algo dentro. Pegou um kit de primeiros socorros e jogou sobre a mesa um saco de amendoins. – Você pode deslizar para cá? -Ela perguntou. Janie arrastou a cadeira ao redor da mesa.

- Jesus. -A capitã resmungou novamente, e espalhou creme antibiótico sobre o corte. Ela abriu um pacote de bandagens e rapidamente fechou o corte. – Assim esta melhor. Ela falou. – Se a tu mãe, ou pai tiver alguma duvida sobre o que aconteceu diga para ligarem para mim. Eu gostaria de um aviso se eles estiveram dispostos a nos processar. Ela estendeu o pacote de amendoim para Janie. – Coma.

- Sim senhora. -Ela falou agradecida, abrindo o pacote. – A senhora não vai receber nenhuma ligação.

Cabel voltou com três cafés, um pequeno copo com leite, um pacote de muffins e rosquinhas. Ele casualmente colocou o leite e um muffin em frente á Janie e adicionou três porções de creme e açúcar no café dela.

Ela bebeu o leite com ás mãos tremendo, e sentiu o leite deliciosamente gelado descendo por seu corpo. – Excelente. -Ela disse, e respirou fundo.

- Então. -A capitã começou. – Você tem algo para reportar Cabel?

- Sim senhor. Nós chegamos á festa ás dezenove e dez horas, maconha já estava sendo vendida, e pelas vinte e três e trinta a cocaína estava no vidro. Cinco menores e vários adultos cheiravam carreiras. O senhor Wilder me chamou, e discutimos sobre nossa parceria, ele estava feliz com o andamento do negocio. Ele estava semi-coerente, mas drogado, e me falou que tinha um estoque que estava pronto para “ser colocado no mercado”, pelas palavras dele. Aparentemente isso seria o suficiente para o Baker e Cobb, mas estou furioso por não termos o local do estoque. Eles chegaram depois de três minutos e entraram no lugar. Pegando apenas aqueles que foram muito estúpidos para irem pacificamente. E é claro o senhor Wilder e seu dois filhos. A senhora Wilder não estava presente. E eu realmente não acho que ela esteja envolvida com isso. Ele olhou de lado para Janie e se desculpou. – Carrie estava bêbada e acabou brigando. Sinto muito sobre isso.

Janie sorriu. – Talvez a experiência de algum juízo para ela. -Janie falou.

- Pelas duas da manhã, nós estávamos todos no que gosto de chamar de meu lar longe do lar. Cabel continuou. – Janie aqui veio pagar a fiança de Carrie e do namorado, e por sorte o senhor Wilder estava mal o suficiente para cair no sono. E Janie se preparou para a vigem. -Cabel voltou a sentar, quando terminou o relatório.

A capitã assentiu. – Bom trabalho Cabe, como sempre. -Ela virou para Janie. – Janie.-Um alerta. Você não foi contratada por nós, e não pedimos para você nos ajudar nas investigações. Você não tem obrigação de compartilhar o que aconteceu antes de bater a tua cabeça em nosso adorável pedaço de merda chamado carrinho de café, o qual será jogado no lixo logo depois dessa reunião. Mas se você deseja, e acha que tem algo importante para adicionar, eu lhe dou as boas vindas. -Ela escreveu algo em um bloco de anotações e o colocou no bolso, então continuou. – Parece que Cabel está um pouco aborrecido por não termos a localização das drogas, e pessoalmente gostaria de ter essa informação para podermos ir para a sentença máxima. Há alguma chance de você ter captado algo sobre essas linhas? -Ela riu sobre o próprio trocadilho. – Leve o tempo que quiser querida.

Janie estava pensando mais claramente agora, repassando o pesadelo do senhor Wilder. Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça, confusa sobre uma coisa. Então olhou para cima.

- Isso pode parecer bobo, mas o senhor Wilder tem um iate?

- Sim. -Cabel falou de vagar. – Fica em um deposito em algum lugar durante o inverno. Por quê?

Ela ficou calada por um longo tempo. Janie não acreditava o suficiente na própria intuição para falar, mesmo sabendo que não tinha nada a perder.

- Salva vidas laranja? -Ela falou hesitante.

A capitã se inclinou para frente, intrigada, sua voz estava mais suave que o normal. – Não tenha medo de estar errada Janie. Uma pista é uma pista. A maioria delas acabou estando erradas, mas nenhum crime é resolvido sem elas.

Janie assentiu. – Vou poupar vocês do sonho sem fim a menos que queiram escutar tudo. Mas a maior parte me chamou a atenção e fico repetindo isso:

- Estávamos em um iate, e estava ensolarado e bonito no oceano. O que parecia uma ilha tropical despontava a distância, e o senhor Wilder estava seguindo na direção dela. A senhora Wilder estava tomando banho de sol no deck do barco, na parte da frente, você sabe? E então rapidamente o tempo ficou nublado e com vento, a tempestade havia começado, batendo contra o barco, com força, como um furacão, com o vento...

Ela parou, fechou os olhos, e estava nos sonhos. Em transe. – E o senhor Wilder estava ficando com medo, por que toda a vez que ele tentava chegar perto da costa, um daqueles ventos reveses nos empurrava para longe. Como naquele filme em que o Tom Hanks é um naufrago em uma ilha com uma bola de vôlei como bicho de estimação?

Cabel riu. – Acho que o filme se chama Naufrago, Hannagan.

- Sim, tanto faz. -Enquanto isso, a senhora Wilder ainda estava sentada no deck, lendo um livro, indiferente á tempestade. Estranho eu sei. Ele gritava para ela entrar na cabine e pegar os salva-vidas, mas ela não conseguia escutá-lo. E então o barco começou a virar e bateu contra um arrecife, e todos saíram voando para a água. O iate estava em pedaços, e todas as coisas que estavam dentro dele, agora flutuavam ao redor, sendo carregadas pelas ondas.

-A senhora Wilder estava se debatendo e afundando na água, e o senhor Wilder nadou ao redor juntando coisas na água. Ele vê a esposa lutando, e pega um salva-vidas... Havia pelo menos uns quinze flutuando por ali, e ele havia pegado uns oito ou nove deles nos braços. Ele começou a nadar na direção dela...

Janie fechou os olhos e engoliu. A voz dela estava tremula. – Eu achei que ele iria ajudá-la...

Cabel mordeu o lábio.

A capitã ofereceu uma pausa.

Janie balançou a cabeça, tentando não perder a concentração e continuou.

- Ele começou a nadar na direção dela com os coletes salva vidas. Mas ao invés de salvá-la ele disse... Hum... Ele falou, “você pode apodrecer no inferno sua cadela velha”. Então ele nadou passando por ela, em direção á praia, com todos aqueles coletes. Ela respirou. – Como se eles fossem às coisas mais importantes na vida dele. E...

Ela parou.

E continuou com uma voz entranha. – Os coletes não estavam mais flutuando... Eles estavam afundando na água. O puxando para baixo. E ele não os largava.

Janie abriu os olhos e olhou solenemente para a capitã. – Acho que os pacotes que vocês procuram podem estar dentro dos coletes salva vidas.

A capitã já estava ao telefone tentando conseguir um mandato para o iate.

A boca de Cabel estava aberta.

A cabeça de Janie latejava. – Você tem alguma aspirina? Ela sussurrou.

10h30min

Janie e Cabel estavam no exame de matemática.

10h50min

Janie fechou o livro de respostas que estava em branco, e lágrimas salgadas e silenciosas desciam por sua bochecha, ela levantou, entregou a prova e ela saiu da sala de aula, todos na sala a estavam encarando. Cabel escreveu mais algumas repostas, esperou alguns minutos e também saiu. Inicialmente ele procurou no estacionamento, mas quando viu o carro dela sendo lentamente coberto pela neve, ele respirou aliviado, por ela não estar dirigindo em meio aquela tempestade de neve. Ele voltou para dentro da escola e procurou nas salas.

Ele finalmente a encontrou, desmaiada na mesa da biblioteca.

Ela a pegou.

E a levou para o hospital.

No caminho ele ligou para a capitã. E contou o que estava acontecendo. Sugerindo que aquela não seria uma boa hora para Janie ficar presa no sonho de alguém, em uma sala de espera de um hospital.

Quando chegaram à emergência, eles foram levados para uma sala particular. Cabel sorriu - Eu adoro esse trabalho. -Ele murmurou.

Janie estava desidratada. Era tudo.

Eles lhe deram soro, e então Cabel a levou para a casa dele. Ela dormiu por um longo tempo. Ele também dormiu, no sofá.

Ela colocou a culpa na água salgada.

Gloria e esperança.

16 de dezembro de 2005
16h30min

Cabel e Janie estavam sentados no escritório da capitã.

Ela entrou.

Sentou atrás da mesa e tomou um gole de café. Cruzou as pernas. Se reclinando na cadeira e olhou para os dois adolescentes.

- Nós os pegamos. -Ela falou. Começando a rir e então gargalhando, como se tivesse ganhado na loteria.

E jogou um envelope na direção de Janie.

Dentro:

Um contrato.

Uma oferta de bolsa escolar.

Um cheque.

- Leia isso. E me avise se estiver interessada. A capitã falou. E parou.

- Bom trabalho Janie.

25 de dezembro de 2005
23h19min

Janie limpou os últimos farelos do bolo congelado no lar Heather, fez a ronda, dando um adeus silencioso para os residentes adormecidos, e deu um abraço de agradecimento na diretora. Ela pegou um balão vermelho da mesa do bolo, virou e passou pela porta uma ultima vez., atravessou o estacionamento caminhando lentamente na direção da Ethel.

Dirigiu para casa, e abriu caminho na neve até a casa de Cabel.

Abriu a porta.

E entrou.

Ele estava esperando, com um sonho para ela.

Ela deslizou na escuridão deitando contra o corpo dele. Ela beijou o ombro dele. Ele pegou a mão dela. Entrelaçando os dedos nos dela. A segurando com força.

E então eles estavam no sonho, através da ligação dos dedos.

Olhando á eles mesmos juntos.

Apanhando sonhos.

Wake - Lisa Mcmann

Traduções e Digitalizações
Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057
Blog – http://tradudigital.blogspot.com/
Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm
Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Traduzido por:
Nelda Mews Farias
Colaboração:
Dany Rocha